

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

**FAKE NEWS NA AMÉRICA LATINA: PROCESSOS ELEITORAIS NO  
BRASIL E BOLÍVIA (2018 E 2019)**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de título de mestre no Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo.

Lydia Abud Lopes

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. André Chaves de Melo e  
Silva

O conteúdo deste exemplar consta com alterações elaboradas em atenção às sugestões dos membros da comissão julgadora na sessão de defesa do trabalho.

São Paulo, 2024

*As falsas notícias, em toda a multiplicidade das suas formas - simples boatos, imposturas, lendas - preenchem a vida da humanidade. Como nascem? A que elementos vão buscar a sua substância? Como se propagam, como ganham amplitude à medida que passam de boca em boca ou de escrita em escrita? Não há questão que mais do que esta mereça apaixonar quem quer que tenha o gosto pela reflexão sobre história (BLOCH, March, Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra, 1921).*

*Num mundo incompreensível e em perpétua mudança, as massas haviam chegado a um ponto em que, ao mesmo tempo, acreditavam em tudo e em nada, julgavam que tudo era possível e que nada era verdadeiro. [...] A propaganda de massa descobriu que o seu público estava sempre disposto a acreditar no pior, por mais absurdo que fosse, sem objetar contra o fato de ser enganado, uma vez que achava que toda afirmação, afinal de contas, não passava de mentira. [...] Se recebessem no dia seguinte a prova irrefutável da sua inverdade, apelariam para o cinismo; em lugar de abandonarem os líderes que lhes haviam mentido, diriam que sempre souberam que a afirmação era falsa, e admirariam os líderes pela grande esperteza tática (ARENDDT, Hannah, Origens do totalitarismo, 1951).*

O conteúdo deste exemplar consta com alterações elaboradas em atenção às sugestões dos membros da comissão julgadora na sessão de defesa do trabalho.

## ÍNDICE

<b>RESUMO.....</b>	<b>4</b>
<b>RESUMEN.....</b>	<b>5</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>6</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>Objetivos.....</b>	<b>8</b>
<b>Metodologia.....</b>	<b>12</b>
<b>Estrutura.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 - <i>FAKE NEWS</i> E AS ELEIÇÕES DE 2018 NO BRASIL.....</b>	<b>17</b>
<b>Pós-verdade, fake news e desinformação.....</b>	<b>19</b>
<b>Eleições de 2016 nos EUA: o caso Donald Trump.....</b>	<b>22</b>
<b>O ovo da serpente no Brasil: as Jornadas de Junho.....</b>	<b>24</b>
<b>Eleições 2018: contextualizando do caso brasileiro.....</b>	<b>26</b>
<b>A origem do <i>kit gay</i>.....</b>	<b>28</b>
<b>As <i>fake news</i> e sua amplificação nas redes sociais.....</b>	<b>33</b>
<b>As fábricas de <i>fake news</i>.....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO 2 - EVO MORALES, IMPERIALISMO E AS <i>FAKE NEWS</i> NAS ELEIÇÕES DA BOLÍVIA EM 2019.....</b>	<b>42</b>
<b>A trajetória de Evo Morales na Presidência da Bolívia (2005-2019) .....</b>	<b>43</b>
<b>As <i>Fake news</i> e o Referendo de 2016.....</b>	<b>44</b>
<b>Eleições de 2019 na Bolívia.....</b>	<b>46</b>
<b>Interferências do imperialismo na América Latina no século XX.....</b>	<b>48</b>
<b>Guerras híbridas: as reconfigurações do imperialismo na América Latina.....</b>	<b>50</b>
<b>O uso político das <i>fake news</i> nas eleições da Bolívia de 2019.....</b>	<b>53</b>
<b>Encontros do governo Bolsonaro com opositores de Evo Morales e o uso de robôs no processo eleitoral da Bolívia.....</b>	<b>56</b>
<b>O polêmico relatório da OEA e a reação da imprensa.....</b>	<b>58</b>
<b>CAPÍTULO 3 - USO POLÍTICO DAS <i>FAKE NEWS</i> NAS ELEIÇÕES DO BRASIL (2018) E DA BOLÍVIA (2019): SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS:</b>	<b>62</b>
<b>Questões do método comparativo.....</b>	<b>63</b>

<b>Fake news nas eleições brasileiras de 2018 e da Bolívia de 2019: semelhanças e diferenças.....</b>	<b>67</b>
<b>Semelhanças.....</b>	<b>68</b>
<b>Sociedades polarizadas: terreno fértil para a propagação de <i>fake news</i>.....</b>	<b>68</b>
<b>O disparo em massa de <i>fake news</i> por <i>WhatsApp</i> e as contas robôs.....</b>	<b>71</b>
<b>Direita ou esquerda: quem explora mais e melhor as <i>fake news</i>?.....</b>	<b>73</b>
<b>Pautas que levantam questões de cunho moral.....</b>	<b>75</b>
<b>Diferenças.....</b>	<b>76</b>
<b>Análise dos questionários.....</b>	<b>80</b>
<b>Formulário - Eleição no Brasil 2018.....</b>	<b>81</b>
<b>Formulário - Eleição na Bolívia 2019.....</b>	<b>85</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>108</b>

## RESUMO

A mentira sempre foi uma arma de guerra e uma ferramenta com capacidade para virar o jogo em eleições. No entanto, no mundo contemporâneo, tecnologias sofisticadas, capazes de coletar uma infinidade de dados dos usuários das redes sociais e produzir o envio em massa de mensagens para milhões de pessoas, têm colocado as democracias frente a novos desafios.

Utilizando-se de instrumentos como as redes sociais, a difusão de notícias falsas tem sido largamente aplicada nos processos políticos em todo o mundo. Na América Latina, a transmissão em massa de *fake news* é apontada como um elemento-chave nas disputas políticas, intervindo nos processos eleitorais e contribuindo para a desestabilização da democracia.

Esta pesquisa buscou compreender como as *fake news* influenciaram as eleições do Brasil de 2018 e da Bolívia de 2019. Para isso, abordamos os contextos sócio-políticos que precederam as eleições em cada país, além de comparar ambos os cenários, buscando traçar as semelhanças e diferenças de cada caso. Desta forma, identificamos que as *fake news* e a desinformação foram capazes de influenciar a escolha dos candidatos nas eleições presidenciais de ambos os países.

**PALAVRAS-CHAVES:** *Fake news*, desinformação, América Latina, processos eleitorais, democracia, Brasil, Bolívia.

## RESUMEN

Las mentiras siempre han sido un arma de guerra y una herramienta capaz de cambiar el rumbo de las elecciones. Sin embargo, en el mundo contemporáneo, las tecnologías sofisticadas, capaces de recopilar innumerables datos de los usuarios de las redes sociales y enviar mensajes masivos a millones de personas, han enfrentado a las democracias con nuevos desafíos.

Utilizando instrumentos como las redes sociales, la difusión de noticias falsas se ha aplicado ampliamente en procesos políticos en todo el mundo. En América Latina, la transmisión masiva de noticias falsas es vista como un elemento clave en las disputas políticas, interviniendo en los procesos electorales y contribuyendo a la desestabilización de la democracia.

Esta investigación buscó comprender cómo las noticias falsas influyeron en las elecciones de Brasil en 2018 y Bolivia en 2019. Para ello, abordamos los contextos sociopolíticos que antecedieron a las elecciones en cada país, además de comparar ambos escenarios, buscando delinear las similitudes y diferencias en cada caso. De esta manera, identificamos que las fake news y la desinformación fueron capaces de influir en la elección de los candidatos en las elecciones presidenciales de ambos países.

**PALABRAS-CLAVE:** Fake news, desinformación, América Latina, procesos electorales, democracia, Brasil, Bolivia.

## **ABSTRACT**

Lies have always been a weapon of war and a tool capable of turning the tide in elections. However, in the contemporary world, sophisticated technologies, capable of collecting countless data from social media users and sending mass messages to millions of people, have faced democracies with new challenges.

Using instruments such as social networks, the dissemination of fake news has been widely applied in political processes around the world. In Latin America, the mass transmission of fake news is seen as a key element in political disputes, intervening in electoral processes and contributing to the destabilization of democracy.

This research sought to understand how fake news influenced the elections in Brazil in 2018 and Bolivia in 2019. To do this, we addressed the socio-political contexts that preceded the elections in each country, in addition to comparing both scenarios, seeking to outline the similarities and differences in each case. In this way, we identified that fake news and disinformation were capable of influencing the choice of candidates in the presidential elections in both countries.

**KEYWORDS:** Fake news, disinformation, Latin America, electoral processes, democracy, Brazil, Bolivia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas, pesquisadores, professores, entrevistados, familiares e amigos que, com diferentes contribuições, tornaram esse trabalho possível. Desculpando-me desde já por eventuais omissões, não posso deixar de citar a ajuda de Ana Flávia Marques, Camila Fresca, Cláudia Toni, Dulce Novaes, Fernando Morais, Flávia Toni, Flávia Prando, Florinda Abud Bataglini, Isabel Mercado, Ivonete Melo, Juan Araos Chaparro, Karolina Von Sydow, Katia Maria Abud, Laís Abud Lopes, Livia Medina, Marcella Torres Belmiro, Maria Inês Higuchi, Marta Cristina Araújo, Nelson Lage Lopes, Paulo Okamoto, Sérgio Amadeu da Silveira, Sueli Prado, Thaynara Floriano, Vanessa Martina Silva, Verônica de Araújo e Wilbert Vilca López. E a todos que dedicaram seu tempo para responder aos questionários.

Agradeço também aos professores Júlio César Suzuki e Benedito Dielcio Moreira pelos valiosos conselhos dados durante a Banca de Qualificação.

Por fim, devo agradecer ao apoio, confiança e amizade de meu orientador, André Chaves de Melo e Silva, figura fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender como as *fakes news*, aliadas à tecnologia, influenciaram os resultados eleitorais no Brasil em 2018 e na Bolívia em 2019, comparando os métodos e resultados de cada caso. Para isso, analisamos os cenários políticos e sócio-culturais nos períodos recentes que antecederam as eleições em cada país. Nossa hipótese de trabalho levantada, portanto, foi: as *fakes news* influenciaram ou alteraram os resultados eleitorais na disputa presidencial de 2018 no Brasil e na Bolívia em 2019?

Para melhor compreender como determinadas *fake news* entram na consciência das pessoas, buscamos estabelecer um diálogo com a psicologia social. Para isso, apoiamos-nos na concepção teórica de representações sociais do sociólogo e psicólogo social romeno Serge Moscovici. O autor afirma que, embora o conceito de representações sociais lhe tenha chegado através de Durkheim, sua visão é diferente da do sociólogo francês. Segundo Moscovici, Durkheim tem uma visão bastante estática dessas representações sociais.

Para o autor romeno, as pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam (MOSCOVICI, 2005, p. 45). As representações sociais, portanto, estão sempre em movimento:

As representações sociais que me interessam não são nem as das sociedades primitivas, nem as suas sobreviventes, no subsolo de nossa cultura, dos tempos pré-históricos. Elas são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta com a heterogeneidade e a flutuação dos sistemas unificadores - as ciências, religiões e ideologias oficiais - e com as mudanças que elas devem sofrer para penetrar a vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum. Os meios de comunicação de massa aceleraram essa tendência, multiplicaram tais mudanças e aumentaram a necessidade de um elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais. Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de re-constituir o "senso comum" ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar (MOSCOVICI, 2005, p. 48).

Levamos em consideração a premissa de que toda realidade é representada, ou seja, ela é apropriada ou reapropriada pelo indivíduo ou grupo. A partir daí, ela é reconstruída pelo seu sistema cognitivo e incorporada ao seu conjunto de valores e normas, que são estruturados a partir do contexto social e ideológico em que está inserido. Portanto, é a partir desse sistema de referências que cada indivíduo ou grupo dá sentido às suas condutas e compreende a realidade. Assim, trataremos as *fake news* como um fenômeno de representação social, pois são objetos de discussão de grupos que atuam no cotidiano e no imaginário das pessoas. Isto nos auxiliará na análise da relação que as pessoas criaram com as *fake news* durante o processo eleitoral.

Exemplos de difusão de notícias falsas em busca de vantagens políticas não são novidade na história. Na abertura do livro *Novos Combates Pela História*<sup>1</sup>, Carla Bassanezi Pinsky e Jaime Pinsky citam a história do Faraó Ramsés II, do século XIII antes de Cristo, que mandava apagar os nomes dos construtores dos monumentos egípcios para assinar as obras com seu próprio nome. “Mas nunca se mentiu em escala e profundidade como nos dias de hoje, com uma tecnologia sofisticada, que permite o envio simultâneo de milhares de mensagens a receptores do mundo inteiro”, prosseguem os autores. E além de permitir o envio em massa de *fake news*, essa “tecnologia sofisticada” também é capaz de coletar uma infinidade de dados dos usuários das redes. Pode-se assim identificar a tendência política de cada pessoa colocando-as em grupos com mais propensão a determinado posicionamento; mais tendência ao medo, por exemplo. Com tais instrumentos, a capacidade de manipular o voto e influenciar uma eleição aumenta alarmantemente.

Em seu livro *Os Engenheiros do Caos: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*, lançado em novembro de 2019, o escritor e cientista político Giuliano da Empoli detalha como Stevie Banon montou seu império de desinformação e *fake news*. E como agiu para que esse modelo se espalhasse pelo mundo afora.

Bem longe de se resumir ao aspecto anedótico, essa colaboração tem consequências consideráveis no plano geopolítico, e já modificou os contornos do ciberespaço, pelo desenvolvimento de uma cadeia global de pessoas capazes de conduzir operações de desinformação de um canto a outro do planeta. Além do mais, gera relações e trocas de experiências que

---

<sup>1</sup> PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadores). **Novos Combates Pela História – Desafios, Ensino**, São Paulo: Editora Contexto, 2021, 256 p.

permitem aos nacional-populistas replicar, por diversos países, os modelos de campanhas mais eficazes. (EMPOLI, 2019, p. 24-25)

Em diversas partes do mundo foram usadas as mesmas estratégias digitais de disparo em massa de *fake news* e obtenção ilegal de dados de usuários de redes sociais para, de acordo com os perfis acessados, bombardear mensagens que apelam para medos, construindo inimigos ao demonizar grupos, religiões e ideologias políticas.

Nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil, o candidato Jair Bolsonaro divulgou amplamente uma série de notícias falsas sobre o seu oponente, Fernando Haddad. Discutiremos se a direita se utiliza e se beneficia mais das fake news do que a esquerda. E compararemos como essa questão se desenvolveu nas eleições brasileiras, em 2018, e nas eleições bolivianas, em 2019. Utilizaremos aqui, para averiguar a veracidade das notícias, a agência Lupa<sup>2</sup>, a primeira do setor de checagem de fatos a ser criada no Brasil. Ela está ligada ao site *Folha de S. Paulo* e seus trabalhos estão diretamente atrelados a fatos compartilhados em período de eleição.

Para a checagem das notícias falsas utilizadas para desestabilizar as eleições bolivianas usaremos o portal Bolívia Verifica<sup>3</sup>. O portal se define como uma mídia digital independente, sem fins lucrativos, que visa verificar notícias e discurso público para combater a desinformação e melhorar a participação democrática.

Mais do que uma coincidência temporal, os acontecimentos na Bolívia e no Brasil guardam laços estreitos que ainda estão por ser totalmente esclarecidos.

Conforme a história do Faraó Ramsés II já revelava, as fake news estão longe de serem invenções contemporâneas. Há pouco mais de um século, a Gripe Espanhola produziu no Brasil e no mundo situações similares. De janeiro de 1918 a dezembro de 1920, a Gripe Espanhola infectou uma estimativa de 500 milhões de pessoas em todo o mundo (cerca de um quarto da população mundial na época) e notícias falsas responsabilizando os alemães por espalharem a doença saíam aos montes nos jornais. À época, um artigo de *A Careta* noticiou:

---

2

[https://lupa.uol.com.br/?utm\\_source=googleads&utm\\_medium=searchads&utm\\_campaign=institucional&qad\\_source=1&qclid=Cj0KCQiA5rGuBhCnARIsAN11vgSPAJAMic9I2Oq1AlpOLJ3W4r7-S-U7Rq8uxRGmtO5JlPIHI5kUr3laAvOQEALw\\_wcB](https://lupa.uol.com.br/?utm_source=googleads&utm_medium=searchads&utm_campaign=institucional&qad_source=1&qclid=Cj0KCQiA5rGuBhCnARIsAN11vgSPAJAMic9I2Oq1AlpOLJ3W4r7-S-U7Rq8uxRGmtO5JlPIHI5kUr3laAvOQEALw_wcB), último acesso em 14/02/24.

<sup>3</sup> <https://boliviaverifica.bo/>, último acesso em 14/02/2024.

A influenza espanhola e os perigos do contágio — esta moléstia é uma criação dos alemães que a espalham pelo mundo inteiro, por intermédio de seus submarinos, (...) nossos oficiais, marinheiros e médicos de nossa esquadra, que partiram há um mês, passam pelos hospitais do front, apanhando no meio do caminho e sendo vitimados pela traiçoeira criação bacteriológica dos alemães, porque em nossa opinião a misteriosa moléstia foi fabricada na Alemanha, carregada de virulência pelos sabichões teutônicos, engarrafada e depois distribuída pelos submarinos que se encarregam de espalhar as garrafas perto das costas dos países aliados, de maneira que, levadas pelas ondas para as praias, as garrafas apanhadas por gente inocente espalhem o terrível morbus por todo o universo (A CARETA, 1918, APUD GOULART, 2005, p.103).

Outro artigo da mesma revista afirmava que a ameaça da gripe espanhola trazia um perigo bem maior, o da “medicina oficial, da ditadura científica”, pois a Diretoria Geral de Saúde Pública, “tomando providências ditatoriais, ameaçava ferir os direitos dos cidadãos com uma série de medidas coercitivas (...) preparando todas as armas da tirania científica contra as liberdades dos povos civis”<sup>4</sup>.

Atualmente, no entanto, as *fake news* são potencializadas por aliados como as redes sociais e seus algoritmos, além de aplicativos de mensagens como o *WhatsApp*. Em seu livro *A Máquina do Ódio, notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*, a jornalista Patrícia Campos Mello destrincha o esquema de instrumentalização das redes sociais como armas de desinformação armado durante a campanha presidencial no Brasil, em 2018.

Pesquisa da consultoria Ideia Big Data realizada no Brasil em 2019 mostra que 52% das pessoas confiam em notícias enviadas pela família em mídias sociais, e 43% confiam naquelas mandadas por amigos. Tudo isso faz do WhatsApp um veículo assustadoramente eficiente para disseminar propaganda política — ou desinformação. Segundo uma pesquisa encomendada pelo Senado e publicada em novembro de 2019, 79% dos brasileiros usam sempre o WhatsApp como fonte de informação mais importante. A TV é a principal fonte de informação para 50% dos brasileiros, seguida de YouTube (49%), Facebook (44%), sites de notícias (38%) e rádio (22%). Os jornais constituem a fonte primordial de informação de apenas 8% dos brasileiros, na frente apenas do Twitter (7%). Vários desses veículos — WhatsApp, YouTube, Facebook e sites de notícias (muitas vezes falsas) — são, na realidade, copiosos mananciais de desinformação. Na eleição de 2018 no Brasil, um volume colossal de notícias falsas, meias verdades e descontextualizações saturou as redes sociais dos brasileiros (MELLO, 2019, p. 26-27).

---

<sup>4</sup> **A Careta**, n. 538, 12.10.1918, p. 28, APUD GOULART, A. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro, p.104.

Em nosso trabalho, discutimos o esquema de disparo em massa de *fake news* e como ele influenciou o processo eleitoral brasileiro em 2018. Na Bolívia, desde 2016, quando foi realizado o referendo para decidir se Evo Morales poderia se candidatar pela quarta vez consecutiva à Presidência, uma tormenta de *fake news* começou a circular no país, em especial a que dizia respeito a um filho morto de Morales. Analisamos também os acontecimentos políticos nos anos que antecederam as eleições de 2018 no Brasil e 2019 na Bolívia, assim como os processos eleitorais em si e a forma como a desinformação e as notícias falsas desestabilizaram os processos eleitorais desses países.

## Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a realização de entrevistas com estudiosos, acadêmicos e jornalistas de cada país; pesquisa documental, com base em bibliografia especializada; e fontes primárias. Realizamos também a aplicação de questionários com indivíduos de nacionalidade brasileira e boliviana, maiores de 18 anos de idade, usuários de redes sociais, de diversos níveis de escolaridade, religião indiferente, condição financeira indiferente.

Os questionários foram compartilhados via *WhatsApp* através de link do *Google Forms*. Os participantes não tiveram sua identidade revelada. No Brasil, distribuimos o link do formulário através de grupos de *WhatsApp* de estudantes das universidades ECA-USP do curso de Educomunicação, estudantes de jornalismo da UNIP, e para dois grupos de *WhatsApp* de igrejas evangélicas.

O questionário destinado aos brasileiros contou com 9 perguntas, sendo 7 respostas de múltipla escolha e 2 respostas discursivas. Optamos por não abordar os aspectos conceituais sobre o que cada um entende como *fake news*, para que cada respondente se guiasse por sua experiência factual e individual. A primeira pergunta, NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018, A NOTÍCIA DE QUE SERIA INTRODUIDO UM "KIT GAY" NAS ESCOLAS CASO FERNANDO HADDAD VENCESSE AS ELEIÇÕES CHEGOU ATÉ VOCÊ?, abordou a notícia sobre o chamado *kit gay* e sua recepção<sup>5</sup>.

Em seguida, abordamos a forma como a notícia foi transmitida, para que pudéssemos analisar o papel que as redes sociais tiveram na difusão de *fake news* e, em última instância, na

---

<sup>5</sup> A seguir, abordamos os critérios utilizados para a escolha de cada notícia contida nos questionários brasileiro e boliviano.

própria eleição. Assim, em forma de múltipla escolha, havia quatro respostas disponíveis: REDES SOCIAIS (FACEBOOK, INSTAGRAM, TWITTER) ou WHATSAPP ou ALGUÉM TE CONTOU ou VEÍCULO DE NOTÍCIA.

As duas perguntas seguintes dizem respeito ao convencimento por terceiros: ALGUÉM TENTOU TE CONVENCER QUE ESSA NOTÍCIA ERA FALSA? e ALGUÉM TENTOU TE CONVENCER QUE ESSA NOTÍCIA ERA VERDADEIRA? Tais questões procuraram mapear a existência das chamadas bolhas de informação, quando as pessoas são expostas na internet a informações e opiniões semelhantes às suas próprias crenças e perspectivas. As "bolhas" são estimuladas pelos algoritmos das redes sociais e acabam por reduzir drasticamente o pensamento contraditório, uma vez que as pessoas são expostas quase que exclusivamente a fatos que corroboram seu ponto de vista e a opiniões semelhantes às suas.

A pergunta seguinte, ESSA NOTÍCIA INFLUENCIOU A ESCOLHA DO SEU VOTO?, admitia, tal como as duas anteriores, apenas duas respostas: SIM ou NÃO. Em caso de resposta afirmativa, pedimos para que o respondente explique os motivos.

Finalmente, a fim de entender até que ponto valores religiosos afetaram a eleição, perguntamos se para o entrevistado seria importante que seu candidato à Presidência demonstrasse estar alinhado com valores cristãos. As respostas admitidas eram SIM, NÃO ou INDIFERENTE.

O questionário destinado aos cidadãos bolivianos contou com 12 perguntas, sendo 9 respostas de múltipla escolha e 3 respostas discursivas e, na medida do possível, procurou espelhar o questionário destinado aos brasileiros, adaptando-o às peculiaridades do caso boliviano. Assim, abordamos a notícia que permeou todo o processo de votação do referendo de 2016, sobre um suposto filho morto de Evo Morales. As demais perguntas, assim como no questionário destinado aos brasileiros, dizem respeito ao papel que as redes sociais tiveram na disseminação de *fake news* durante as eleições, bem como a investigação sobre a formação de bolhas de informação.

No caso boliviano, a fim de entender quem se utilizou mais das *fake news* - esquerda ou direita -, adicionamos a pergunta: LAS NOTICIAS QUE SE HAN CONFIRMADO FALSAS IBAN EN CONTRA. Havia cinco opções de resposta, que procuravam mapear se as notícias falsas que os respondentes receberam eram contra Evo Morales ou Carlos Mesa; ou em sua maior parte relacionadas a um candidato ou outro; ou ainda se chegavam igualmente contra os dois candidatos.

Na Bolívia, contamos com a ajuda de nossos entrevistados, o professor universitário Juan Eduardo Araos Chaparro, que distribuiu entre seus alunos o questionário (também via

grupo de WhatsApp) e a jornalista Isabel Mercado, que enviou o link do formulário para colegas e familiares.

Responderam ao questionário 84 pessoas, sendo 46 indivíduos de nacionalidade brasileira e 38 de nacionalidade boliviana.

Para tratar da comparação entre os casos brasileiro e boliviano, nos apoiamos nas concepções teóricas sobre metodologia comparada tratadas pela historiadora Maria Ligia Coelho Prado em seu artigo *Repensando a História Comparada da América Latina*, e nos estudos sobre comparação nas Ciências Sociais do cientista político Leonardo Morlino e do sociólogo Giovanni Sartori.

## **Estrutura**

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, “*Fake news* e as eleições de 2018 no Brasil”, contextualizamos o ambiente no qual se desenvolveram as eleições do país em 2018. Buscamos analisar os acontecimentos políticos recentes que antecederam as eleições de 2018, a fim de compreender como a sociedade chegou a tal ponto de polarização.

Discutimos o caso brasileiro das contas robô que operaram durante a eleição de 2018, abordando como a chegada da Big Data alterou os cenários políticos no mundo. Discutimos as mudanças de paradigma na política do século XXI, a partir de sua relação com a tecnologia e como os algoritmos das redes sociais vêm interferindo na política e nos processos democráticos. Notícias falsas, teorias da conspiração, falas polêmicas com conteúdos absurdos - amplamente utilizadas por agentes políticos como Trump e Bolsonaro -, são comprovadamente mais distribuídas nas redes sociais do que qualquer outro tipo de conteúdo.

Exploramos os conceitos de representações sociais propostos por Moscovici, que nos auxiliam na compreensão da dinâmica das interações sociais e lançam luz nos principais fatores que contribuem para o desenvolvimento das práticas sociais dos sujeitos no espaço digital. Neste capítulo, discutimos também os conceitos de Pós-verdade, *fake news* e desinformação.

Contamos com a entrevista com o sociólogo e professor da Universidade Federal do ABC Sérgio Amadeu da Silveira, que nos ajudou a compreender como os algoritmos das plataformas de redes sociais tendem a privilegiar determinados conteúdos que têm maior grau de espetacularização. E como esse tipo de ação pode influenciar as pessoas na escolha do voto, ou seja, pode interferir nos resultados das eleições.

Escolhemos abordar uma notícia falsa que circulou amplamente durante a eleição brasileira de 2018, sobre o *kit gay*. As *fake news* em torno do assunto tiveram origem em um material sobre sexualidade que integrava o programa Escola Sem Homofobia, do Ministério da Educação (MEC), mas que ainda estava em análise pelo órgão quando veio a público, em 2010. Em 2018, a notícia falsa foi recuperada e se juntou a outras que, durante a campanha presidencial, destacavam pautas morais, que acabaram ditando grande parte da campanha eleitoral.

Questões relacionadas a valores religiosos e comportamentais ganharam destaque e influenciaram a agenda política do país. Um exemplo disso foi a discussão em torno dos temas relacionados à família e aos costumes. A defesa da chamada "família tradicional" foi um dos principais pontos abordados pelo candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro. Legalização do aborto, identidade de gênero e o casamento homoafetivo foram alguns dos assuntos explorados de diferentes formas pela direita, inclusive se utilizando de mentiras e falsas notícias relacionadas a esse tema. Pela grande repercussão alcançada e por ser exemplar em como as pautas morais foram exploradas nesta eleição, a fake news do Kit Gay foi escolhida como estudo de caso em nosso trabalho.

No capítulo dois, “Evo Morales, Imperialismo e as *fake news* nas eleições da Bolívia em 2019”, analisamos a trajetória política de Evo Morales, e os acontecimentos que antecederam as eleições de outubro de 2019 no país, incluindo como se formou o cenário para o golpe que o destituiu da Presidência e a entrada de Jeanine Añez como presidenta interina do país. Assim como no Brasil de 2018, a Bolívia chegou às eleições de 2019 com uma sociedade extremamente polarizada. Discutimos os motivos que levaram a essa polarização.

Relacionamos as intervenções do imperialismo estadunidense na América Latina na segunda metade do século XX, assim como as reconfigurações do imperialismo e o consequente surgimento das guerras híbridas no século XXI, a um dos motivos que levaram o país ao cenário de violência e extremismo que assistimos durante o processo eleitoral de 2019. Por fim, abordamos o uso político das *fake news* nas eleições da Bolívia de 2019.

Da mesma forma que no Brasil uma questão moral como a do *kit gay* foi amplamente explorada, na Bolívia também houve larga exploração de uma pauta ligada à moralidade e que diz respeito ao suposto filho morto de Evo Morales. Pelo escândalo nacional causado e por seu potencial de influenciar as eleições de 2019, esta notícia foi a escolhida por nós para estudo de caso boliviano neste trabalho.



No capítulo três, “Uso político das fake news na eleições do Brasil (2018) e da Bolívia (2019): semelhanças e diferenças”, mostramos, à luz das referências teóricas e do contexto descrito nos capítulos anteriores, como as *fake news* influenciaram as eleições do Brasil e da Bolívia, traçando as semelhanças e diferenças de cada caso. Na primeira parte do capítulo, nos apoiamos em teorias sobre comparação tratadas pela historiadora Maria Ligia Coelho Prado e nos estudos sobre comparação nas Ciências Sociais do cientista político Leonardo Morlino e do sociólogo Giovanni Sartori.

Por fim, analisamos os dados dos questionários respondidos por bolivianos e brasileiros, e que mostram que as *fake news* e a desinformação foram capazes de influenciar votos, e no caso da Bolívia, também aumentar o caos e violência que tomou conta do país no período pós-eleitoral.

## CAPÍTULO 1

### ***FAKE NEWS E AS ELEIÇÕES DE 2018 NO BRASIL***

Neste capítulo, contextualizamos o ambiente no qual se desenvolveram as eleições do país em 2018 e como as *fake news* foram utilizadas para desestabilizar adversários. A metodologia utilizada foi a realização de entrevistas, pesquisa documental com base em bibliografia especializada e em fontes primárias, e questionários com indivíduos brasileiros, maiores de 18 anos de idade, usuários de redes sociais, de diversos níveis de escolaridade, religião indiferente e condição financeira indiferente.

A mentira sempre foi uma arma de guerra e uma ferramenta com capacidade para virar o jogo em eleições. No entanto, a crença numa mentira é uma experiência que se sustenta a partir de alguma coisa. Nesse sentido, buscamos entender como determinadas mentiras foram aceitas e tratadas como verdade por parte dos cidadãos de cada um dos países estudados. Como já destacado, para isso, buscamos estabelecer um diálogo com a psicologia social nos apoiando na concepção teórica de representações sociais do sociólogo e psicólogo social romeno Serge Moscovici.

Moscovici afirma que as representações sociais são uma construção psicossocial em constante mudança, que se dá a partir das interações e vivências dos indivíduos em seus contextos sociais. As representações sociais são conhecimentos adquiridos, sócio cognitivamente, pelas interações sociais, orientando para a prática social, para a comunicação e para a compreensão de contextos sociais (MOSCOVICI, 2005). Para o autor, as representações são sempre um produto da interação e da comunicação. Ele define uma representação social como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2005).

Na sociedade contemporânea, com intenso predomínio da cultura digital e cujas relações sociais e políticas transitam cada vez mais pelas redes sociais - que, por sua vez, amplificam o alcance das *fake news* - os conceitos propostos por Moscovici de representações sociais nos auxiliam na compreensão da dinâmica das interações sociais e lançam luz nos principais fatores que contribuem para o desenvolvimento das práticas sociais dos sujeitos no espaço digital. Levamos em consideração o conjunto de informações, crenças e anseios sobre as *fake news*, que são mobilizados e compartilhados pelos diferentes grupos analisados.

Em seu livro *A máquina do Caos - como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*, o jornalista estadunidense Max Fischer narra a trajetória das empresas de tecnologia dos Estados Unidos para mostrar como o Vale do Silício se tornou o que é hoje, chegando até a criação das redes sociais - que segundo ele, são provavelmente o maior experimento coletivo da humanidade. Qual o impacto delas no mundo? São ferramentas que apenas refletem a natureza das pessoas, ou estimulam comportamentos extremistas? A partir dessas perguntas, Fisher diseca o funcionamento das grandes empresas de tecnologia do Silício, e alerta para a responsabilidade que nós - as gerações que conheceram o mundo antes das redes sociais - temos diante do cenário atual.

Um ponto importante demonstrado por Fischer é o fato de que nas redes sociais conteúdos que despertam a indignação tendem a ter mais engajamento; por isso, um vídeo conspiratório e falso sobre perigos secretos das vacinas naturalmente despertará mais raiva que um conteúdo correto e informativo sobre a importância de se imunizar contra uma doença. Uma postagem com conteúdo de ultraje moral (postagem com ataques ou ameaças, por exemplo) será muito mais distribuída que outras com conteúdo informativo. O algoritmo que determina o que as pessoas veem nas plataformas de redes sociais vai se certificar de que muitas pessoas vejam posts com conteúdos ofensivos, porque a plataforma promove o engajamento de conteúdo ultrajante (FISCHER, 2023).

Em entrevista especificamente para esta pesquisa<sup>6</sup>, o sociólogo Sérgio Amadeu explica a lógica das plataformas de redes sociais, que, guiadas pelo capitalismo, visam o lucro, e para isso prender os usuários o máximo de tempo possível àquela rede é o caminho. Para alcançar esse resultado, as plataformas de redes sociais usam diversos mecanismos que criam vício e dependência nas pessoas. Segundo Amadeu, recentemente tivemos confirmações da dinâmica desenvolvida pelas empresas de tecnologia (Meta, X, entre outras), por parte de pessoas que

---

<sup>6</sup> Conferir a entrevista completa nos anexos desta dissertação, páginas 101 a 108.

romperam com as big techs: ex-funcionários que denunciaram a prática das plataformas, que corrobora com que os pesquisadores ora diziam sobre ser uma intenção deliberada das plataformas criar mecanismos viciantes dentro das redes.

Neste sentido, tem-se então uma ideia de que as plataformas tendem a privilegiar nos seus algoritmos determinados conteúdos que têm um grau de - vou chamar de espetacularização - muito grande, explica o sociólogo. E por que isso acontece? Segundo Amadeu:

Porque aquele grau de espetacularização acabou envolvendo, chamando atenção de maior número de pessoas. Eles [as plataformas] têm essas informações e hoje as plataformas são empreendimentos que têm mais dados e informações sobre as pessoas do que os estados nacionais. Porque elas são gigantes, estão em vários países e elas têm bancos de dados sobre a população desses países. Por exemplo, quem tem mais dados sobre a população brasileira? O Google ou o IBGE? Eu arrisco dizer que é o Google (ENTREVISTA CONCEDIDA PARA LYDIA ABUD LOPES, 2023).

## 1. Pós-verdade, *fake news* e desinformação

Se, por um lado, as mídias digitais ampliaram a possibilidade de acesso à informação e democratizaram as formas de produção de conteúdos, por outro, hoje, elas também possibilitam a ampla circulação de conteúdos nocivos, como a desinformação. A desinformação é um fenômeno contemporâneo complexo que, conforme propõe o *High level expert group on fake news and online disinformation* (EUROPEAN UNION, 2018, p.3), relatório vinculado à Comissão Europeia, envolve “informações falsas, imprecisas ou enganosas elaboradas, apresentadas e promovidas para intencionalmente causar dano público ou gerar lucro”<sup>7</sup>. Em um ecossistema de informação distribuído, a desinformação se torna um elemento indissociável do próprio consumo informacional e da dieta de mídia atual.

O conceito da pós-verdade não encontra ainda um consenso entre os estudiosos do tema, conforme se verá a seguir. Além disso, o seu caráter multifacetado e interdisciplinar, que aciona âmbitos como a política, psicologia, comunicação, educação e filosofia dificulta ainda mais esse consenso (CRUZ, 2019). Em 2016, o Dicionário Oxford elegeu a pós-verdade como a palavra do ano. O dicionário a define como “Adj. Relacionado a ou denotando circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que apelos à emoção e

---

<sup>7</sup> CONSUMO DE MÍDIAS DIGITAIS NO BRASIL: Um mapeamento das dietas informacionais e dos usos de plataformas digitais no contexto nacional, FGV e CMI, 2023, p. 10.

à crença pessoal” (MCINTYRE, 2018, p.5, APUD). Ou seja, sua definição se refere à situação em que a opinião pública é influenciada mais pela emoção e pela crença pessoal do que por fatos objetivos.

Na sociedade contemporânea, a pós-verdade se tornou um fenômeno cada vez mais presente. Em um mundo no qual a informação está facilmente acessível e é compartilhada instantaneamente nas redes sociais, muitas vezes as pessoas são expostas a uma grande quantidade de notícias, nem sempre verificadas ou precisas. Amaral e Santos demonstram algumas das diferentes definições para a pós-verdade:

Os debates políticos e sociais têm sido dominados pela “pós-verdade”, conceito e processos ainda em evolução, o que dificulta a condensação analítica e explicativa que uma qualquer definição exige e oferece. Se, por exemplo, o Oxford Dictionary (s/d) define “pós-verdade” como um ambiente “relacionado com ou denotando circunstâncias nas quais os factos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais”, Rochlin (2017) fala mesmo em substituição de evidências por crenças pessoais e emoções. Já Lewandowsky et al. (2017) referem-se ao abandono de critérios convencionais de evidência, de coerência e de um processo de verificação de factos (AMARAL et SANTOS, 2019, p. 70).

A pós-verdade não é sinônimo de *fake news*, já que, do ponto de vista histórico, como já demonstrado, a existência de notícias falsas não é um privilégio da contemporaneidade (D'ANCONA, 2018). Jornalista de dados com trabalhos na área do jornalismo de investigação no jornal britânico *The Guardian*, James Ball afirma em seu livro *Post-Truth: How bullshit conquered the world* (Pós-Verdade: como a bobagem conquistou o mundo, tradução nossa) que as *fake news* são o rosto mais visível e episódico da pós-verdade (BALL, 2017). Em estudo já mencionado, Amaral e Santos desenvolvem o que caracterizaria uma *fake news*:

Não sendo também consensuais, todas as definições de *fake news* assumem dois elementos centrais: i). a inclusão de conteúdos deliberadamente falsos; ii). a sua propagação online (Bakir & McStay, 2017; Berkowitz & Schwartz, 2016; Bounegru, Gray, Venturini, & Mauri, 2017; Wardle & Derakhshan, 2017). Rochlin acrescenta de forma explícita o argumento da metodologia e do propósito quando afirma “que é projetado para parecer um site de notícias real (...) [e] ter maior número possível de pessoas a gostar e partilhar a história falsa” (2017, p. 388), confirmando a relevância do elemento emocional nesta dinâmica. Também para Bakir e McStay a economia das emoções é central na propagação das *fake news*, sustentando a relevância de aproveitar estados emocionais para atrair a atenção dos recetores. Nas suas palavras, definem

*fake news* como “totalmente falsas ou contendo elementos deliberadamente enganosos incorporados no seu conteúdo ou no seu contexto” (2018, p. 1) (AMARAL et SANTOS, 2019, p. 71).

O termo *fake news*, por sua vez, também não está associado necessariamente à desinformação. Os autores Wardle e Derakhshan (2017) identificam desinformação de três tipos: “mis-information”, “dis-information” e “mal-information”. Assim, “mis-information” seria a informação falsa que é partilhada mas não tem como objetivo causar danos; já “dis-information” são as informações falsas partilhadas com intuito de causar danos; por sua vez, “mal-information” é uma informação verdadeira da esfera privada que é partilhada na esfera pública para causar danos.

Segundo matéria publicada na [rede BBC](#), as táticas mais usadas para disseminar desinformação e notícias falsas são<sup>8</sup>:

1) Explorar as emoções do espectador. Notícias falsas costumam ser redigidas ou manipuladas de forma a nos causarem raiva, indignação, medo, angústia e, por consequência, provocar o ímpeto de rapidamente compartilharmos aquele conteúdo. É assim que esse conteúdo desinformativo vai ganhando mais alcance.

2) Inventar especialistas quaisquer para sustentar alegações, quaisquer que elas sejam, dando a elas um falso lastro, ou uma falsa aura de importância.

3) Alimentar teorias da conspiração, as quais fornecem a seus seguidores explicações coerentes (mesmo que falsas) e bodes expiatórios ideais para complexos problemas globais. Atraentes, essas teorias costumam gerar bastante engajamento na internet.

Um estudo sobre a desinformação durante a pandemia de Covid-19 publicado em maio de 2021 no periódico [Big Data & Society](#)<sup>9</sup> aponta que quanto mais bem informados de como funciona a elaboração de uma *fake news* mais aptas as pessoas se tornam para não aceitar aquela informação falsa.

No entanto, Max Fischer alerta que o compartilhamento e o engajamento na desinformação não têm relação com nível de instrução ou escolaridade dos usuários. Segundo ele, a maneira com a qual o cérebro reage aos fatos no contexto das redes sociais é o que determina a aceitação de uma *fake news*. Fischer diferencia o lado racional da mente do lado

---

<sup>8</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57842652>, último acesso em 03/01/2024.

<sup>9</sup> <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/20539517211013868#>, último acesso em 03/01/2024.

social – o segundo pode se sobrepor ao primeiro quando exposto a dados falsos que causam revolta e precisam demandar uma reação<sup>10</sup>.

## 2. Eleições de 2016 nos EUA: o caso Donald Trump

As *fake news* passaram a ganhar os holofotes globais em 2016, com a campanha de Donald Trump para as eleições presidenciais dos Estados Unidos. A disputa foi permeada por notícias falsas, geralmente acusações de viés moral contra a adversária, Hillary Clinton. O mentor por trás dessa estratégia era Steve Bannon, responsável pela campanha de Trump. Bannon reconheceu o potencial das redes sociais como uma ferramenta poderosa para alcançar eleitores e espalhar mensagens persuasivas. Através de sites e páginas de mídia social, foram criadas e compartilhadas notícias falsas com o intuito de prejudicar a imagem da então candidata Hillary Clinton. Essas informações, muitas vezes enganosas, visavam influenciar a percepção dos eleitores e afetar negativamente sua decisão de voto.

Um exemplo célebre foi o caso que ficou conhecido como *Pizzagate*: uma teoria da conspiração, criada no submundo da internet, que envolvia membros da campanha de Hillary em crimes de pornografia infantil<sup>11</sup>. Posteriormente, foi revelado que dados das contas de usuários do Facebook foram coletados ilegalmente pela campanha de Trump (cujo estrategista era Steve Bannon) para criar e difundir conteúdos em redes sociais capazes de manipular os resultados eleitorais. Cinquenta milhões de perfis foram invadidos e a partir da análise de dados desses usuários detectou-se o potencial de engajamento de pessoas e grupos com tendências a posicionamentos políticos extremistas. A questão das “notícias falsas” (*fake news*) extrapolou o nível técnico da credibilidade jornalística para recair, como tática de construção e desconstrução de imagens eleitorais, na dimensão política das ameaças internas e externas à democracia (SODRÉ, 2019, p.87).

Em seu livro *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*, lançado em novembro de 2019, o escritor, cientista político e jornalista Giuliano da Empoli

---

<sup>10</sup> <https://piaui.folha.uol.com.br/como-os-algoritmos-hackeiam-mente-humana/>, último acesso em 03/01/2024.

<sup>11</sup> TARDÁGUILA, Cristina. **Brasil importou o que houve de pior na eleição dos EUA e no referendo do Brexit**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/09/24/brasil-eua-brexit-noticias-falsas/>, último acesso em 25 de novembro de 2023.

detalha como Stevie Banon montou seu império de desinformação e *fake news*. E como agiu para que esse modelo se espalhasse pelo mundo afora.

Bem longe de se resumir ao aspecto anedótico, essa colaboração tem consequências consideráveis no plano geopolítico, e já modificou os contornos do ciberespaço, pelo desenvolvimento de uma cadeia global de pessoas capazes de conduzir operações de desinformação de um canto a outro do planeta. Além do mais, gera relações e trocas de experiências que permitem aos nacional-populistas replicar, por diversos países, os modelos de campanhas mais eficazes (EMPOLI, 2019, p. 24-25).

É importante ressaltar uma vez mais que o uso de *fake news* é prejudicial para a democracia pois distorce a realidade e compromete a capacidade dos eleitores de tomar decisões embasadas. A disseminação de informações falsas cria um ambiente de desinformação, minando a confiança nas instituições políticas e sociais. No entanto, é crucial lembrar que as eleições são um processo complexo, e diversos fatores contribuem para o resultado final. Embora a estratégia de Bannon possa ter tido grande impacto, é importante considerar outros aspectos, como as opiniões dos eleitores, a economia, o contexto social e político. E além disso, é importante investigar como determinadas notícias falsas passam a ser aceitas por uma grande parte dos eleitores.

Em diversas partes do mundo foram usadas as mesmas estratégias digitais de disparo em massa de *fake news* e obtenção ilegal de dados de usuários de redes sociais para, de acordo com os perfis acessados, bombardear mensagens que apelam para medos, construindo inimigos ao demonizar grupos, religiões e ideologias políticas. Como na Índia, com Narendra Modi, que criou o app NaMo (as iniciais de Narendra Modi). Investigações jornalísticas mostraram que além de espalhar ódio contra adversários políticos, o app difunde imagens e informações falsas como propaganda. Na Itália, Matteo Salvini desde o início de seu mandato tuíta vídeos e informações falsas que se referem a delitos cometidos por negros ou imigrantes clandestinos. Já no Reino Unido, o disparo em massa de *fake news* foi essencial para o resultado do Brexit<sup>12</sup>. A campanha vitoriosa do Brexit está sendo investigada por uso de dados que permitiram que fosse enviado mais de um bilhão de mensagens personalizadas aos eleitores britânicos durante a campanha.

À época em que Donald Trump iniciava sua campanha para a Presidência dos EUA, poucos foram os analistas políticos daquele país que entenderam o novo cenário que se

---

<sup>12</sup> Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do *Facebook* e o colocou na mira de autoridades: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>, último acesso em 03/01/2024.



formava. O governo Trump encerrou-se em janeiro de 2021, mas não sem deixar suas heranças. No Brasil, as técnicas elaboradas pelo estrategista Steve Bannon serviram e ainda servem de modelo para políticos da extrema-direita, como o ex-presidente Jair Bolsonaro, que importou para sua campanha o mesmo esquema de proliferação de *fake news* via *WhatsApp*. Segundo o professor Muniz Sodré:

A eleição de Trump foi institucionalmente colocada sob suspeita e sujeita a investigação legal por motivos que envolvem a disseminação de informação falsa e a interferência eletrônica de potência estrangeira. Por outro lado, o referendo que levou a Inglaterra a sair do Reino Unido (o Brexit), ingressando numa longa crise política, foi sabidamente orquestrado por mentiras de xenófobos e ativistas de direita (SODRÉ, 2019, p. 88).

Para entender como foi possível que grande número de pessoas passasse a considerar verdadeiras as notícias falsas é preciso levar em consideração que cada pessoa tem suas crenças e valores, e sua interpretação da realidade estará sujeita a esses valores e crenças. Portanto, para pensarmos no impacto que as *fake news* tiveram em determinados grupos ou pessoas, não podemos deixar de considerar o contexto em que cada uma delas está inserida. Para Moscovici, devemos considerar que a realidade é para as pessoas, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade. Por isso, muitas vezes, uma notícia falsa pode ser aceita como realidade por determinado grupo. Se considerarmos a realidade social deste grupo, talvez, possamos compreender com mais clareza como aquela notícia falsa foi aceita como verdadeira. Ou, em outras palavras, “descrever mais claramente o contexto em que a pessoa é levada a reagir a um estímulo particular” pode ajudar “a explicar, mais acuradamente, suas respostas subseqüentes”. Afinal,

[...] o laboratório é uma realidade tal que representa uma outra, exatamente como a figura de Magritte dentro de um quadro. Ele é uma realidade em que é necessário indicar "isso é um estímulo" e não simplesmente uma cor ou um som e "isso é um sujeito" e não um estudante de direita ou de esquerda que quer ganhar algum dinheiro para pagar seus estudos. Mas nós devemos tomar isso em consideração em nossa teoria. Por isso, nós devemos levar ao centro do palco o que nós procuramos guardar nos bastidores laterais. Isso poderia até mesmo ser o que Lewin tinha em mente quando escreveu: "A realidade é, para a pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade" (Lewin, 1948: 57) (MOSCOVICI, 2005, p.36).

### 3. O ovo da serpente no Brasil: as Jornadas de Junho

No Brasil, o mês de junho de 2013 ficou marcado por grandes mobilizações e manifestações populares, conhecidas como "jornadas de junho". O que começou como um protesto específico, contra o aumento das tarifas de transporte público em algumas cidades, rapidamente se expandiu para abordar uma série de questões sociais e políticas. Milhares de pessoas foram às ruas em todo o país, expressando insatisfações e reivindicando mudanças em áreas como saúde, educação e segurança.

Tais manifestações marcaram uma ruptura na política do país e deram início a um período de desestabilização das instituições e negação da política. Esta nova configuração deu oportunidade a grupos conservadores que até então passavam despercebidos e abriu espaço para uma disputa ideológica inédita no Brasil (BOSCO, 2023). Pode-se afirmar que as manifestações de junho de 2013 acarretaram um redesenho dos grupos ideológicos, fossem estes conservadores ou progressistas, e das relações de força entre eles. E, neste caso, a extrema-direita venceu com folga. Para o ensaísta Francisco Bosco<sup>13</sup>:

O sentido originário de Junho terá sido o de um choque em uma democracia liberal mais liberal do que democrática. Na tomada das ruas e das sedes dos Poderes, estavam em jogo a afirmação da cidadania, o direito à cidade, a ampliação do comum, a exigência de espírito público republicano.

Esse clamor, como se sabe, não foi reconhecido pelo sistema político. No vácuo dos protestos um tanto indeterminados, outros atores, com outras perspectivas, se juntaram ao movimento e, com o apoio da repressão policial e de setores conservadores, acabaram prevalecendo nas ruas. A partir daí, o destino de Junho mudou de mãos (FOLHA de S. PAULO, 2023).

Em matéria publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo*<sup>14</sup>, a socióloga Esther Solano avalia que a direita tradicional (que ela considera ser representada pelo PSDB na época das Jornadas de Junho) inicialmente conseguiu capitalizar um sentimento de insatisfação que então despertava, mas que a direita radical acabou se apropriando “do anseio por um líder que se apresentasse como antissistema - ainda que fosse um representante da velha política.”

---

<sup>13</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/06/junho-de-2013-iniciou-crise-que-ainda-nao-terminou.shtml>, último acesso em 11/01/2024.

<sup>14</sup> Lula e Bolsonaro ficaram apagados em 2013, mas tiveram destinos selados por Jornadas de Junho: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/06/lula-e-bolsonaro-ficaram-apagados-em-2013-mas-tiveram-destinos-selados-por-jornadas-de-junho.shtml>, último acesso em 03/01/2024.

Coordenadora do Pacto Pela Democracia e com mestrado sobre as Jornadas de Junho, Flávia Pellegrino avalia que 2013 é mais um sintoma das transformações da sociedade e da vida política do que a causa. “As novas direitas não nascem ali, mas é ali que elas encontram ocasião para se expressar contra o sistema político. Nesse contexto, Bolsonaro acaba sendo a pessoa que melhor personifica para esse campo o sentimento antissistema que emergiu dos protestos” , avalia Pelegrino.

É importante frisar o papel que as redes sociais desempenharam na organização e disseminação das informações, conectando pessoas de diferentes regiões e permitindo que a mensagem se espalhasse rapidamente<sup>15</sup>:

As redes não foram apenas o meio pelo qual os manifestantes se organizavam, mas formaram um novo espaço público, a princípio mais democrático, que viera abalar a lógica das mídias de massa e sua capacidade de controlar as narrativas políticas e dirigir o jogo eleitoral.”

O desenvolvimento das grandes plataformas de comunicação digital ocorreu no sentido de tornar falso o conceito de autocomunicação. Visando aumentar o tempo de uso e, logo, as receitas publicitárias, essas empresas desenvolveram ferramentas de machine learning que funcionam como um editor invisível do uso das redes.

Esse editor identifica tendências psicoafetivas humanas e funciona no sentido de explorá-las cada vez mais intensamente. Essas tendências psicoafetivas são o forte apelo que a identificação grupal exerce sobre nós; o vício produzido por estímulos sensoriais associados a recompensas imaginárias; a resposta mais imediata e intensa que desperta em nós uma linguagem dotada de marcadores emotivos, notadamente os associados a afetos de raiva e indignação (FOLHA de S. PAULO, 2023).

### 3.1. Eleições 2018: contextualizando do caso brasileiro

As *fake news* que circularam durante o período eleitoral de 2018 iam desde acusações de fraudes nas urnas até notícias de cuho moral, como por exemplo a notícia falsa amplamente explorada e difundida pelo então candidato Jair Bolsonaro de que seu oponente, Fernando Haddad, havia distribuído nas escolas públicas em 2011 (período em que era ministro da Educação) um “kit gay” e que se fosse eleito presidente, nas eleições de 2018, passaria a distribuir nacionalmente o referido kit, o que incentivaria a homossexualidade nas escolas brasileiras. O tema da sexualidade foi muito marcante na disputa eleitoral de 2018 no Brasil, a

---

<sup>15</sup><https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/06/junho-de-2013-iniciou-crise-que-ainda-nao-terminou.shtml> , último acesso em 11/01/2024.

ponto da *fake news* mais célebre do período ser aquela conhecida como “mamadeira de piroca”: a falsa acusação de que Haddad distribuía mamadeiras com bico em formato de pênis em creches.

Outro conteúdo que se tornou representativo da agressiva campanha de desinformação nas eleições de 2018 foram variantes do kit gay e da fatídica "mamadeira de piroca", além da sugestão de que Haddad advogava pelo incesto como estratégia para a ascensão do socialismo (MELLO, 2020, p. 39).

Segundo reportagem do jornal *Folha de S.Paulo*, os perfis que estiveram na raiz da viralização deste conteúdo seguiam [propagando afirmações falsas contra o PT quatro anos depois](#)<sup>16</sup>. Em 26 de outubro de 2018, o site Congresso em Foco noticiou que as agências de *fact checking* Lupa e Aos Fatos e o projeto “Fato ou Fake”, do Grupo Globo, tinham desmentido, desde o início da campanha, um total de 123 notícias fraudulentas muito compartilhadas. Dessas, 104 eram contra Haddad e o PT, e apenas 19 eram prejudiciais a Bolsonaro e seus aliados (MACEDO, 2018 APUD BUCCI, p. 26).

O levantamento do Eleições sem Fake e da Agência Lupa mostra que as notícias falsas que mais se espalharam pelo WhatsApp eram variações de “denúncias” de fraude ou mau funcionamento nas urnas eletrônicas. Uma das que mais circularam nos 347 grupos públicos monitorados foi uma imagem que mostrava um boletim de urna do primeiro turno no qual o candidato Fernando Haddad (PT) aparecia com 9909 votos numa determinada seção, embora o número total de eleitores aptos para votar naquele local fosse de 777 eleitores. “Só o Haddad teve 9909 votos em uma seção com 777 eleitores. Como assim?”, era a legenda. A foto era falsa. 11 Segundo checagem da Lupa, a imagem era de uma urna na cidade japonesa de Nagoia. O boletim real mostrava que Haddad havia tido nove votos, Bolsonaro, 372 e Alckmin, onze (MELLO, 2020, p. 29-30).

Para se ter uma ideia do tipo de *fake news* que eram difundidas contra o PT, vale um exemplo. Segundo uma delas, Haddad teria dito que as crianças, ao completarem 5 anos de idade, seriam consideradas “propriedade do Estado” e que caberia ao Estado escolher o gênero da criança (SCHULTZ; VELASCO, 2018 APUD BUCCI, p. 26).

Como já demonstrado na Introdução, para determinar se a notícia é falsa usamos a Agência Lupa, uma das primeiras do setor de checagem de fatos a ser criada no Brasil. Ela está

<sup>16</sup> Perfis que viralizaram 'mamadeira de piroca' espalham até hoje *fake news* contra o PT: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/perfis-que-viralizaram-mamadeira-de-piroca-espalham-ate-hoje-fake-news-contra-o-pt.shtml>, último acesso em 03/01/2024.

ligada ao site do jornal *Folha de S.Paulo* e a maior parte de seus trabalhos está diretamente ligada a fatos compartilhados em período de eleição. Uma breve consulta na homesite da Agência Lupa nos leva a uma série de matérias desmentindo que o “kit gay” existisse.

Uma das matérias listadas pela Agência Lupa e publicada pelo site “Congresso em Foco”, de 16 de outubro de 2018, afirma: [TSE diz que “kit gay” não existiu e proíbe Bolsonaro de disseminar notícia falsa](#)<sup>17</sup>. No entanto, naquela altura da campanha eleitoral, 9 dias após o primeiro turno ([realizado no dia 07 de outubro de 2018](#)<sup>18</sup>) e faltando 12 dias para o segundo turno (realizado no dia 28 de outubro de 2018), o alcance daquela notícia falsa já era imenso. Nessa mesma lista - de busca sobre “kit gay” na Agência Lupa - encontra-se uma matéria que divulga uma pesquisa mostrando que [84% dos eleitores do então candidato Jair Bolsonaro acreditavam no “kit gay”](#)<sup>19</sup>.

Fabrizio Benevenuto, professor de ciência da computação da Universidade Federal de Minas Gerais e coordenador do projeto Eleições sem Fake, vem monitorando as principais redes sociais e grupos públicos de WhatsApp. Apesar das limitações — só é possível acompanhar os grupos públicos, aqueles que são acessados por meio de links abertos —, o projeto conseguiu mapear algumas das principais notícias falsas ou distorcidas que circularam em 2018. Segundo Benevenuto, havia um volume muito maior de grupos pró-Bolsonaro e as mensagens lá compartilhadas, em sua maioria falsas, induziam a conclusões enganosas, descontextualizavam declarações ou mostravam acontecimentos de outros países como se tivessem ocorrido no Brasil. Também havia muitos memes ou deboche, que não chegavam a ser notícias falsas mas atuavam na construção e disseminação de narrativas equivocadas. Muitas das mensagens, segundo o pesquisador, haviam sido claramente concebidas e/ou difundidas por profissionais, por agências de marketing: tinham um timing perfeito, respondiam de imediato a eventos da campanha (MELLO, 2020, p. 27).

### 3.2 A origem do *kit gay*

---

<sup>17</sup> TSE diz que “kit gay” não existiu e proíbe Bolsonaro de disseminar notícia falsa: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/tse-diz-que-kit-gay-nao-existiu-e-proibe-bolsonaro-de-disseminar-noticia-falsa/>, último acesso em 03/01/2024.

<sup>18</sup> <https://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2018/calendario-eleitoral-resumido-eleicoes-2018>, último acesso em 03/01/2024.

<sup>19</sup> Pesquisa mostra que 84% dos eleitores de Bolsonaro acreditam no kit gay: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/>, último acesso em 03/01/2024.

As *fake news* em torno do chamado *kit gay* tiveram origem em um material do Ministério da Educação (MEC) destinado ao combate à homofobia. O conteúdo integrava o [programa Escola Sem Homofobia](#)<sup>20</sup> do MEC. Ele tinha o objetivo de, por meio de conteúdos sobre sexualidade, combater o preconceito na educação. O material incluía um caderno direcionado aos gestores, boletins destinados aos estudantes, vídeos e um cartaz. Vídeos que integravam o conjunto vieram a público em 2010, quando ainda estavam sob análise no Ministério da Educação. À época, Dilma Rousseff presidia o país e o ministro da educação era o então oponente de Jair Bolsonaro na eleição de 2018, Fernando Haddad.

Desde aquela época, oito anos antes de se lançar candidato à Presidência da República, quando ainda era um deputado federal, Jair Bolsonaro já explorava o tema. Uma transcrição da Câmara dos deputados de um [discurso proferido por Bolsonaro em 30 de novembro de 2010](#)<sup>21</sup> mostra que Bolsonaro falou do material, em sessão conjunta das comissões de Legislação Participativa, Educação e Direitos Humanos: "Não me agrada falar em homossexual. Realmente assumo o que disse na TV Câmara: se um garoto tem desvio de conduta logo jovem, ele deve ser redirecionado para o caminho certo, nem que seja com umas palmadas", afirmou o então deputado federal.

À época, as bancadas religiosas - evangélica e católica - fizeram forte pressão no governo para que o kit anti-homofobia, que estava em planejamento no Ministério da Educação, fosse suspenso. Cedendo à pressão, o governo suspendeu a produção do kit contendo vídeos e cartilhas contra a homofobia para orientar professores do ensino médio.

O Brasil é um país predominantemente católico, segundo o último [censo com dados consolidados do IBGE sobre religião, realizado em 2010](#)<sup>22</sup>. Os dados daquele ano apontavam que a porcentagem de católicos no Brasil era de 64,6%, e de evangélicos, 22,2%. No início de 2020, o [DataFolha publicou uma pesquisa](#)<sup>23</sup> no jornal *Folha de S.Paulo* na qual apontava que a porcentagem de católicos havia caído para 50% dos brasileiros, e a de evangélicos, subido para 31%. Em 2023, cerca de 20% dos deputados federais na Câmara pertencem a vertentes

---

<sup>20</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola\\_sem\\_Homofobia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_sem_Homofobia), último acesso em 03/01/2024.

<sup>21</sup> Discurso de Bolsonaro proferido na Câmara dos Deputados em 30/11/2010: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=208.4.53.O&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:56&sgFaseSessao=PE&Data=30/11/2010&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP-RJ%3E>, último acesso em 03/01/2024.

<sup>22</sup> Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>, último acesso em 03/01/2024.

<sup>23</sup> Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>, último acesso em 03/01/2024.

evangélicas, grupos muito ligados a pautas de costumes, como a questão do aborto e da homossexualidade<sup>24</sup>.

A partir desses dados, é possível ter uma ideia do quão sensível foi e ainda é para esses grupos religiosos receber conteúdos relacionados com questões ligadas à sexualidade.

A especialista em religião e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Maria das Dores Campos Machado, afirma, em [entrevista para o jornal \*El Pais\*](#)<sup>25</sup>, que há uma cristalização do conservadorismo daqueles que estão no parlamento. É como se eles, naquele espaço, tivessem que aproveitar o nicho conservador para maximizar o seu capital político. Aqueles políticos que estão no Congresso Nacional são, inclusive, mais conservadores do que os pastores de igreja que estão fora do Congresso. Eles conseguiram avançar em propostas mais conservadoras, como a retirada da palavra "gênero" no Plano Nacional de Educação, e realizaram audiências e comissões para tentar barrar qualquer direito da comunidade LGBT e das mulheres (MACHADO, 2017).

A manipulação dos sentimentos dos receptores das notícias a partir de pautas sensíveis como as ligadas à moralidade, por exemplo, é capaz de criar empatia com as *fake news* (AMARAL et SANTOS, 2019). O sentimento de pertencimento a um grupo com opiniões similares surge como elemento mobilizador de ações coletivas (BAKARDJIEVA, 2015). Conforme notam Amaral e Santos, com relação a este propósito vale atentar às palavras de Bennett e Segerberg, que defendem que “as pessoas podem ainda juntar-se em ações em grande número, mas a referência de identidade deriva da expressão pessoal inclusiva e diversa em larga escala, em vez de através do grupo comum ou identificação ideológica” (2012, p. 744 APUD AMARAL et SANTOS, 2019). Ainda segundo Amaral e Santos, os autores se referem às “formações de ações coletivas digitalmente mediadas” (Bennett & Segerberg, 2012, p. 742 APUD AMARAL et SANTOS, 2019) para explicar que o cenário digital amplia as ações dos convencionais movimentos sociais em estruturas de rede social frequentemente assimétricas.

O historiador Marc Bloch, no ensaio “Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra”, de 1921, já explorava o fenômeno das *fake news*, só que no contexto da

---

<sup>24</sup> Dados retirados do Blog De Dados em Dados, no Estadão: <https://www.estadao.com.br/brasil/estadao-podcasts/brasil-a-caminho-de-se-tornar-um-pais-evangelico/>, último acesso em 03/01/2024.

<sup>25</sup> Os parlamentares religiosos tendem a ser mais conservadores do que a população evangélica: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/02/politica/1512221378\\_127760.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/02/politica/1512221378_127760.html), último acesso em 03/01/2024.

Primeira Guerra Mundial. No texto, ele demonstra a ligação das notícias falsas com a psicologia social. Para Bloch, uma notícia falsa é o reflexo da própria consciência coletiva:

[...] uma falsa notícia nasce sempre de representações colectivas que preexistem ao seu nascimento; só na aparência é fortuita, ou, mais precisamente, tudo o que em si tem de fortuito é o incidente inicial, absolutamente um qualquer, que desencadeia o trabalho das imaginações, mas esta agitação só tem lugar porque as imaginações estão já preparadas e fermentam surdamente. [...] a falsa notícia é o espelho onde a «consciência colectiva» contempla o seu próprio rosto (BLOCH, 1921, p.191).

A construção do *kit gay* e a exploração dos sentimentos coletivos continuou sendo feita pelo então deputado Jair Bolsonaro. Depois de abordar o tema, em 2010, atacando a cartilha contra a homofobia do MEC em discurso na Câmara dos Deputados, Bolsonaro voltou ao tema, desta vez promovendo linchamentos virtuais a pessoas comuns que expressaram suas opiniões.

Em 2012, Tatiana Lionço, doutora em psicologia e professora do Departamento de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, participava do 9º Seminário LGBT no Congresso Nacional. A professora disse para uma plateia de acadêmicos e representantes políticos que não havia nada de incomum em uma criança pequena expressar curiosidade pela roupa ou pelo corpo da outra. O Seminário havia sido gravado e publicado na íntegra no *Youtube*.

Algum tempo depois, a professora teve sua vida virada ao avesso. Jair Bolsonaro havia editado o vídeo alterando o sentido original de suas falas e postado em seu canal no *Youtube*. Posteriormente, os vídeos foram retirados do ar, mas outras pessoas, inclusive perfis fakes, continuaram replicando-os na rede mundial de computadores, como afirma a repórter Débora Lopes, em [matéria](#)<sup>26</sup> publicada pelo site *Vice* em 2013.

Lionço é uma pesquisadora na área de sexualidade humana e gênero que trabalha a partir de conceitos freudianos para abordar a sexualidade infantil. "Quando meninos e meninas brincam, inclusive sexualmente em seus corpos com outros meninos e meninas, eles não estão sendo gays ou lésbicas. Não é disso que se trata. Quando meninos e meninas usam vestimentas do sexo oposto, eles não estão sendo necessariamente travestis e transexuais." No vídeo postado por Bolsonaro, as falas da professora são totalmente manipuladas pela edição, dando a entender que seu discurso é favorável à pedofilia. Em *A máquina do caos*, Mark Fischer aborda o caso:

---

<sup>26</sup>É horrível ser difamado pelo Bolsonaro: <https://www.vice.com/pt/article/ypm3gx/e-horrivel-ser-difamado-pelo-bolsonaro>, último acesso em 11/10/2023.



O deputado, por muitos considerado uma esquisitice às margens da política, tinha poucos aliados e pouco poder efetivo. Mas tinha um séquito substancial no YouTube, onde postou a gravação editada. Youtubers de extrema direita, então uma comunidade pequena mas ativa, re-postaram o vídeo enganador, acrescentando seus comentários carregados na desinformação. Lionço representava uma conspiração global comunista e homossexual, disseram. Ela havia endossado a pedofilia. Estava distribuindo "kits gays" para escolas, usados para converter crianças à homossexualidade. As declarações desses youtubers chegaram ao Twitter e ao Facebook. Os comentários nos vídeos exigiam a morte de Lionço (FISCHER, 2023, p. 351).

O professor Cristiano Lucas Ferreira também foi vítima do mesmo tipo de campanha difamatória por parte de Bolsonaro. Na mesma matéria publicada pelo site *Vice* em 2013, ele conta o ocorrido<sup>27</sup>:

No dia 10 de março, tinha um grupo muito intenso de apoiadores do Marco Feliciano aqui de Brasília. E eles já nos conhecem. Nós nos encontramos em todas as audiências públicas. Nesse dia, eles estavam mais raivosos do que de costume. Começaram a nos empurrar, nos agredir. Quem estava filmando era o próprio Bolsonaro. Foi ele que filmou com o celular. No meio da confusão, o filho de uma das ativistas que nos acompanhava foi empurrado. Eu fui para cima do cara, questionar por que ele estava empurrando um garoto de 14 anos e ele mandou eu ir praquele lugar e me chamou de viado. Foi aí que gritei 'Sou viado, sim. Sou viado e com orgulho'. Nisso, o Bolsonaro olha para mim e quebra a mãozinha. Sabe quando você quer pejorativamente chamar alguém de gay? Aí fui e mostrei o dedo para ele. E deu no que deu (VICE, 2013).

A partir desse acontecimento, Jair Bolsonaro editou um vídeo e postou em suas redes sociais: "É esse tipo de pessoa, com esse comportamento, que você quer nas escolas?" – começava perguntando, enquanto mostrava imagens do professor Cristiano com cartazes dizendo "Queremos maconha e ensino público de qualidade" e "Meu cu é revolucionário". O vídeo também trazia um trecho de Cristiano no Congresso, dizendo "Sou viado, sim. Sou viado e com orgulho". Ao ser questionado pela repórter, por email, sobre qual era o objetivo desse e de outros vídeos, o então deputado Jair Bolsonaro respondeu: "Demonstrar à sociedade brasileira e principalmente aos pais de crianças em idade escolar os absurdos que estão impondo a seus filhos nas escolas públicas de ensino fundamental".

---

<sup>27</sup>É horrível ser difamado pelo Bolsonaro: <https://www.vice.com/pt/article/ypm3gx/e-horrivel-ser-difamado-pelo-bolsonaro>, último acesso em 11/10/2023.

Usamos esses dois casos para exemplificar como a *fake news* que criou kit gay foi sendo construída ao longo de anos, até que fosse usada como uma potente arma na campanha presidencial de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.

#### 4. As *fake news* e sua amplificação nas redes sociais

Atualmente, as *fake news* são potencializadas por instrumentos como as redes sociais e seus algoritmos, além de aplicativos de mensagens como o *Whatsapp*. É certo que a disseminação das *fake news* não se trata apenas de um problema gerado pelos algoritmos das redes. Trata-se, antes, de um fenômeno político, essencialmente político, que se viabiliza pelas tecnologias digitais por meio de gente engajada em organizações hierarquizadas e de classes sociais mais altas (BUCCI, 2019, p. 27).

No entanto, há que se levar em consideração aspectos relevantes ligados à tecnologia que ampliam o alcance e a adesão às *fake news*. A estratégia do *Facebook* é explorar o ponto fraco da mente humana, afirma Max Fischer em *A máquina do caos*. A partir do depoimento de Sean Parker, que aos 24 anos havia se tornado o primeiro presidente do *Facebook*, Fischer afirma que o raciocínio usado para construir esses aplicativos de redes sociais foi só um: fazer o usuário permanecer o máximo de tempo possível navegando.

Como consumir o máximo possível do seu tempo e da sua atenção? [...] de vez em quando precisamos provocar em você um pico de dopamina, quando alguém curte ou comenta sua foto ou postagem ou o que for. E isso o leva a contribuir com mais conteúdo, que vai render mais curtidas e mais comentários. Foi o que ele chamou de ciclo de retroalimentação da validação social, que definiu do seguinte modo: Exatamente o tipo de coisa que um hacker como eu ia bolar, porque está explorando um ponto vulnerável na psicologia do ser humano. Ele e Zuckerberg "compreendemos isso" desde o início, disse, e "fizemos mesmo assim". No Vale do Silício, essa exploração, longe de ser um segredo obscuro, era discutida abertamente como um recurso empolgante para o negócio crescer. O termo em voga era "persuasão": aliciar consumidores a mudar seu comportamento de modo que servisse ao lucro (FISCHER, 2023, p. 38)

O perigo disso está no fato do alcance do *Facebook* ser enorme. No primeiro trimestre de 2018, a plataforma atingiu a marca de 127 milhões de usuários ativos mensais no Brasil<sup>28</sup>. "Quando toda uma sociedade entra ao mesmo tempo na rede, algo catastrófico pode acontecer", (FISCHER, 2023). Nesse sentido, podemos citar o que aconteceu em Mianmar, em 2014, quando a violência eclodiu no Estado de Rakhine entre a maioria budista e a minoria muçulmana Rohingya.

Um monge extremista e antimuçulmano, Ashin Wirathu, compartilhou uma postagem alegando que uma menina budista havia sido estuprada por homens muçulmanos. Isso viralizou no *Facebook*. Dias depois, uma multidão atacou os acusados de envolvimento no caso, e duas pessoas morreram na violência que se seguiu. Uma investigação policial mais tarde descobriu que a acusação do monge havia sido completamente inventada. Investigadores de direitos humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) concluíram que o discurso de ódio no *Facebook* desempenhou um papel fundamental no fomento da violência em Mianmar. A empresa admitiu que não conseguiu evitar que sua plataforma fosse usada para "incitar a violência" como podemos ver em matéria publicada pela rede BBC<sup>29</sup>.

O membro do grupo de pesquisa e defesa dos Direitos Humanos Progressive Voice, Rin Fujimatsu afirmou: "*O Facebook* foi cúmplice de um genocídio. Já havia sinais e fortes apelos para que o *Facebook* lidasse com o incitamento à violência na plataforma, mas sua inação realmente contribuiu para fomentar a violência em Mianmar":

Conforme a revolta se espalhou, uma autoridade do governo ligou para um conhecido na sucursal mianmareense da firma de consultoria Deloitte, pedindo ajuda no contato com o Facebook. Mas nem um nem outro conseguiram falar com a empresa. Em desespero, o governo bloqueou o acesso à rede da dial em Mandalay. As revoltas arrefeceram. No dia seguinte, autoridades da companhia finalmente responderam à ligação do representante da Deloitte - não para saber mais acerca da violência, mas para lhe perguntar se sabia por que a plataforma havia sido bloqueada. Assim que o governo revogou o bloqueio virtual, o discurso de ódio e o público de Wirathu só cresceram. "O Facebook sabia pelo menos desde o incidente em Mandalay", disse David Madden, um australiano que coordenava a maior aceleradora de startups de tecnologia em Mianmar, ao jornalista Timothy McLaughlin. "Não é questão de retrospecto. A escala do problema era significativa e já estava na cara" (FISCHER, 2023, página 56).

---

<sup>28</sup> Reportagem publicada no jornal Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>, último acesso 12/02/2024.

<sup>29</sup> Reportagem publicada na BBC: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55944504>, último acesso 12/02/2024.

Outro caso semelhante e tão assustador quanto ao ocorrido em Mianmar aconteceu em 2018 no Sri Lanka. Boatos de que os muçulmanos estavam colocando esterilizantes na comida dos cingaleses (maioria da população que domina a cultura e a política do país) começaram a se espalhar rapidamente pelas redes. Uma briga de trânsito tirou a vida de um cingalês. No *Facebook* se espalhava a notícia de que a morte do cingalês havia sido causada por uma conspiração muçulmana. Farsith, um muçulmano que era proprietário junto com seu irmão de um restaurante, ouviu um cliente reclamando alto que havia encontrado algo em seu curry. Farsith não falava cingalês e achou melhor ignorar o cliente que estava visivelmente alcoolizado. Alguns homens se levantaram e foram questionar Farsith se ele havia colocado esterilizante na comida. Uma multidão agitada e violenta começou a pressionar Farsith que sem entender direito o idioma respondeu: “Sim, nós põe”. Tudo foi filmado e em poucos minutos o vídeo de um muçulmano “confessando” que estava esterilizando os cingaleses circulava nas redes. Farsith foi espancado e largado ensanguentado no chão, enquanto a multidão enfurecida se dirigiu à um mesquita e ateou fogo nela. Daí para frente a violência só aumentou. Aldeias foram queimadas, crianças muçulmanas jogadas em fogueiras, homens e mulheres espancados e mortos.

Assim como em Mianmar, o *Facebook* não tomou nenhuma atitude, apesar dos apelos governamentais para que os vídeos que estavam incitando a violência fossem derrubados da rede. A violência só arrefeceu quando o governo do país decidiu bloquear todo acesso a mídias sociais<sup>30</sup>.

A violência cessou; sem Facebook ou WhatsApp servindo de guia, as turbas simplesmente voltaram para casa. E representantes do Facebook, depois de meses ignorando ministros do governo, finalmente responderam às ligações. Mas não para perguntar sobre a violência. Eles queriam saber por que o tráfego havia zerado (FISCHER, página 235).

Os episódios narrados acima mostram como essas plataformas podem potencializar o que há de pior na sociedade, amplificando os extremismos de uma maneira que não seria possível acontecer antes do surgimento das redes sociais. Os conflitos e discórdias no Sri Lanka

---

<sup>30</sup> Sri Lanka bloqueia redes sociais para coibir violência contra muçulmanos: <https://oglobo.globo.com/mundo/sri-lanka-bloqueia-redes-sociais-para-coibir-violencia-contra-muculmanos-22463265>, último acesso 12/02/2024.

e em Mianmar eram anteriores às plataformas, mas elas serviram como veículos para espalhar ódio e desinformação em imensas proporções.

Em seu livro *A máquina do ódio*, a jornalista Patrícia Campos Mello destrincha o esquema de instrumentalização das redes sociais como armas de desinformação no Brasil. Colaboradora do jornal *Folha de S.Paulo*, Campos Mello publicou, no dia 18 de outubro de 2018 - a dez dias do segundo turno eleitoral -, uma reportagem sobre o disparo em massa de mensagens por *WhatsApp* contra o candidato Fernando Haddad. A matéria revelava a existência de empresários que planejavam contratar agências de marketing para enviar milhões de mensagens e influenciar o resultado das eleições.

O esquema feria a legislação eleitoral brasileira em diversos aspectos. Conforme a lei nº 13.488/2017, é proibido contratar pessoas ou mecanismos para mandar pela internet mensagens ou comentários que ofendam a honra ou prejudiquem a imagem de um candidato ou partido. O mais grave, no entanto, era que poderia configurar caixa dois indireto. Como o Supremo Tribunal Federal (STF havia entendido em 2015 que só pessoas físicas poderiam contribuir para campanhas, as doações de empresas foram vetadas desde então. E todas precisam ser declaradas ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e constar da prestação de contas dos candidatos (MELLO, 2020, p.11).

Poucos dias após a publicação da matéria, a jornalista enfrentou um intenso lichamento virtual. A partir de 2018, os ataques contra a imprensa no Brasil intensificaram-se. Cada vez mais redes sociais passaram a moldar a realidade. E com o auxílio de trolls e bots, que insuflam vozes mais radicais das redes e contaminam o resto, é possível, rapidamente, transformar uma reportagem séria em opinião paga pela esquerda, escrita por jornalistas "comunistas". Ou ainda, fazer da *Folha de S.Paulo* um "jornal financiado pelo PT":

Não somos os únicos. Nas Filipinas, na Índia ou nos Estados Unidos, políticos recorrem a exércitos de trolls e bots para construir narrativas que os favoreçam. É este o novo mundo em que vivemos: fatos são moldáveis. Ainda assim, eu achava que nunca mais viveria algo tão avassalador quanto aquele primeiro linchamento virtual. Estava enganada. As coisas iam piorar, e muito (MELLO, 2020, p.19).

Como demonstra Empoli em *Os engenheiros do caos*, não se trata mais de apenas agrupar os eleitores em torno de um denominador comum. A nova lógica usada em muitas campanhas políticas é inflamar as paixões do maior grupo possível de pessoas.

Não se trata mais de unir eleitores em torno do denominador comum, mas, ao contrário, de inflamar as paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los – mesmo à revelia deles. As inevitáveis contradições contidas nas mensagens enviadas a uns e a outros continuarão, de qualquer forma, invisíveis aos olhos das mídias e do público geral (EMPOLI, 2019, p.91).

Várias reportagens publicadas durante o período eleitoral de 2018 no Brasil revelaram como as redes se transformaram em uma ferramenta vital para alguns candidatos. A revista *Época* e a *Folha de S.Paulo*, por exemplo, fizeram extensas reportagens sobre sites de notícias falsas. A repórter Juliana Gragnani, da *BBC Brasil*, passou uma semana participando de 272 grupos políticos públicos no *WhatsApp* em outubro de 2018 e acompanhou os conteúdos que circulavam. Em 05 de outubro, a jornalista publicou na BBC a matéria: [Um Brasil dividido e movido a notícias falsas: uma semana dentro de 272 grupos políticos no WhatsApp](#)<sup>31</sup>.

Para começar a entender os efeitos e o alcance que essas notícias falsas tiveram, é importante considerar o número de usuários do aplicativo no Brasil de hoje. Em 2017, o próprio *WhatsApp* revelou que 120 milhões de brasileiros usavam o aplicativo. Segundo as estimativas de 2022, depois da Índia, o Brasil ocupa o segundo lugar no mundo em número de contas do app: [atualmente são 169 milhões no país](#)<sup>32</sup>.

As redes sociais têm propiciado a formação de bolhas de opinião, nas quais as pessoas tendem a interagir apenas com indivíduos que compartilham das mesmas ideias e crenças, reforçando assim suas convicções. Nesse sentido, o sociólogo Sérgio Amadeu, em entrevista à autora, destaca como essas bolhas de opinião estimuladas pelas redes sociais estão modulando o pensamento das pessoas. Ele explica que através da gestão algorítmica das plataformas e do recolhimento de dados dos usuários a pessoas vão sendo colocadas em amostras, extraindo assim padrões de comportamento<sup>33</sup>:

As pesquisas que nós do grupo de trabalho que eu tenho na Federal do ABC nos levaram a tentar entender como as plataformas organizavam a sua gestão e como elas atraíam a atenção das pessoas. Foi aí que nós chegamos ao conceito de modulação. Que é o quê?! Essas plataformas, elas têm uma gestão algorítmica que coleta dados do comportamento online dos seus usuários, e que é complementado com dados que ela obtém desses usuários de outros serviços, que estão disponíveis na web. Então ela busca extrair um certo padrão de comportamento online das pessoas.

---

<sup>31</sup> Um Brasil dividido e movido a notícias falsas: uma semana dentro de 272 grupos políticos no WhatsApp: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45666742>, último acesso 12/02/2024.

<sup>32</sup> Digital 2022: Brasil: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>, último acesso 12/02/2024.

<sup>33</sup> Conferir a entrevista completa nos anexos desta dissertação, página 101 a 108.

Com base nesse padrão, ela tenta captar a atenção e essa atenção é captada com vários instrumentos, mas principalmente ofertando conteúdos e serviços com uma certa frequência. Então as pessoas vão sendo colocadas o tempo todo em amostras que os serviços de marketing, as grandes empresas, os prestadores de serviço que contratam essas plataformas para atingir um determinado perfil de um determinado segmento ou micro seguimento. Aí as pessoas são colocadas em amostras o tempo todo e dependendo dos recursos que esses contratantes da plataforma têm, esses conteúdos vão sendo apontados e atraindo atenção, vão sendo testados e o próprio algoritmo da plataforma, ele vai vendo o que funcionou melhor e o que não funcionou melhor e ele vai aumentando, vamos dizer, as informações sobre o comportamento das pessoas ((ENTREVISTA CONCEDIDA PARA LYDIA ABUD LOPES, 2023).

## 5. As fábricas de *fake news*

Para o professor Pablo Ortellado, coordenador do Monitor do Debate Público no Meio Digital da Universidade de São Paulo (USP), o Brasil esteve na "vanguarda" das *fake news*. Segundo afirma Ortellado, muitos elementos que seriam vistos nas eleições americanas de 2016 e em outras votações pelo mundo tinham já aparecido na disputa eleitoral brasileira em 2014<sup>34</sup>. Em 2018, durante o seminário O Legislativo e as Mídias Sociais, Ortellado afirmou que a difusão de *fake news* pode influenciar nas eleições. Para ele, o Brasil corria o risco de votar com base em informações altamente viciadas: “A sociedade precisa olhar criticamente para aquilo que acredita. Quando estamos muito apaixonados por um assunto, fica difícil ter critério”.<sup>35</sup>

Durante o seminário, o professor alertava que as notícias falsas normalmente não aparecem em grandes sites nem são reproduzidas em jornais tradicionais. O recorrente é que a notícia falsa seja publicada em sites hiperpartidarizados e divulgada por pessoas altamente engajadas na divulgação de informações nas redes sociais, comumente ligadas à polarização política. Ortellado acrescentou que os sites de notícias falsas também usam várias notícias verdadeiras, recortadas conforme seu interesse ideológico, para dar uma espécie de legitimidade à plataforma<sup>36</sup>.

Um estudo publicado em 2022 pelo NetLab da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) mostrou que a campanha de desinformação no país contava com uma estrutura

---

<sup>34</sup><https://veja.abril.com.br/videos/em-pauta/pablo-ortellado-brasil-esteve-na-vanguarda-das-fake-news>, último acesso em 11/10/2024.

<sup>35</sup><https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/05/24/fake-news-podem-influenciar-eleicao-alerta-professor>, último acesso em 11/10/2024.

<sup>36</sup> Idem

permanente de produção de conteúdo que era anterior ao período eleitoral<sup>37</sup>. No trabalho, os pesquisadores mapearam o caminho de uma notícia falsa até ela se espalhar:

- 1) Produção da narrativa: Os primeiros conteúdos geralmente são divulgados nos chamados sites de conteúdo duvidoso, chamados *junk news*, e em vídeos do *YouTube* de canais com poucos seguidores;
- 2) Teste de receptividade: A próxima etapa consiste em testar a aderência do discurso em grupos fechados de *WhatsApp* e *Telegram*;
- 3) Bolhas e segmentos: O passo seguinte é distribuir o conteúdo em nichos por meio de grupos do *Facebook* e anúncios segmentados. Uma *fake* pode ser enviada para um grupo só de religiosos, por exemplo, e outra diferente para um grupo só com mulheres;
- 4) Desinformação audiovisual: Na sequência, a informação falsa é transformada em uma peça audiovisual um pouco mais elaborada. Pode ser um vídeo curto ou mais longo, que será divulgado no *Instagram*, *TikTok* e canais médios e grandes do *YouTube*;
- 5) Campanha *Firehose*: Depois que o conteúdo foi testado em diferentes contextos, começa a campanha massiva de distribuição multiplataforma. Ela é caracterizada pelo grande volume, rapidez, continuidade e repetição.

No início de 2023, uma investigação internacional de jornalistas revelou um esquema de fábricas de *fake news* para campanhas políticas. Dois repórteres de Israel - Gur Megiddo, do jornal *The Marker*, e Omer Benjakob, do diário *Haaretz* - procuraram o israelense que se dizia chamar Jorge. ‘Jorge’ vendia o serviço de espalhar mentiras e desinformação nas redes sociais para manipular eleições no mundo todo. Nas reuniões que teve com os dois jornalistas, disfarçados de clientes, ‘Jorge’ se gabava dos seus supostos resultados no mundo todo: "Já interferimos em 33 eleições presidenciais e tivemos sucesso em 27"<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup><https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/10/27/fake-news-entenda-como-funciona-a-fabrica-desinformacao-politica-no-brasil.ghtml>, último acesso em 11/10/2024.

<sup>38</sup><https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/02/26/investigacao-internacional-de-jornalistas-revela-fabrica-de-fake-news-para-campanhas-politicas.ghtml>, último acesso em 13/10/2024.



Percebe-se que há uma grande engrenagem funcionando por trás das notícias falsas<sup>39</sup>. No Brasil, a produtora Brasil Paralelo produziu diversos conteúdos com notícias falsas durante o período eleitoral. Em outubro de 2018, durante as campanhas das eleições gerais, o grupo publicou um vídeo no *YouTube*. Um homem identificado como Hugo Cesar Hoeschl afirmou que estudos internacionais indicavam que a probabilidade de fraude na última eleição presidencial (2014) foi de 73,14%. A checagem na Agência Lupa mostra que essa notícia foi considerada falsa<sup>40</sup>. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) emitiu uma nota desmentindo o que foi informado no vídeo, na qual afirmou que "não há registro [...] de que o autor do vídeo tenha participado de qualquer evento de auditoria e transparência, a exemplo dos testes públicos de segurança realizados pelo TSE e da apresentação dos códigos-fonte"<sup>41</sup>.

A produtora se autointitula independente e apartidária, que sobrevive às custas de assinaturas e venda de cursos. No entanto, é notável a proximidade com o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro<sup>42</sup>. Em 2019, a TV Escola, canal financiado pelo MEC, fechou contrato para divulgação da série “Brasil: a última cruzada”. A série trata da colonização do Brasil pelos portugueses. À época, a Anpuh (Associação Nacional dos Professores Universitários de História) lançou uma nota alertando que a série era uma “peça de propaganda ideológica de um grupo extremista” e que “apresenta uma narrativa negacionista, sem lastro em pesquisas historiográficas reconhecidas pela comunidade científica”<sup>43</sup>.

Nas eleições presidenciais de 2022, a produtora teve seu canal no *Youtube* desmonetizado e por imposição do TSE pela divulgação de *fake news* em seu canal<sup>44</sup>. Outra polêmica ligando a produção da Brasil Paralelo às *fake news* foram as fotografias de Sebastião Salgado, tiradas em Serra Pelada, que a produtora usava como evidências da Guerrilha do Araguaia – em processo que acabou na Justiça, vencido pelo fotógrafo (DÓRIA PAULO, 2020, p. 106).

---

<sup>39</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/como-mentiras-se-tornam-verdades-no-ambiente-online-dos-estados-unidos.shtml>, último acesso em 13/10/2024.

<sup>40</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2021/07/29/como-analises-matematicas-afastam-hipotese-de-fraude-nas-urnas-ao-contrario-do-que-diz-bolsonaro.htm>, último acesso em 13/10/2024.

<sup>41</sup> <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/mensagens-com-conteudo-fake-sobre-fraude-em-urnas-eletronicas-se-espalham-nas-redes-23134205>, último acesso em 13/10/2024.

<sup>42</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil\\_Paralelo#CITEREFMotaCoutoRocha2018](https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_Paralelo#CITEREFMotaCoutoRocha2018), último acesso em 13/10/2024.

<sup>43</sup> <https://anpuh.org.br/index.php/2015-01-20-00-01-55/eventos/item/5585-nota-de-alerta-2019>, último acesso em 13/10/2024.

<sup>44</sup> <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/18/tse-desmonetiza-brasil-paralelo-e-intima-carlos-bolsonaro-por-fake-news.htm>, último acesso em 13/10/2024.

É importante ressaltar que apesar da existência de agências e produtoras responsáveis pela criação de mensagens falsas ou tendenciosas, as campanhas eleitorais de 2018 faziam também muita curadoria e distribuição de conteúdo criado por apoiadores. É justamente aí que se encontram as dificuldades em responsabilizar quem propaga conteúdos falsos nas redes sociais: tudo é muito descentralizado (MELLO, 2020, p. 33).

Notamos, portanto, que as *fake news* durante as eleições de 2018 já vinham sendo construídas anos antes. Além disso, formaram-se canais com aparência de produtores de conteúdo sério e apartidário, mas que passaram a ser produtores de *fake news*. É importante também ressaltar os aspectos espetaculares da notícia: quanto mais indignação causar, mais adesão ela terá<sup>45</sup>. Pois, ela não finca suas raízes no sistema racional, mas nas emoções que desperta (DÓRIA PAULO, 2020, p. 102). Podemos considerar as *fake news* como um fenômeno político potencializado pela tecnologia, no entanto, a raiz do problema é complexa por essa razão e por outras de ordens tecnológicas, comunicacionais, psicológicas e cognitivas (MARTINS, NAIFF, 2023, p. 32).

---

<sup>45</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/como-mentiras-se-tornam-verdades-no-ambiente-online-dos-estados-unidos.shtml>, último acesso em 14/01/2024.

## CAPÍTULO 2

### EVO MORALES, IMPERIALISMO E AS *FAKE NEWS* NAS ELEIÇÕES DA BOLÍVIA EM 2019

Neste capítulo analisamos a trajetória política de Evo Morales, incluindo como se formou o cenário para o golpe<sup>46</sup> que o destituiu da Presidência e a entrada de Jeanine Añez como presidenta interina do país, relacionando ainda esse tópico com o imperialismo na América Latina. A análise desses temas visa alcançar o objetivo geral do capítulo, que é identificar de que modo as *fake news* foram instrumentalizadas na corrida eleitoral e na crise política que se instaurou após as eleições na Bolívia em 2019. O capítulo está estruturado em três partes. Na primeira apresenta-se um resumo da trajetória de Evo Morales como presidente da Bolívia entre 2005 e 2019. Na segunda, são discutidas as intervenções do imperialismo estadunidense na América Latina na segunda metade do século XX, assim como as reconfigurações do imperialismo e o conseqüente surgimento das guerras híbridas<sup>47</sup> no século XXI. Na terceira parte, analisamos a utilização das *fake news* como estratégia para desestabilizar o processo eleitoral da Bolívia em 2019. A metodologia utilizada foi a realização de entrevistas, pesquisa documental com base em bibliografia especializada e em fontes primárias, e questionários com indivíduos bolivianos, maiores de 18 anos de idade, usuários de redes sociais, de diversos níveis de escolaridade, religião indiferente e condição financeira indiferente. Para determinar se as notícias utilizadas para desestabilizar as eleições bolivianas eram falsas usaremos o portal independente “Bolívia Verifica”<sup>48</sup>. O portal se define como uma

---

<sup>46</sup> Reconhecido por parte dos estudiosos como um golpe (VALENCIA, 2019), os acontecimentos resultaram na renúncia do então presidente Evo Morales (2006-2019). Por outro lado, críticos de Evo Morales defendem que não se tratou de um golpe. Para estes, a crise política se instaurou no país pela insatisfação de parte da população por Morales não ter respeitado o resultado do Referendo de 2016.

<sup>47</sup> “A guerra híbrida é a combinação entre revoluções coloridas e guerras não convencionais. Neste novo modelo de guerra, as revoluções coloridas – largamente planejadas anteriormente e utilizando ferramentas de propaganda e estudos psicológicos combinados com o uso de redes sociais – consistem em desestabilizar governos por meio de manifestações de massas em nome de reivindicações abstratas como democracia, liberdade etc.; elas são a fagulha que incendeia uma situação de conflito interno. A revolução colorida é o golpe brando. Se ela não for suficiente para derrubar e substituir o governo, avança-se para o estágio da guerra não convencional, aquelas combatidas por forças não regulares, sejam guerrilhas, milícias ou insurgências” (KORYBKO, 2018, p. 10).

<sup>48</sup> <https://boliviaverifica.bo/>, último acesso em 15/01/2024.

mídia digital independente, sem fins lucrativos, que visa verificar notícias e discurso público para combater a desinformação e melhorar a participação democrática.

## 1. A trajetória de Evo Morales na Presidência da Bolívia (2005-2019)

Em 18 de dezembro de 2005, Evo Morales Ayma foi eleito presidente da Bolívia com 54% dos votos, o maior percentual obtido por um candidato presidencial desde o retorno da democracia no país, em 1982. Seu partido político, o MAS (Movimento ao Socialismo), foi formado pelo sindicalismo camponês e pelos movimentos indígenas da Bolívia.

Evo Morales foi o primeiro presidente indígena em toda a história do país. O novo governo incluiu representantes dos povos indígenas e comprometeu-se a nacionalizar áreas-chave da economia, como o petróleo e o gás. Para alcançar a transformação institucional e as mudanças estruturais que se pretendiam, foi proposta uma nova constituição. A Assembleia Constituinte foi eleita e instalada em 6 de agosto de 2006. O texto constitucional foi submetido a referendo em 25 de janeiro de 2009. Com 61,43% dos votos a favor, a Constituição da Bolívia foi promulgada em 7 de fevereiro de 2009<sup>49</sup>.

O texto foi considerado inovador porque estabeleceu a criação de um Estado plurinacional e intercultural<sup>50</sup>, no qual as populações indígenas e camponesas passaram a ter participação ampla e efetiva em todos os níveis do poder estatal (ANGELO, 2019). Uma das normas incorporadas ao texto constitucional, artigo 168, foi a possibilidade de reeleição do presidente e do vice-presidente do Estado Plurinacional da Bolívia, após completarem o mandato de cinco anos, de forma contínua apenas uma vez.

Evo Morales concorreu a um segundo mandato nas eleições nacionais de dezembro de 2009, para o período 2010-2014, e obteve um resultado de 64% dos votos a seu favor. O MAS também alcançou dois terços de representação em ambas as câmaras da Assembleia Legislativa Plurinacional (CARDOZO, 2006).

---

<sup>49</sup> Nova Constituição é aprovada por mais de 61% dos votos:  
<https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2009-02-02/nova-constituicao-e-aprovada-por-mais-de-61-dos-votos>

<sup>50</sup> Referendo constitucional que refundou Bolívia como Estado plurinacional faz 10 anos:  
<https://www.brasildefato.com.br/2019/01/25/referendo-constitucional-que-refundou-bolivia-como-estado-plurinacional-faz-10-anos#:~:text=Entre%20outros%20motivos%2C%20o%20texto,os%20n%C3%ADveis%20do%20poder%20estatal.>

Em 2013, o Tribunal Constitucional Plurinacional (TCP) aprovou o Projeto de Lei que permitiu a Evo Morales concorrer a um terceiro mandato presidencial, para o período de 2015-2019<sup>51</sup>. Nas eleições de 12 de outubro de 2014, Evo Morales obteve 61% dos votos.

Em 21 de fevereiro de 2016, foi realizado um referendo constitucional na Bolívia para decidir se Evo Morales poderia se candidatar à Presidência do país pela quarta vez. A vitória do “sim” teria permitido que o presidente Evo Morales e o vice-presidente Álvaro García Linera concorressem a outro mandato em 2019.

A consulta ao eleitorado foi formulada nos seguintes termos:

Você concorda com a reforma do artigo 168 da Constituição Política do Estado para que o presidente e o vice-presidente do Estado possam ser reeleitos ou reeleitos duas vezes consecutivas? - Por disposição transitória da Lei da Reforma Parcial à Constituição Política do Estado, considera-se o período 2015-2020 a primeira reeleição e a segunda reeleição 2020-2025<sup>52</sup>.

Por 51,3% a 48,7%, Evo Morales perdeu a possibilidade de se candidatar à Presidência outra vez. No entanto, por uma decisão do Tribunal Constitucional Plurinacional (TCP) ele pôde se candidatar ao quarto mandato consecutivo em 2019<sup>53</sup>. A decisão do Tribunal Constitucional gerou intensas críticas políticas. Nos meses seguintes, vários movimentos promoveram marchas para manifestar a sua oposição à reeleição indefinida e apelar ao respeito pelos resultados do Referendo Constitucional do dia 21 de fevereiro<sup>54</sup>.

### 1.1. As *Fake news* e o Referendo de 2016

Evo Morales afirma não ter aceito o resultado do referendo por este ter sido, segundo ele, apoiado em mentiras. “Lamentavelmente foi o referendo da mentira. Foi uma campanha suja contra mim. Há advogados que estão na prisão e outros que fugiram do país porque

<sup>51</sup> TCP, [Declaración Constitucional Plurinacional 0003/2013](#), Sucre, 25 de abril de 2013.

<sup>52</sup> BBC News, [Declaran constitucional la pregunta del referendo para la reelección presidencial en Bolivia](#), último acesso em 13/02/2024.

<sup>53</sup> TCP, [Sentencia Constitucional Plurinacional 0084/2017](#).

<sup>54</sup> El País, [La amarga victoria de Evo Morales: https://elpais.com/internacional/2019/10/26/america/1572101323\\_277886.html](#), último acesso em 13/02/2024.

montaram uma mentira. Por que tanto medo de Evo? Por que usar tanta mentira para ganhar o referendo?”<sup>55</sup>, afirmou Morales em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*.

Meses antes da realização do referendo, a oposição propagou inúmeras notícias falsas envolvendo Evo Morales. Entre elas, a mais difundida era que o presidente tinha um filho com Gabriela Zapata e que tentara esconder a morte da criança. Outras acusações afirmavam que o filho de Morales estava em “exílio” no exterior, visando a sua segurança. Todas essas acusações foram desmentidas posteriormente, e foi constatado que esse filho nunca existiu (VALENÇA, 2017, APUD El Cartel de la Mentira, 2016). O estrago, no entanto, já estava feito:

Essa notícia e o cenário de incerteza e caos gerado por ela foram, em grande medida, responsáveis pela perda de Morales no plebiscito, o qual influenciou significativamente no desenrolar do golpe. Desse modo, entende-se que a influência do “caso Zapata” se deu, principalmente, por questões psicossociais. Afinal, a relação do indivíduo com os fatores que o circundam é determinante para a formação da identidade subjetiva, uma vez que é a partir disso que se cria uma noção de responsabilidade (Barbosa, 2018). Nesse sentido, a oposição política de Morales, estrategicamente, aproveitou-se desse sentimento de obrigação para com o outro e de indignação (os quais são ainda mais intensos por se tratar de uma notícia envolvendo criança) para “conquistar corações e mentes”, característica central da Guerra Híbrida (SILVA, ANVERSA e DAVID 2021, p.11).

Vemos que, assim como no Brasil, na Bolívia a questão moral também teve um peso importante nas construções das *fake news*. Não só a vida política importa, mas aspectos da vida pessoal, mesmo que não sejam verdadeiros, são usados como arma para atacar os adversários políticos.

Considerando tais exemplos, nota-se que os cidadãos (excetuando as atividades de bots) assumiram um protagonismo no compartilhamento de *fake news*, as quais eram relacionadas não somente às decisões políticas de Morales, mas também a sua vida pessoal. Assim, entende-se que o estímulo ao “juízo moral” foi uma das principais ferramentas utilizadas para a manipulação psicológica dos indivíduos, objetivando a desestabilização política da Bolívia e, conseqüentemente, o êxito da Guerra Híbrida instaurada. (SILVA, ANVERSA e DAVID 2021, p.13).

---

<sup>55</sup> Entrevista Evo Morales à Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/12/criamos-essa-nova-classe-media-e-ela-tem-outras-demandas-diz-evo-a-folha.shtml>

Vale voltar a Moscovici, segundo suas colocações, podemos afirmar que explorar crenças e preconceitos sustentados por uma representação social específica é uma forma eficiente de criar adesão a uma determinada *fake news*:

Ao dizer que as representações são sociais, nós estamos dizendo principalmente que elas são simbólicas e possuem tantos elementos perceptuais quanto os assim chamados cognitivos. É por isso que nós consideramos seu conteúdo tão importante e nos recusamos a distingui-las dos mecanismos psicológicos como tais. (...) Por conseguinte, de uma maneira concreta, nossas representações, nossas crenças, nossos preconceitos são sustentados por uma representação social específica (MOSCOVICI, 2005, APUD SILVA, 2010, p. 44).

Por outro lado, há vozes na Bolívia que defendem que embora a *fake news* relacionada ao filho bastardo de Evo Morales possa ter influenciado o resultado do referendo realizado em 2016, há que se considerar também o rechaço da população à tentativa de Morales em permanecer por mais de dez anos na Presidência. Em entrevista concedida exclusivamente para essa pesquisa, o jornalista e professor universitário, que foi chefe do departamento de comunicação da prefeitura de La Paz, Juan Araos Chaporro, considera que o fator fundamental revelado pelo referendo foi a rejeição da maioria da população à eternização de Evo Morales no comando do país<sup>56</sup>.

Você me pergunta se isso [*fake news* sobre o filho de Morales] influenciou o resultado do referendo, acho que influenciou. Precisamos levar em consideração que isso impactou alguns grupos, mas, no entanto, a coisa fundamental foi que as pessoas votaram na rejeição da pessoa de Evo Morales eternizada no poder. Estamos falando de mais de 10 anos de mandato. No entanto, não posso negar que o fato da paternidade é uma questão muito sensível na Bolívia e que isso também afetou o resultado, mas acima de tudo houve a rejeição ao presidente (ENTREVISTA CONCEDIDA PARA LYDIA ABUD LOPES, 2024).

## 1.2. Eleições de 2019 na Bolívia

Em 20 de outubro de 2019, realizou-se a eleição presidencial boliviana. Com 83,8% das urnas apuradas, as contagens preliminares indicavam o presidente então em exercício, Evo Morales com 45,7% dos votos, contra 37,8% de seu adversário, Carlos Mesa. O ritmo lento

---

<sup>56</sup> Conferir a entrevista completa nos anexos desta dissertação, páginas 118 a 150.

para divulgar o resultado final foi alvo de críticas da oposição e parte da imprensa. Quatro dias depois, veio o anúncio dos resultados oficiais: Evo Morales foi declarado vencedor em primeiro turno com 47,08% dos votos, contra 36,51% de Mesa<sup>57</sup>.

Uma onda de manifestações violentas se espalhou pelo país<sup>58</sup>. Em entrevista ao [canal La Razón Digital Bolivia](#)<sup>59</sup> sobre seu livro “Caso Golpe II”, a advogada, ex-ministra e ex-deputada Susana Rivero Guzmán narra os momentos de tensão e violência vividos nos dias que precederam e sucederam a votação:

Havia avião de guerra, que foi o que me seguiu por toda parte e os tanques que colocaram na Praça Murillo para que os parlamentares do MAS não pudessem chegar à Assembleia. Assim eles poderiam dizer: ‘não vieram, quase todos pediram demissão’. Essa foi uma história discursiva para naquele momento eles convencerem as pessoas de que o que estavam fazendo era certo. E é por isso que este livro contém todas as provas, as provas em vídeo judicializadas. Tudo foi transmitido ao vivo naquela época. Vídeos, documentos assinados. O livro ainda contém quais voos a Força Aérea realizou (Guzmán, 2023, entrevista ao canal *La Razón Digital Bolivia*).

Diante deste cenário, ministros e deputados do MAS (Movimento ao Socialismo), partido de Evo Morales, renunciaram e as Forças Armadas exigiram a renúncia de Morales e seu vice. Em sua carta de renúncia, Evo Morales e Álvaro García Linera (vice-presidente eleito ao lado de Morales), dizem os motivos de sua demissão: “para cessar a violência e para que a paz social retorne”. E que foram forçados a abandonar os cargos por “um golpe de Estado” e por “forças das trevas que destruíram a democracia”<sup>60</sup>.

Em entrevista à jornalista Mônica Bergamo para a *Folha de S.Paulo*, publicada em dezembro de 2019<sup>61</sup>, o ex-presidente Evo Morales narrou o momento em que decidiu renunciar:

Do racismo passaram ao fascismo. Começaram a perseguir militantes e autoridades do nosso governo. Queimaram suas casas e ameaçaram

<sup>57</sup> Evo Morales é reeleito na Bolívia no primeiro turno, indica apuração oficial: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/24/apuracao-termina-na-bolivia-e-indica-que-evo-morales-foi-reeleito.ghtml>

<sup>58</sup> [Candidato de oposição acusa governo de fraude em eleições na Bolívia; protestos tomam as ruas](#)

<sup>59</sup> Piedra, Papel y Tinta: Golpe II, un libro de Susana Rivero 10-11-23: <https://www.youtube.com/watch?v=qy00EwdfRiM>

<sup>60</sup> La carta de renuncia de Evo Morales: [https://www.clarin.com/mundo/carta-renuncia-evo-morales-congreso-bolivia\\_0lv0RbZ7p.html](https://www.clarin.com/mundo/carta-renuncia-evo-morales-congreso-bolivia_0lv0RbZ7p.html)

<sup>61</sup> Entrevista Evo Morales à Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/12/criamos-essa-nova-classe-media-e-ela-tem-outras-demandas-diz-evo-a-folha.shtml>



queimar suas famílias para que renunciassem. Na sexta (8), a polícia se amotina e se soma ao golpe. Queimam a casa da minha irmã. Saqueiam a minha casa. Não há polícia. Queimam a casa do presidente da Câmara, que renuncia. Os companheiros se mobilizam para, na segunda (11), recuperar a praça Murillo [no centro de La Paz] e a Casa Grande del Pueblo [sede do governo]. A polícia, amotinada, ia meter bala, massacraria meus companheiros. Renunciamos [no dia 10] para que não houvesse massacre (Evo Morales em entrevista à *Folha de S.Paulo*, 2019).

Após a renúncia de Evo Morales, a senadora da oposição Jeanine Añez se autodeclarou presidenta interina do país. Evo Morales buscou o exílio no México e posteriormente na Argentina, onde permaneceu até a vitória de Luis Arce (MAS), em eleições realizadas em outubro de 2020.

## 2. Interferências do imperialismo na América Latina no século XX

Os anos 50, 60 e 70 do século XX foram marcados por uma série de golpes de estado na América Latina. Regimes ditatoriais, violações dos direitos humanos, censura e repressão política que duraram mais de 20 anos se instauraram em diversos países da região. Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai são alguns exemplos de países que sofreram golpes militares naquele período. Os Estados Unidos da América desempenharam papel significativo nesse contexto<sup>62</sup>. Embora cada caso seja único e complexo, há evidências de intervenção direta e indireta por parte dos EUA em várias nações latino-americanas.

No Chile, o governo democraticamente eleito de Salvador Allende (1908-1973), que iniciou seu mandato em novembro de 1970, foi derrubado três anos depois. Os Estados Unidos, preocupados com as políticas socialistas de Allende e seu possível alinhamento com a União Soviética, ofereceram suporte financeiro, treinamento militar e apoio logístico a grupos opositores, incluindo militares chilenos. No dia 11 de setembro de 1973 culminou o golpe liderado pelo general Augusto Pinochet, que resultou em 17 anos de ditadura no país (AGGIO, 2021).

No Brasil, João Goulart (1919-1976) assumiu a Presidência em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros. Jango era um líder progressista que defendia a reforma agrária e a

---

<sup>62</sup> América do Sul e a Guerra Fria: Os Golpes Militares: <https://escoladecontas.tcm.sp.gov.br/artigos/1319-america-do-sul-e-a-guerra-fria-os-golpes-militares>, último acesso em 10/01/2024

nacionalização de empresas estrangeiras. Em meio ao cenário mundial da Guerra Fria, setores conservadores do Brasil e dos Estados Unidos temiam o avanço de um governo de esquerda no país<sup>63</sup>. Assim como no Chile, os EUA estiveram diretamente envolvidos no golpe militar brasileiro, fornecendo financiamento e apoio logístico a grupos opositores ao governo de Jango (GASPARI, 2002, p.57), bem como promovendo intervenções mais sutis, por meio de ações diplomáticas e pressões econômicas, visando enfraquecer o governo de Jango e influenciar os rumos políticos do Brasil (JOFFILY, 2018).

Pode-se citar ainda a Guatemala, na qual o governo democrático de Jacobo Arbenz (1913-1971) foi deposto em 1954. Os Estados Unidos, preocupados com as reformas agrárias de Arbenz e a nacionalização de empresas americanas, apoiaram ativamente uma rebelião liderada por Carlos Castillo Armas. A CIA desempenhou papel crucial ao fornecer financiamento, treinamento e armas aos rebeldes, propiciando as condições para um golpe de estado e o estabelecimento de um regime militar autoritário<sup>64</sup> (BBC, 2019).

Outros casos poderiam ser citados em toda a América Latina, como os da República Dominicana e da Argentina, nos quais os Estados Unidos tiveram algum grau de envolvimento nos golpes de estado ocorridos, respectivamente, em 1963<sup>65</sup> e 1976<sup>66</sup>. Além da intervenção direta, os EUA também exerceram pressão econômica e política sobre governos latino-americanos para influenciar e moldar suas políticas de acordo com seus próprios interesses.

É importante ressaltar que a intervenção nem sempre foi exclusiva dos Estados Unidos e que as circunstâncias internas de cada país também desempenharam papéis significativos em cada golpe. No entanto, é inegável que o envolvimento dos EUA teve um impacto profundo na história política da América Latina, afetando a estabilidade democrática e o desenvolvimento dos países latinos.

Em meados de 2013, vieram à público documentos do governo estadunidense<sup>67</sup> nos quais podem ser encontradas gravações de conversas que comprovam seu apoio a golpes militares ao redor do continente americano. Numa delas Richard Nixon, presidente dos Estados

---

<sup>63</sup> Idem

<sup>64</sup> Como a CIA derrubou meu pai em primeiro golpe na América Latina: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48808055>, último acesso em 10/01/2024

<sup>65</sup> Bipolarização na América Latina: conflitos e parcerias em torno da intervenção norte-americana na República Dominicana em 1965, José Loreto Julián Castillo, 2014. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8220/1/2014\\_JoseLoretoJulianCastillo.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8220/1/2014_JoseLoretoJulianCastillo.pdf)

<sup>66</sup> PRIORI, Angelo. Golpe Militar na Argentina: apontamentos históricos. Revista Espaço Acadêmico N° 59, abril de 2006, p. 1.

<sup>67</sup> <https://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/04/documentario-mostra-participacao-americana-no-golpe-militar-de-1964.html>, último acesso em 10/01/2024.

Unidos entre 1969 e 1974, diz ao secretário do tesouro, John Connally (em 1971): "Decidi que vamos tirar Allende [...] Ele é um inimigo [...] Vale tudo no Chile. Dê um chute no traseiro deles, ok?"<sup>68</sup>.

No Brasil, João Goulart era classificado por Kennedy como um potencial Fidel Castro<sup>69</sup>:

John Kennedy: Será que Goulart vai agir?

Lincoln Gordon: Sim, ele pode agir, como Perón fez na Argentina, um ditador populista.

Kennedy: Podemos fazer algo contra Goulart?

Gordon: Sim, acho que podemos.

Kennedy: Qual será nossa atitude?

Gordon: O fundamental é organizar as forças políticas e militares para reduzir o seu poder e, em um caso extremo, afastá-lo<sup>70</sup>.

## **2.1. Guerras híbridas: as reconfigurações do imperialismo na América Latina**

No século XXI, a América Latina continua sofrendo os efeitos da intervenção imperialista estadunidense, enfrentando desafios políticos que incluem as chamadas guerras híbridas (RODRIGUES, 2020, p.140). Esses golpes, diferentemente dos tradicionais golpes militares aplicados no século XX, são caracterizados por manobras políticas sutis que visam minar a democracia e prejudicar a estabilidade institucional de um país (COSTA, 2019, p.139 e 140).

---

<sup>68</sup><https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/09/veja-conversas-de-nixon-e-kissinger-sobre-golpe-militar-no-chile.html>, último acesso em 10/01/2024.

<sup>69</sup><https://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/04/documentario-mostra-participacao-americana-no-golpe-militar-de-1964.html>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>70</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/13/internacional/1481657626\\_461766.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/13/internacional/1481657626_461766.html), último acesso em 10/01/2024.

Manipulações judiciais, impeachment de líderes eleitos democraticamente, obstrução de processos legislativos ou campanhas difamatórias com uso de notícias falsas são alguns dos métodos utilizados (COSTA, 2019, p.139).

Um desses golpes aconteceu em Honduras em 2009, quando o presidente Manuel Zelaya foi retirado do poder por um golpe considerado inconstitucional por vários países e organizações internacionais (FOLHA de S. PAULO, 29 de junho de 2009)<sup>71</sup>. Esse evento gerou uma grave crise política e abalou a confiança dos cidadãos hondurenhos em suas instituições democráticas. Santiago O'Donnell, jornalista que se debruçou sobre as guerras híbridas na América Latina, resume a questão dos “golpes brancos” para o jornal argentino *Página/12*:

À medida que avança, vai crescendo em sua maquiagem e sua sofisticação. Começa em Honduras com um golpe rudimentar, no princípio quase de manual, mas com uma paródia de legalidade. Segue com um julgamento político expresso no Paraguai sem provas contra o presidente e violando seu direito de defesa e culmina no Brasil com um processo tão legal quanto ilegítimo e carente de fundamentos jurídicos.

A sequência, além disso, começa na periferia da região, onde os Estados Unidos continuam sendo a força hegemônica, e chega ao próprio coração da América do Sul e principal potência regional, que é o Brasil, passando como escala intermediária por um país sul-americano e sócio do Mercosul, como o Paraguai, parte do grupo de países sul-americanos que formaram um bloco relativamente autônomo na década passada e começou a aplicar mecanismos próprios para resolver seus conflitos.

No começo da década passada, as novas instituições regionais, como o Mercosul e especialmente a Unasul, serviram para evitar a interrupção de regimes democráticos no Equador e na Bolívia e conflitos bilaterais como Colômbia-Venezuela, Colômbia-Ecuador ou Bolívia-Chile, desacordos todos eles que em tempos de guerra fria teriam tido os Estados Unidos como protagonista principal e eventual árbitro<sup>72</sup> (O'DONNELL, 2016).

No Brasil, em 2016, a então presidenta Dilma Rousseff, eleita em 2014 para seu segundo mandato, foi destituída do cargo por um processo de impeachment controverso que

---

<sup>71</sup> Golpe derruba presidente de Honduras: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2906200901.htm>, último acesso em 10/01/2024.

<sup>72</sup> Originalmente publicada por *Página/12* em 01.09.2016 por Santiago O'Donnell, a matéria foi replicada pelo site Instituto Humanitas Unisinos em tradução de André Langer. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/559664-golpes-brancos-a-nova-tendencia-na-regiao>, último acesso em 20/01/2024.

tramitou na Câmara e no Senado. Ambas as Casas consideraram que Rousseff havia cometido crime de responsabilidade pelas chamadas “pedaladas fiscais”, com a abertura de crédito orçamentário sem aval do Congresso. A decisão foi acompanhada sem contestação pelo STF (Supremo Tribunal Federal) (BRAZ, 2017, p. 88).

Embora o processo que depôs Rousseff tenha sido justificado legalmente, muitos apontaram que ele foi conduzido com interesses políticos e econômicos ocultos, minando a confiança na democracia brasileira. Vale lembrar que em 21 de agosto de 2023, o TRF (Tribunal Regional Federal) da 1ª Região, em Brasília, manteve a decisão que arquivou ação de improbidade contra a ex-presidente no caso das “pedaladas fiscais”, o qual embasou o processo de impeachment<sup>73</sup>.

No caso boliviano que culminou com a renúncia de Evo Morales, em 2019, há que se levar em consideração que as ações imperialistas se somaram à insatisfação de setores da sociedade que ajudaram a incendiar o cenário eleitoral e forçar a renúncia de Morales. Centenas de milhares de manifestantes e ativistas digitais ficaram conhecidos como *pititas*<sup>74</sup> e por 21 dias até que Evo Morales renunciasse, agitaram as redes e as ruas do país<sup>75</sup>. Na fase decisiva do confronto com Morales, os *pititas* receberam ajuda da polícia e das Forças Armadas, que sugeriram ao presidente que renunciasse (EL PAÍS, 2020). Para o professor Juan Araos, a manifestação dos *pititas* é fruto de uma insatisfação com Evo Morales e as políticas do MAS, no entanto, para ele, essa manifestação nada tem a ver com o imperialismo.

Garanto que muitos desses meninos que são meus alunos, sou professor na Universidade Católica, fizeram, compartilharam ou até talvez geraram algum tipo de desinformação e notícias falsas, mas não são realizadas pelo império. Você me entende? As pessoas estão fartas, há um grande inconformismo e não estou dizendo que essas pessoas sempre se opuseram a Morales, conheço muitas pessoas que votaram em Morales, mas depois ficaram decepcionadas. Você pode esconder o interesse que existe em alguns poderes, mas não se deve indicar isso apenas e não deve indicar que as pessoas que compartilham notícias falsas ou desinformação contra Morales ou contra quem quer que seja são transportadas apenas pelo império (ENTREVISTA CONCEDIDA PARA LYDIA ABUD LOPES, 2024).

---

<sup>73</sup> Decisão que inocenta Dilma reforça que impeachment foi golpe de Estado: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jeferson-tenorio/2023/08/22/decisao-que-inocenta-dilma-reforca-que-impeachment-foi-golpe-de-estado.htm?cmpid=copiaecola>, último acesso em 10/01/2024.

<sup>74</sup> Os *pititas*, como ficaram conhecidos, são jovens estudantes das classes médias da Bolívia, articuladores dos bloqueios nas ruas após os resultados do pleito de 2019 (O GLOBO, 2020). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/classe-media-urbana-que-aderiu-protostos-contra-morales-define-eleicao-de-hoje-na-bolivia-24697103>, último acesso em 29/01/2024.

<sup>75</sup> <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-15/movimento-de-classe-media-contra-evo-morales- chega-rachado-as-eleicoes-de-domingo.html>, último acesso em 28/01/2024.

Vemos que na Bolívia de 2019, assim como no Brasil de 2016, durante o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, havia uma insatisfação de parcela da população, não foi somente uma ação imperialista dos Estados Unidos da América (EUA) sem apoio da sociedade civil. Tanto no Brasil, em 2016, como na Bolívia, em 2019, havia uma parcela significativa da população insatisfeita com os respectivos governos. O que não justifica a quebra das regras democráticas. No entanto, no caso boliviano, o apoio explícito das Forças Armadas e da polícia ao movimento de oposição a Evo Morales, evidencia que forças maiores, além da sociedade civil, estavam agindo contra Morales.

### **3. O uso político das *fake news* nas eleições da Bolívia de 2019**

Durante todo o período eleitoral houve uma tormenta de *fake news* principalmente contra Evo Morales. Ainda não há dados científicos sólidos que comprovem que a direita e extrema-direita se utilizem mais das *fake news* do que a esquerda. Mas já podemos observar algumas evidências de que o público conservador e de extrema-direita consome e replica *fake news* em maior quantidade (BUCCI, 2019, p. 22).

Em um estudo publicado em janeiro de 2018, sobre a campanha de 2016 nos Estados Unidos da América (EUA), pesquisadores baseados em quatro universidades norte-americanas (Exeter, Princeton, Michigan e Washington University em St. Louis) registraram que os dados levantados indicavam que o consumo desses sites (produtores de notícias falsas) continuava concentrado em um pequeno subgrupo de americanos com fortes preferências por meios ideológicos, especialmente aqueles com as dietas de mídia mais conservadoras (GUESS et al, 2018, p. 19, tradução nossa APUD BUCCI, 2019, p.22).

Assim como o Brasil, a Bolívia se encontrava em um contexto político de muita polarização. O que, por si só, é um terreno fértil para o surgimento de desinformação e *fake news*.

A Universidade de Oxford pesquisou a campanha brasileira de 2018 e mostrou que tanto partidários de Bolsonaro quanto eleitores de Fernando Haddad recorriam às *fake news*, mas os primeiros se sobressaíam. Segundo Caio Machado, brasileiro que participou do estudo, apoiadores de Bolsonaro compartilham notícias falsas em maior amplitude e

replicam quase todas as fontes identificadas como falsas (BULLA, 2018, APUD BUCCI, 2019, p. 22).

Em 21 de outubro de 2021, uma matéria publicada no [blog do Twitter](#)<sup>76</sup> com o título: [“Examining algorithmic amplification of political content on Twitter”](#) (“Examinando a amplificação algorítmica de conteúdo político no Twitter”<sup>77</sup>, tradução nossa) também demonstrou essa tendência. Os dados levantados na pesquisa mostraram que os algoritmos desta plataforma favorecem os discursos políticos do espectro da direita. Foram analisados milhões de tuítes em sete países: Canadá, França, Alemanha, Japão, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos. Uma das conclusões da pesquisa é que em seis dos sete países estudados - com exceção da Alemanha - tuítes postados por contas de políticos de direita receberam mais amplificação algorítmica<sup>78</sup> do que os conteúdos postados por contas de políticos de esquerda. E que veículos de notícias classificados como de direita por organizações independentes recebiam maior classificação algorítmica no *Twitter* em comparação aos meios de comunicação de tendência de esquerda. Portanto, o estudo mostra que um sistema algorítmico pode interferir e, nesse caso específico do *Twitter*, interfere nas escolhas políticas dos usuários, porque o sistema algorítmico da plataforma dá mais distribuição orgânica para os discursos de direita.

Por meio de um levantamento feito através da plataforma [“Bolivia Verifica”](#)<sup>79</sup> entre 01 de setembro e 30 de outubro encontramos as seguintes notícias verificadas como falsas:

- a) Evo Morales teria chamado seus militantes de cafetões e inúteis<sup>80</sup>;
- b) Evo Morales e outros políticos de esquerda teriam uma conta bancária dentro do banco do Vaticano<sup>81</sup>;
- c) Uma conta falsa é criada no Twitter com o nome de Carlos Mesa contendo vários conteúdos falsos<sup>82</sup>;

<sup>76</sup> <https://blog.twitter.com/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>77</sup> Twitter. Blog do Twitter, 2021. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/topics/company/2021/rml-politicalcontent](https://blog.twitter.com/en_us/topics/company/2021/rml-politicalcontent), último acesso em 15/01/2024.

<sup>78</sup> A amplificação algorítmica equivale a um impulsionamento que os algoritmos fazem dos conteúdos postados na plataforma.

<sup>79</sup> <https://boliviaverifica.bo/>, último acesso em 10/01/2024.

<sup>80</sup> <https://boliviaverifica.bo/falso-morales-no-llamo-alcahuetes-e-inutiles-a-sus-militantes/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>81</sup> <https://boliviaverifica.bo/existen-las-cuentas-bancarias-de-evo-morales-en-el-banco-del-vaticano/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>82</sup> <https://boliviaverifica.bo/falsa-cuenta-de-twitter-postea-en-nombre-de-carlos-mesa/>, último acesso em 15/01/2024.

d) Vídeo de problema hospitalar no México é atribuído a gestão de Evo Morales na Bolívia<sup>83</sup>;

e) Atribui-se um tweet falso em que Carlos Mesa supostamente se dirige à apresentadora Gabriela Oviedo<sup>84</sup>;

f) Atribui-se a Evo Morales um tuíte pedindo que a população se armasse para “defender a Bolívia”<sup>85</sup>;

g) Resultados falsos circulam antes da contagem oficial<sup>86</sup>;

h) É atribuída à Evaliz Morales, filha de Evo Morales, a afirmação de que os potosinos são covardes e medíocres por agredir o seu pai<sup>87</sup>;

i) É apontada uma “milagrosa aparição” de 4 mil votos a favor do MAS em uma mesma mesa de votação em Tarija<sup>88</sup>;

j) Um deputado chileno declaradamente alinhado a Morales é apontado como auditor eleitoral da OEA<sup>89</sup>;

l) O governo de Evo Morales é acusado de suspender o pagamento da polícia, das forças armadas e do magistério<sup>90</sup>;

m) É atribuído a Morales a autoria de um tweet segundo o qual ele não iria renunciar mesmo diante de “uma dezena, duas dezenas ou mil mortos”, afirmando ainda que iria expulsar do país “os universitários e os médicos”<sup>91</sup>;

n) É atribuído ao apresentador de televisão Leonel Fransezze um tweet que se refere a Morales como ditador e remete aos dias obscuros na Bolívia<sup>92</sup>;

---

<sup>83</sup> <https://boliviaverifica.bo/video-de-problema-hospitalario-es-de-mexico/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>84</sup> <https://boliviaverifica.bo/circula-la-imagen-de-un-tuit-falso-en-el-que-supuestamente-carlos-mesa-se-dirige-a-la-presentadora-gabriela-oviedo/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>85</sup> <https://boliviaverifica.bo/no-evo-no-tuiteo-pidiendo-al-pueblo-armarse-para-cuidar-bolivia/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>86</sup> <https://boliviaverifica.bo/falsos-resultados-circulan-antes-del-computo-oficial/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>87</sup> <https://encurtador.com.br/pgxyF>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>88</sup> <https://boliviaverifica.bo/enganosa-noticia-sobre-en-tarija-aparecen-4-000-votos-en-una-misma-mesa-a-favor-del-mas/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>89</sup> <https://boliviaverifica.bo/en-redes-sociales-muestran-a-un-diputado-chileno-como-si-fuera-miembro-del-equipo-auditor-de-la-oea/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>90</sup> <https://encurtador.com.br/ilCFZ>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>91</sup> <https://boliviaverifica.bo/circula-foto-de-un-tuit-falso-atribuido-a-evo-morales/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>92</sup> <https://boliviaverifica.bo/presentador-de-atb-denuncia-una-falsa-publicacion-en-su-nombre/>, último acesso em 15/01/2024.



- o) Notícias com mensagens enganosas sobre contagem de votos<sup>93</sup>;
- p) É atribuído a Morales um tuíte pedindo que o povo se armasse para cuidar da Bolívia<sup>94</sup>.

### **3.1. Encontros do governo Bolsonaro com opositores de Evo Morales e o uso de robôs no processo eleitoral da Bolívia**

Através de uma série de áudios revelados pelo jornal boliviano *El Periódico*<sup>95</sup>, é possível analisar como alguns líderes opositores da Bolívia convocaram “mobilização até a queda do presidente”. Para isso, buscaram apoio em governo de outros países, e o Brasil é um exemplo disso. Em um dos áudios, um interlocutor revela o apoio “das igrejas evangélicas e do governo brasileiro”, e fala de um suposto “homem de confiança de Jair Bolsonaro, que assessora um candidato presidencial”. Embora o áudio não revele o nome deste “homem de confiança” do governo brasileiro, é notável que a partir de maio de 2019 o Itamaraty manteve conversas frequentes com o líder opositor Luis Fernando Camacho. Ernesto Araújo, então chanceler de Jair Bolsonaro, garantiu apoio do governo brasileiro à oposição a Evo Morales. Outro áudio mostra os estrategistas da oposição dizendo: “temos que começar a nos organizar para falar de política nas igrejas, como já se faz a muito tempo no Brasil, que já tem deputados, prefeitos e até governadores da igreja (evangélica)”.

Em setembro de 2020, veio à tona a notícia de que a então presidenta interina da Bolívia, Jeanine Áñez havia contratado a *CLS Strategies*, em uma iniciativa para aumentar o apoio internacional ao seu governo. A informação gerou polêmica porque a empresa havia sido acusada pelo Facebook de promover campanhas de notícias falsas para enfraquecer o debate democrático.

Em relatório divulgado no dia 01 de setembro de 2020, o Facebook afirmou ter removido contas falsas de redes sociais ligadas à *CLS* que haviam postado conteúdo em apoio

---

<sup>93</sup> <https://boliviaverifica.bo/enganosos-mensajes-sobre-el-conteo-de-votos/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>94</sup> <https://boliviaverifica.bo/no-evo-no-tuiteo-pidiendo-al-pueblo-armarse-para-cuidar-bolivia/>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>95</sup> Filtran audios de líderes opositores llamando a un golpe de estado contra Evo Morales: <https://elperiodicocr.com/bolivia-filtran-audios-de-lideres-opositores-llamando-a-un-golpe-de-estado-contra-evo-morales/>, último acesso em 15/01/2024.

à presidenta interina, Jeanine Áñez (CORREA, 2021). O Facebook também expôs que a empresa estadunidense promovia, por meio de diversos perfis falsos, além de campanhas em apoio ao governo interino da Bolívia, postagens em oposição a Nicolás Maduro (presidente da Venezuela) e ao partido do presidente do México, Andrés Manuel López Obrador<sup>96</sup>.

Depois da contratação da *CLS*, os perfis de Jeanine Áñez e Luis Fernando Camacho, presidente do Comitê Cívico de Santa Cruz, integrante da ala radical de oposição ao MAS e a Evo Morales, e um dos responsáveis por convocar as manifestações durante o processo eleitoral de 2019, cresceram subitamente, sendo que grande parte desses seguidores foram perfis criados apenas em novembro. Ainda em relação aos perfis falsos, ressalta-se que no *Twitter* houve diversas campanhas promovidas por robôs, citando-se como exemplo a utilização da hashtag: “#NoFueGolpeFueFraude” (PENIDO e STÉDILE, 2021, p. 94).

Um levantamento realizado por Julián Macías Tovar, responsável por comandar as redes do partido espanhol Unidas Podemos, revelou que mais de 68 mil contas robôs foram criadas para atuar nas redes contra o ex-presidente Evo Morales<sup>97</sup>. Esses perfis serviram para difundir informações falsas sobre Morales e o que estava acontecendo no país e para inflar as contas da autoproclamada presidenta Jeanine Áñez e do líder opositor Luis Fernando Camacho.

Nota-se que as *fake news* continuaram exercendo uma função importante mesmo após a renúncia de Evo Morales, uma vez que foram as responsáveis por propagar uma ideia de legitimidade e legalidade ao ocorrido. Bots<sup>98</sup> passaram a difundir mensagens de apoio à nova presidenta, negando o golpe, a fim de institucionalizar o novo governo (PENIDO e STÉDILE, 2021, p. 94).

O relato do professor e jornalista Juan Araos Chaporro nos dá uma ideia de como as *fake news* foram usadas e continuam sendo no país<sup>99</sup>:

Aqui, como em todo lugar, existem grupos, não só os políticos, os partidos, os governantes, têm grupos que Evo Morales os batizou de guerreiros digitais, ele mesmo os batizou. Eu tenho 100% de certeza, tenho conhecimento, não

---

<sup>96</sup> Governo interino da Bolívia admite ter contratado empresa acusada de promover fake news: <https://oglobo.globo.com/mundo/governo-interino-da-bolivia-admite-ter-contratado-empresa-acusada-de-promover-fake-news-24624561>, último acesso 12/02/2024.

<sup>97</sup> Golpe na Bolívia conta com milícia virtual de mais de 68 mil robôs: <https://revistaforum.com.br/global/2019/11/18/golpe-na-bolivia-Conta-com-milicia-virtual-de-mais-de-68-mil-robots-64574.html>, último acesso 12/02/2024.

<sup>98</sup> Bot é uma aplicação de software concebido para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão (Fonte: [Wikipedia](#))

<sup>99</sup> Conferir a entrevista completa nos anexos desta dissertação, páginas 118 a 150.

hesito absolutamente em dizer que esses guerreiros existem porque conheço pessoas que trabalham lá, tenho amigos que trabalham lá, quando eu digo que tenho gente, tenho gente conhecida, ou amigos que foram de um lado ou de outro, você entende? Eu sei que eles existem, então isso responde a um planejamento, responde a um planejamento de um ataque virtual, a geração de conteúdo desinformante, a geração de conteúdo desinformante a favor e contra fulano de tal e neste caso Evo Morales. Isso não pode ser negado, isso existe. E existiu. Agora, atualmente contra Evo, contra Arce, contra os prefeitos, contra os governadores, enfim. Mas também não se pode negar que também existe um movimento espontâneo, um fenômeno espontâneo que é, como te dei o exemplo da pessoa que está andando na rua e vê, por exemplo, um protesto e em vez de dizer 10 caras, a pessoa amplia dizendo que viu 100 pessoas e gerou *fake news* e gerou desinformação (ENTREVISTA CONCEDIDA PARA LYDIA ABUD LOPES, 2024).

### 3. 2. O polêmico relatório da OEA e a reação da imprensa

Grande parte da imprensa internacional culpou Evo Morales pela sua derrubada. Segundo a jornalista Anne-Dominique Correa, em artigo para o *Le Monde Diplomatique Brasil*<sup>100</sup>:

No dia seguinte ao golpe de Estado, uma avalanche de editoriais atribuiu também a responsabilidade da ‘crise’ a Morales. Segundo o editorial do *The Observer* ‘o ex-presidente foi [...] vítima de sua recusa em ceder as rédeas do poder’, e seu ‘reino’ apresentava ‘sinais’ de ‘culto à personalidade pouco atraentes, quase castristas’ (17 nov.). O mesmo discurso nas páginas do *New York Times*: “O que derrubou Morales não foi sua ideologia ou qualquer ingerência estrangeira, como ele insinuou, mas sua arrogância, um traço próprio dos populistas: [...] a pretensão de ser a última instância arbitral da vontade do povo e de ser autorizado a esmagar qualquer instituição que se coloque em seu caminho (LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, 2020).

No dia 21 de outubro de 2019, o Secretário-Geral da OEA (Organização dos Estados Americanos) publicou seu Relatório de Resultados Preliminares para as eleições de 20 de outubro de 2019, no qual indicou que não poderia certificar a integridade das eleições e concluiu que “as manipulações e irregularidades apontadas não nos permitem ter certeza sobre a margem de vitória do candidato Evo Morales sobre o candidato Carlos Mesa”<sup>101</sup>. E, dias

<sup>100</sup> CORREA, Anne-Dominique. A “derrota” de Morales, uma fake news em escala planetária: <https://diplomatique.org.br/bolivia-cronica-de-um-fiasco-midiatico/>, último acesso 12/02/2024.

<sup>101</sup> OEA, [Declaración de la Misión de Observación Electoral de la OEA en Bolivia](#), 21 de octubre de 2019. Último acesso 12/02/2024.

depois, no relatório publicado em 10 de novembro, afirmou que “houve uma série de operações fraudulentas destinadas a alterar a vontade expressa nas urnas.”<sup>102</sup>

Diante da reação da oposição desencadeada pelo Relatório da OEA, o então presidente em exercício Evo Morales anunciou que as eleições ocorreriam de novo e os membros do Tribunal Supremo Eleitoral seriam renovados. No entanto, os líderes da oposição rejeitaram a proposta e apelaram à sua renúncia (*Grupo Interdisciplinario de Expertos Independientes - GIEI Bolivia*, 2021, p. 24).

Meses depois de publicado, o Relatório da OEA passou a ser questionado. Em junho de 2020, o jornal *New York Times*<sup>103</sup> apontou erros metodológicos no documento, que afirmava não ter havido golpe na Bolívia. Para questionar a integridade dos relatórios da OEA, o *New York Times* se baseou em um estudo independente, realizado por três pesquisadores de universidades norte-americanas que – segundo o jornal – examinaram “dados obtidos pelo *New York Times* junto às autoridades eleitorais bolivianas”. O estudo<sup>104</sup>, “descobriu que a análise estatística da Organização dos Estados Americanos era falha”:

Estabelecemos que as alegações de fraude vinculadas à miragem da contagem antecipada apresentam falhas comuns. Ou negligenciam o fato de que os processos legítimos de contagem de votos podem produzir mudanças aparentemente anômalas na percentagem de votos ao longo da contagem, ou a sua análise sofre de erros metodológicos e/ou de codificação. Refutar estas alegações requer, portanto, a descrição das tendências de partilha de votos que esperaríamos observar na ausência de fraude, bem como uma replicação cuidadosa dos resultados quantitativos. Estudamos as eleições presidenciais bolivianas de 2019, nas quais as alegações de fraude ligadas à contagem antecipada desempenharam um papel importante na reversão do resultado das eleições (Crisis Group, 2020) – com grandes consequências sociais. A nossa análise revela que estas influentes alegações de fraude se baseavam em erros conceituais, metodológicos e de codificação. E mesmo quando as alegações de fraude ligadas à miragem da contagem antecipada não anulam uma eleição – como acontece em Honduras, no Equador, no Peru, no Quênia, nas eleições locais e nacionais no México e nas eleições locais e nacionais nos Estados Unidos, por exemplo – estas alegações pode desencadear conflitos e minar a percepção da democracia. O caso boliviano destaca as principais

<sup>102</sup> OEA, [Misión de Observación Electoral. Comunicado de grupo de auditores de proceso electoral en Bolivia](#), 10 de noviembre de 2019. Último acesso em 12/02/2024.

<sup>103</sup> Análise dos dados eleitorais bolivianos mostra que relatório da OEA, que levantou questões de fraude eleitoral – e ajudou a forçar a saída de um presidente – era falho: <https://www.nytimes.com/2020/06/07/world/americas/bolivia-election-evo-morales.html#click=https://t.co/HGrEx2Yd1h>, último acesso 12/02/2024.

<sup>104</sup> Do Shifts in Late-Counted Votes Signal Fraud? Evidence From Bolivia: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3621475](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3621475), último acesso 12/02/2024.

conclusões da literatura sobre observação eleitoral internacional (por exemplo, Donno, 2010, 2013; Hyde, 2007, 2011; Beaulieu e Hyde, 2009; Hyde e Marinov, 2014; Simpson e Donno, 2012; Bush e Prather, 2018). ; Kavakli e Kuhn, 2020). Tal como em Bush e Prather (2017), os monitores de terceiros moldaram poderosamente as percepções locais de credibilidade eleitoral – especialmente as dos perdedores políticos. Além disso, o papel controverso da OEA na Bolívia provavelmente afetou as atitudes em relação à OEA em todas as Américas, bem como as decisões sobre se e quando se envolver com a OEA em questões não relacionadas (consistente com Corstange e Marinov, 2012; Bush e Prather, 2020). Para além da observação eleitoral, as nossas conclusões referem-se a trabalhos que ligam as agendas das organizações internacionais às dos atores políticos nacionais, especialmente à sombra das eleições (por exemplo, Schneider e Slantchev, 2018). (IDROBO, KRONICK e RODRÍGUEZ, 2020, p. 23, tradução nossa).

Interesses estratégicos e econômicos colocam a América Latina no radar do imperialismo estadunidense (BRAZ, 2017, p. 99). Tradicionalmente, os governos de esquerda, como o de Evo Morales e Dilma Rousseff, protegem as riquezas e interesses nacionais da ganância imperialista. Portanto, podemos concluir que o apoio dos EUA a atores políticos e a pressão exercida nas instituições internacionais podem ter influenciado os eventos políticos na Bolívia e no Brasil. É importante também ressaltar que em ambos os casos, tanto Morales quanto Rousseff enfrentaram forte oposição política e uma crise de legitimidade. Evo Morales, presidente da Bolívia desde 2006, enfrentou protestos após a eleição presidencial de 2019. O resultado controverso das eleições desencadeou uma série de manifestações em todo o país, levando ao questionamento da legitimidade de Morales e de seu governo. Da mesma forma, Dilma Rousseff enfrentou uma crise política e econômica durante o seu segundo mandato, que contribuíram para o aumento da pressão da oposição.

Podemos afirmar que tanto os eventos na Bolívia - desde 2016, quando o resultado do referendo não foi respeitado, bem como posteriormente a renúncia de Evo Morales em 2019 e o golpe de Estado<sup>105</sup> que se seguiu -, quanto os eventos no Brasil, com o impeachment de Dilma Rousseff - chamado por muitos especialistas e estudiosos de “golpe parlamentar” ou “golpe branco”<sup>106</sup> -, geraram um cenário de polarização nas duas sociedades, refletindo uma profunda

---

<sup>105</sup> <https://congressoemfoco.uol.com.br/tipo/especiais/entenda-o-golpe-que-depos-evo-morales-na-bolivia/>, último acesso em 13/02/2024.

<sup>106</sup> <https://noticias.uol.com.br/columas/jeferson-tenorio/2023/08/22/decisao-que-inocenta-dilma-reforca-que-impeachment-foi-golpe-de-estado.htm>, último acesso em 13/02/2024.

divisão política e ideológica em ambos os países. No próximo capítulo, analisamos mais de perto como as *fake news* influenciaram o cenário eleitoral de cada um deles.

## CAPÍTULO 3

### USO POLÍTICO DAS *FAKE NEWS* NAS ELEIÇÕES DO BRASIL (2018) E DA BOLÍVIA (2019): SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Neste capítulo buscamos mostrar, à luz das referências teóricas e do contexto descrito nos capítulos anteriores, as semelhanças e diferenças entre as *fake news* que influenciaram as eleições do Brasil, em 2018, e da Bolívia, em 2019, comparando os dois casos a partir dos materiais recolhidos na pesquisa. A metodologia utilizada foi a realização de pesquisa documental, com base em bibliografia especializada e em fontes primárias, e questionários com indivíduos bolivianos e brasileiros, maiores de 18 anos de idade, usuários de redes sociais, de diversos níveis de escolaridade, religião indiferente e condição financeira indiferente. Responderam ao questionário 84 pessoas, sendo 46 indivíduos de nacionalidade brasileira e 38 de nacionalidade boliviana. O capítulo está dividido em três partes. Na primeira parte, nos apoiamos nas concepções teóricas sobre comparação tratadas pela historiadora Maria Ligia Coelho Prado em seu artigo Repensando a História Comparada da América Latina, e nos estudos sobre comparação nas Ciências Sociais do cientista político Leonardo Morlino e do sociólogo Giovanni Sartori. A segunda parte trata das semelhanças e diferenças entre os dois casos de uso de *fake news* nas eleições. A terceira parte é dedicada à análise dos questionários.

#### 1. Questões do método comparativo

Para o sociólogo Giovanni Sartori, o objetivo da pesquisa comparativa entre países consiste em querer entender. Para ele, a comparação é um método de controle das nossas generalizações (SARTORI, 1994, p. 29). Ainda segundo Sartori, comparar implica em assimilar e diferenciar nos limites. Se duas entidades são iguais em todas as características, é como se fossem a mesma entidade. Se forem diferentes em tudo, é inútil compará-las:

O que é comparável? Voltemos às maçãs e pêras. Eles são comparáveis ou não? Este é um exemplo fácil. Mas serão as pedras e os avestruzes comparáveis? Provavelmente a maioria responderá não, para ser imediatamente respondida com a objeção: para declará-los “incomparáveis”, tivemos que, em algum momento, compará-los. Vamos começar do mais

simples. Maçãs e pêras são comparáveis em relação a algumas propriedades – aquelas que têm em comum – e não são comparáveis em relação a outras. Desta forma, maçãs e peras são comparáveis enquanto frutas, enquanto comestíveis, enquanto entidades que crescem em árvores; mas não são comparáveis, por exemplo, em termos da sua forma. Em princípio, então, a questão deveria ser sempre formulada assim: comparável (bastante semelhante) em relação a quais propriedades ou características, e não comparável (muito diferente) em relação a quais outras propriedades ou características? (SARTORI, 1994, p. 35, tradução nossa).

Na década de 1990, o cientista político Leonardo Morlino discutiu o método comparativo de pesquisa a partir de fenômenos marcantes na época: a abertura para a democracia no leste europeu e na América Latina. Partindo da elaboração de perguntas que diziam respeito aos processos democráticos desses países, o autor desenvolveu seu método de análise. Para ele, a comparação é sempre útil para se alcançar os objetivos do estudo, pois possibilita que o pesquisador controle melhor a hipótese de trabalho formulada. Após definir o problema de pesquisa, é recomendável reduzir o número de variáveis a analisar (MORLINO, 1994).

Ainda segundo Morlino, no caso de não haver teoria bem estruturada (não haver boa literatura de referência), sendo a pesquisa algo muito novo, o pesquisador seria forçado a considerar mais aspectos a comparar, e diminuir tanto o número de casos como o período a estudar. O autor sugere que a configuração da comparação se organize através de uma matriz de dados que permita especificar com o maior rigor tanto as dimensões temporais como espaciais escolhidas (MORLINO, 1994, p. 20-23, tradução nossa).

No artigo *Repensando a História Comparada da América Latina*, de 2005, a historiadora Maria Ligia Coelho Prado discute abordagens e métodos da História Comparada, indicando possibilidades e limites dessa escolha. Para a pesquisadora, comparar o Brasil com os demais países da América Latina sempre lhe pareceu um desafio estimulante:

Na medida em que a história de cada país latino-americano corre paralelamente às demais, atravessando situações sincrônicas bastante semelhantes – a colonização ibérica, a independência política, a formação dos Estados Nacionais, a preeminência inglesa e depois a norte-americana, para ficar nas temáticas tradicionais – não há, do meu ponto de vista, como escapar às comparações. Em vez de manter os olhos fixos na Europa, é mais eficaz, para o historiador, olhar o Brasil ao lado dos países de colonização espanhola. (PRADO, 2005, p.12)



No entanto, conforme nota Prado, de um modo geral, dentro ou fora do Brasil, a produção sobre história comparada é pequena e intermitente. Em seu artigo, a historiadora repassa alguns textos importantes de pesquisadores que se utilizaram da comparação, começando com o clássico *A democracia na América*, Alexis de Tocqueville que, ainda no século XIX, compara a democracia norte-americana com as da Europa, particularmente a França.

Para Maria Ligia Prado, as dificuldades de aceitação da história comparada, além da forte tendência, no caso dos historiadores, ao recorte de seu objeto dentro do espaço nacional, relacionam-se às incertezas sobre os procedimentos metodológicos de tal abordagem e à eficácia dos resultados. A comparação, assim, coloca desafios e demanda cautela. Para a pesquisadora, uma referência fundamental para a discussão sobre método comparativo é o artigo do historiador francês Marc Bloch, *Pour une histoire comparée des sociétés européennes* (Por um história comparada das sociedades europeias, tradução nossa), publicado em 1928 e que ainda hoje serve de guia para o trabalho de historiadores e cientistas sociais. A proposta deste artigo é a de demonstrar que o método comparativo se apresenta como “um instrumento técnico, de uso corrente, manejável e capaz de levar a resultados positivos”. Bloch propõe que a história comparada seja incorporada à grade curricular dos cursos de História das universidades. Na visão do historiador, apenas a comparação permite levantar problemas e hipóteses que seriam impossíveis de serem pensados se se mantivessem presos às fronteiras nacionais.

O método comparativo supõe determinados procedimentos, a começar pela escolha dos objetos. Para Bloch, devem-se escolher dois ou mais fenômenos que pareçam, à primeira vista, apresentar certas analogias entre eles, em um ou vários meios sociais diferentes; em seguida, deve-se descrever as curvas de sua evolução, constatar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicá-las à luz da aproximação entre uns e outros. Marc Bloch propunha dar preferência ao estudo paralelo de sociedades vizinhas e contemporâneas; sociedades sincrônicas, próximas umas das outras no espaço (BLOCH, 1968, APUD PRADO, 2005, p. 17-18).

Maria Ligia Coelho Prado também nos apresenta outros autores, entre eles Raymond Grew, historiador e editor por muitos anos da revista *Comparative Studies in Society and History*. Em artigo de 1980, Grew, entusiasta da história comparada, propõe um diálogo com Bloch. Para ele, no entanto, não há propriamente um método comparativo. Embora Bloch tenha sempre se referido a um método comparativo, Grew entende que o historiador francês propunha mais um modo de pensar do que um método, sendo o uso da comparação uma maneira de

alcançar diferentes perspectivas no campo da pesquisa. Trata-se de um modelo que prescinde da elaboração de estruturas formais e que se apresenta mais como uma forma de pensar o objeto do que como uma metodologia. (GREW APUD PRADO 2005, p. 19).

Ao abordar os estudos latino-americanos, Prado afirma que a historiografia latino-americana, do mesmo modo que a europeia, demonstra que os estudos comparativos, ainda que escassos, têm sido uma constante, citando como exemplo inicial o historiador mexicano Silvio Zavala que, em 1935, apresentava um texto no qual comparava semelhanças e diferenças relativas à conquista espanhola nas ilhas das Canárias e na América. Magnus Morner, Julia Fawaz de Viñuela e John French, no artigo *Comparative approaches to Latin American History*, de 1982, indicam que os historiadores têm preferência por comparar certos temas: escravidão, relações raciais, imigração, fronteiras e urbanização.

Os objetivos da comparação podem, na perspectiva desses autores, ser assim resumidos: a) formular generalizações por meio de observações de recorrências; b) demonstrar as singularidades por intermédio da observação das diferenças; c) ajudar a produzir explicações causais. Assim, ainda segundo Maria Ligia, os autores mantêm-se filiados a uma perspectiva metodológica que busca “as causas gerais” dos fenômenos históricos, com o intuito de chegar a generalizações e se aproximar da construção de modelos. (PRADO, 2005, p. 22).

Dando sua própria contribuição à discussão, Prado afirma que a história comparada deve

fugir das justaposições e das classificações. Na minha perspectiva, também não deve estar comprometida com a busca de generalizações; a produção acadêmica latino-americana, das décadas de 1960 e 1970 foi claramente marcada por essa discutível visão generalizante. Cientistas sociais estudaram a região a partir de uma perspectiva totalizante com ênfase na macro-história que privilegiava as estruturas econômicas e sociais. Dessa maneira, a América Latina era apresentada com semelhantes características históricas e com problemas similares a serem enfrentados no presente: pobreza, atraso, em uma palavra, subdesenvolvimento. (PRADO, 2005, p. 23).

Prado afirma que, da mesma forma que o ambiente pós Primeira Guerra Mundial explica, em parte, as críticas de Marc Bloch ao confinamento dos historiadores dentro dos espaços nacionais, os tempos recentes de avanço da globalização propiciam a discussão sobre a construção de “histórias conectadas” - conceito apresentado por Sanjay Subrahmanyam, historiador indiano radicado na França, que desmonta o que considera ser a “visão tradicional” da historiografia europeia sobre o mundo asiático:

A história da Eurásia moderna não pode ser vista como mero produto ou resultado do “comando” da história europeia, sem a qual, supostamente, não existiria. [Subrahmanyam] Propõe que ela seja entendida em suas conexões com a Europa e com as outras partes do mundo, sem que se estabeleçam polos, um determinante e outro subordinado (PRADO, 2005, p. 27).

Caminhando para o final de sua reflexão, Maria Lígia Coelho Prado reforça que “é indiscutível a constatação de que são poucos os estudos produzidos no Brasil que buscam comparar o Brasil aos demais países da América Latina”. Ela acredita, no entanto, que tal comparação é rica em potencialidades e contribuiria para a reflexão sobre novos problemas e questões. “Penso, ainda, que a escolha da história comparada não exclui a abordagem de histórias conectadas”, afirma a autora, uma vez que seria possível fazer história comparada e permanecer crítico das visões eurocêntricas e dicotômicas:

Assim, entendo que há mais complementação entre comparação e conexão do que exclusão. Voltando a Marc Bloch, seria extremamente fecundo, com o rigor e os procedimentos metodológicos próprios do ofício do historiador, buscar “a unidade do problema” em duas ou mais sociedades latino-americanas e promover as devidas conexões globalizantes. (PRADO, 2005, p. 30).

No caso particular de nossa pesquisa, entendemos que a unidade do problema é a propagação de desinformação e de notícias falsas com o auxílio da tecnologia para influenciar os processos eleitorais. Levantamos ainda questões ligadas ao imperialismo e sua interferência nos países da América Latina, destacando as situações que apresentam aspectos semelhantes que aproximam os casos brasileiro e boliviano. No entanto, quando se aprofunda o olhar para cada um deles, notamos que há também muitas diferenças.

## **2. Fake news nas eleições brasileiras de 2018 e da Bolívia de 2019: semelhanças e diferenças**

Para comparar os dois casos elencamos as semelhanças que aproximam ambos os cenários. Em primeiro lugar, notamos que os dois países latino-americanos atravessavam um período de polarização política muito forte. Em seguida, destacamos o uso de *bots* ou robôs

usados para não só disseminar as *fake news*, mas também, como no caso boliviano, dar visibilidade e repercussão às contas de Camacho e Añez. Notamos que as *fake news* foram utilizadas tanto pela esquerda quanto pela direita; no entanto, nos dois casos a direita e/ou extrema-direita se utilizou mais, difundiu mais e também se beneficiou mais da utilização delas. As pautas morais foram usadas para criar mais adesão às *fake news*, em cada país explorada de formas diferentes; no entanto, ambos os cenários analisados demonstram que esse tipo de *fake news* foi utilizada.

As diferenças que encontramos em cada caso dizem respeito a aspectos mais detalhados de cada cenário político estudado. No caso da Bolívia, houve violência e mortes. A propagação de *fake news* não parou até a renúncia de Evo Morales. A questão do referendo também colaborou para um cenário eleitoral diferente do que tivemos no Brasil.

## 2.1. Semelhanças

### a) Sociedades polarizadas: terreno fértil para a propagação de *fake news*

Sem levar em consideração os aspectos da psicologia humana e sua tendência inata para se engajar em assuntos polarizantes, poderíamos incorrer no erro de achar que apenas uma educação formal e midiática bastasse para combater as *fake news*. Caminhos regulatórios e cobrança por mais transparência e responsabilização das plataformas podem ser vistos como parte das soluções para reduzir a disseminação de *fake news*. Mas apenas essas medidas não seriam capazes de evitar por completo a desinformação. A polarização da sociedade é um fator determinante e um terreno extremamente fértil para a desinformação e *fake news*. Sem levarmos em consideração esse aspecto da psicologia humana não será possível decifrar por completo a questão das desinformação e propagação das *fake news*. Sobre o peso das crenças pessoais na aceitação ou não de *fake news*, pode-se destacar que

A familiaridade do indivíduo com outros assuntos e com as crenças que ele assume serem verdadeiras aumenta a probabilidade de notícias falsas serem vistas como verdadeiras e diminui a chance da correção do erro (Lewandowsky et al., 2012), ao passo que, ao se deparar com informações conflitantes com suas crenças, sentimentos negativos podem ser ativados. As crenças pessoais, portanto, podem facilitar o processo de desinformação, aumentando a confiança do indivíduo na notícia falsa (RIBEIRO et MODESTO, 2023, p. 204).

Uma pesquisa publicada pela *American Political Science Review*, em maio de 2021, *Partisan Polarization Is the Primary Psychological Motivation behind Political Fake News Sharing on Twitter*<sup>107</sup> (A polarização partidária é a principal motivação psicológica por trás do compartilhamento de notícias políticas falsas no Twitter, tradução nossa), revela que o grau de polarização dos indivíduos é o principal fator psicológico por trás do compartilhamento de notícias falsas.

Engana-se quem pensa que nossa relação com os fatos é racional. Se fosse o caso, bastaria fazer o esclarecimento das fake news e ensinar a todos como identificar as notícias falsas e o problema estaria resolvido. Mas os fatos não nos fazem mudar de ideia porque nossa relação com a informação é emocional. Só que o ser humano, quando está tomado por emoções, não toma boas decisões. Nosso senso crítico fica falho e nessa somos mais facilmente enganados. Os agentes da desinformação sabem disso e nos manipulam por meio de nossos sentimentos e tendência inata para polarizar. As notícias falsas são criadas para provocar raiva, surpresa, revolta, nojo ou alegria para levar ao compartilhamento impulsivo e, portanto, irrefletido, daquele conteúdo (BECKER, 2022, *Site Jota*)<sup>108</sup>.

Notamos que tanto o Brasil quanto a Bolívia no contexto de suas eleições presidenciais de 2018 (Brasil) e 2019 (Bolívia) encontravam-se em uma situação de extrema polarização política. No Brasil, acontecimentos que se iniciaram com as Jornadas de Junho (2013), o impeachment de Dilma Rousseff (2016) e posteriormente a prisão do então ex-presidente (2018) e atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, além do surgimento de um candidato forte da extrema-direita, como Jair Bolsonaro, foram determinantes para o surgimento do ambiente polarizado que se criou no país nas eleições presidenciais de 2018. Na Bolívia, o fato de Evo Morales não respeitar o resultado do referendo que decidiu que ele não poderia se candidatar pela quarta vez consecutiva à Presidência do país também foi um dos fatores que desencadeou o clima polarizado em que foram realizadas as eleições de 2019.

Vale, portanto, ressaltar que, embora por motivos diferentes - já que aqui houve o respeito pelo jogo democrático por parte dos candidatos nas eleições de 2018, ao contrário da Bolívia nas eleições de 2019 -, as duas sociedades se encontravam em um cenário de profunda

---

<sup>107</sup> [Partisan Polarization Is the Primary Psychological Motivation behind Political Fake News Sharing on Twitter](#), último acesso em 05/02/2024.

<sup>108</sup> <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/precisamos-falar-sobre-polarizacao-31082022>, último acesso em 05/02/2024.

polarização política. Em entrevista concedida exclusivamente para esta pesquisa, o professor Juan Araos afirma que a sociedade boliviana se encontra polarizada. Para ele, os motivos seriam a postura de Evo Morales e o Luis Arce, assim como o partido deles, o MAS.

Devemos também levar em conta que na Bolívia a sociedade é muito polarizada. O ex-presidente Evo Morales e o MAS, o governo atual e o anterior cuidaram, na minha opinião, esta é apenas a minha opinião, que talvez seja partilhada por muitos, de dividir, dividir muito a sociedade, polarizar a sociedade, e isso também gera desinformação. É um terreno fértil para a geração de notícias falsas ((ENTREVISTA CONCEDIDA PARA LYDIA ABUD LOPES, 2024).

A jornalista boliviana, Isabel Mercado, em entrevista concedida exclusivamente para esta pesquisa<sup>109</sup>, também enumerou elementos que colaboraram para a crise que se instalou em seu país:

A crise de 2019 foi também uma crise de desinformação de todos os lados possíveis. Há informações falsas, desinformação e conspiração, mas as fontes não foram apenas da oposição a Evo Morales, mas também o próprio MAS. Desde o início das manifestações na Bolívia em 2019, o país vive uma crise social e política, mas também uma crise de informação, ou melhor, de desinformação. Foi muito difícil para a imprensa cobrir estes acontecimentos devido às fotos e vídeos falsos que inundaram as redes sociais e que foram inclusive citados e apresentados por figuras importantes do conflito. Vários meios de comunicação internacionais produziram versões tendenciosas da situação boliviana de um lado para o outro, incluindo figuras como o ex-presidente Evo Morales, contribuindo para o clima de desinformação. Morales deu entrevista coletiva no México na qual mostrou um vídeo cortado e outro falso para denunciar a violência nas ruas ((ENTREVISTA CONCEDIDA PARA LYDIA ABUD LOPES, 2024).

Por sua vez, pessoas que apoiam o MAS afirmam que a polarização se dá por causa das atitudes antidemocráticas da oposição a Evo Morales. Em entrevista ao canal *La Razón Digital Bolivia*<sup>110</sup> sobre seu livro “Caso Golpe II”, a advogada, ex-ministra e ex-deputada pelo MAS, Susana Rivero Guzmán questiona a forma inconstitucional em que Jeanine Añez assumiu a Presidência do país.

---

<sup>109</sup> Conferir entrevista completa nos anexos desta dissertação, páginas 110 a 116.

<sup>110</sup> Piedra, Papel y Tinta: Golpe II, un libro de Susana Rivero 10-11-23: <https://www.youtube.com/watch?v=qy00EwdfRiM>, último acesso 12/02/2024.

Impuseram uma presidenta fora de qualquer mecanismo institucional previsto na lei. Foi isso que aconteceu no processo e é isso que deve ficar aí para as pessoas refletirem. Há até as cartas de demissão de Evo Morales e Álvaro García, onde dizem os motivos da sua demissão e os motivos para que parassem de matar, para que parassem de queimar, para que parassem de perseguir (GUZMÁN, 2023, entrevista ao canal *La Razón Digital Bolivia*).

O que concluímos é que há uma guerra de narrativas entre a esquerda e a direita do país. A primeira defende que o país sofreu um golpe por parte da oposição a Evo com apoio das polícias e do exército, enquanto a direita defende que houve fraude nas eleições de 2019, além de não ter havido o respeito pelo resultado do referendo de 2016. O que serve para corroborar a tese de que havia uma sociedade extremamente polarizada.

#### **b) O disparo em massa de *fake news* por *WhatsApp* e as contas robôs**

No Brasil, o esquema de disparo de mensagens políticas em massa pelo *WhatsApp* durante a campanha presidencial de 2018 foi revelado a partir das reportagens de Patrícia Campos Mello, no jornal *Folha de S.Paulo*. A primeira da série de reportagens sobre o tema foi publicada em 18 de outubro de 2018, sob o título “Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp”<sup>111</sup>. A matéria revelava que empresas se preparavam para comprar, de agências de marketing digital, pacotes de disparos em massa no *WhatsApp* de mensagens contra o PT (Partido dos Trabalhadores) e planejavam uma grande operação na semana anterior ao segundo turno das eleições. Prática ilegal, tanto por se tratar de doação de campanha por empresas, quanto por não ter sido declarada ao TSE, conforme exige a legislação (MELLO, 2020, p. 33).

Como já demonstrado no primeiro capítulo desta dissertação, o Brasil é o segundo maior mercado do mundo para o *WhatsApp*. Na frente está apenas a Índia, que tem 400 milhões de usuários. Porém, a população indiana é de 1,3 bilhão; assim, 29,28% dos indianos usam o aplicativo. No Brasil, 60% da população é usuária do *WhatsApp*. Já o Facebook tem 120 milhões de usuários no Brasil, o quarto maior mercado da plataforma, perdendo apenas para Índia, Estados Unidos e Indonésia. Várias operadoras de telefonia oferecem o *zero rating*, sistema que permite acesso a Facebook, WhatsApp e Instagram sem que sejam descontados do

---

<sup>111</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>, último acesso em 07 de fevereiro de 2024.

pacote de dados, o que torna os aplicativos ainda mais populares no país (MELLO, 2020, p. 17).

Na versão moderna do autoritarismo — em que governantes não rasgam a Constituição nem dão golpes de Estado clássicos, mas corroem as instituições por dentro —, não é necessário censurar a internet. Nas “democracias iliberais”, segundo o vernáculo do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, basta inundar as redes sociais e os grupos de WhatsApp com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade — e abafe as outras narrativas, inclusive e sobretudo as reais (MELLO, 2020, p. 18).

O que podemos notar, a partir das reportagens publicadas na *Folha de S.Paulo* sobre o esquema ilegal de disparos de mensagens com conteúdos falsos contra o candidato Fernando Haddad e seu partido, o PT (Partido dos Trabalhadores), é que foi montado um grande esquema envolvendo empresários e políticos<sup>112</sup>.

Comparar o caso das contas robôs e disparos em massa de *fake news* durante as eleições presidenciais brasileiras de 2018 com as eleições bolivianas de 2019 nos mostra que no Brasil o esquema armado foi muito mais elaborado e grandioso, envolvendo uma grande estrutura e contratos milionários. Na Bolívia, apurou-se que houve a contratação da empresa *CLS Strategies* pelo governo interino para propagar *fake news*, e que 68 mil contas robôs foram criadas para atuar nas redes contra o ex-presidente Evo Morales - segundo levantamento realizado por Julián Macías Tovar, responsável por comandar as redes do partido espanhol *Unidas Podemos*.

Destacamos, portanto, que o esquema de disparos no Brasil foi muito maior e mais bem arquitetado do que na Bolívia. No Brasil, o Congresso Nacional realizou a CPMI das *fake news* que teve início em setembro de 2019 e foi paralisada em março de 2020 sem concluir as investigações<sup>113</sup>. Na Bolívia, o governo interino alegou que as atribuições da *CLS Strategies* eram apenas "conduzir o lobby em busca de apoio à democracia boliviana após eleições fraudulentas e a favor da realização de novas eleições presidenciais". A empresa apresentou a membros do Poder Executivo e Legislativo dos Estados Unidos a justificativa de que o governo da Bolívia não solicitou que a *CLS* conduzisse qualquer outro serviço ou atividade além do

---

<sup>112</sup> Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>, último acesso em 08 de fevereiro de 2024.

<sup>113</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/sem-concluir-investigacoes-cpi-das-fake-news-deve-encerrar-os-trabalhos/>, último acesso em 08/02/2024.



citado na justificativa do governo interino. Em relatório, o Facebook afirmou que havia removido contas falsas de redes sociais ligadas à *CLS* que haviam postado conteúdo em apoio à presidente interina da Bolívia, Jeanine Añez<sup>114</sup>.

Na Bolívia, as *fake news* continuaram mesmo após as eleições, o que agravou o quadro de violência no país. Aqui no Brasil, também continuaram as *fake news*, inclusive com o funcionamento do que se convencionou chamar de "gabinete do ódio"<sup>115</sup>, formado por pessoas ligadas ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro que atuam na disseminação de informações falsas, ataques e difamações contra adversários políticos, jornalistas e instituições. Segundo algumas denúncias e investigações, esse grupo seria responsável por coordenar uma estratégia de desinformação e manipulação nas redes sociais, visando influenciar a opinião pública e criar um ambiente de polarização política.

O “gabinete do ódio”, como vem sendo amplamente divulgado pela mídia, ficou conhecido pelos conteúdos produzidos por assessores e apoiadores do governo Jair Bolsonaro, eleito Presidente da República do Brasil em 2018. Trata-se de uma estrutura de comunicação complexa, tecida entre perfis falsos e verdadeiros nas redes sociais, que envolve a estrutura do Planalto, assessores especiais bem remunerados com o dinheiro público, militantes e apoiadores, além dos filhos do Presidente, atualmente parlamentares (Said, 2020; Salviano, Zanchetta, Ferreira, & Dutra, 2020). São vários os desdobramentos relacionados a esta rede de comunicação, como, por exemplo, o envolvimento de empresas de marketing digital e o uso fraudulento de nomes e CPF de idosos para registrar chips de telefone celular e garantir disparo de milhares de mensagens em favor de determinados políticos (Rodrigues & Mello, 2018), geralmente ligados à campanha Bolsonarista (EUZÉBIOS FILHO et SIQUEIRA, 2023, p. 662).

### c) Direita ou esquerda: quem explora mais e melhor as *fake news*?

Após as apurações que fez para a série de reportagens sobre os disparos em massa no *WhatsApp*, a jornalista Patrícia Campos Mello afirmou em seu livro *A Máquina do ódio - notas de uma repórter sobre fake news e violência digital* que a estratégia digital da campanha de Jair Bolsonaro em 2018 estava anos-luz à frente de qualquer outra. Carlos Bolsonaro, o segundo

<sup>114</sup><https://oglobo.globo.com/mundo/governo-interino-da-bolivia-admite-ter-contratado-empresa-acusada-de-promover-fake-news-24624561>, último acesso em 08/02/2024.

<sup>115</sup><https://www.estadao.com.br/politica/ex-assessor-de-bolsonaro-disseminou-fake-news-e-provocou-janja-em-grupos-de-whatsapp-nas-eleicoes/>, último acesso em 08/02/2024.

filho do então candidato, foi um visionário. Ele acompanhava como os outros políticos populistas de direita estavam atuando mundo afora e muito cedo percebeu que a propaganda - viral ou contratada - nas redes sociais passaria a ser crucial em campanhas políticas.

Ao longo dos anos, Carluxo, à frente da estratégia digital do pai, estimulou a criação de uma infinidade de grupos no WhatsApp e no Facebook e identificou influenciadores, as pessoas mais ativas na difusão e criação de mensagens. Jair Bolsonaro e os três filhos políticos também se transformaram em influenciadores digitais, documentando pelo YouTube e pelas mídias sociais suas vidas e se comunicando diretamente com seus apoiadores. Na época da eleição de 2018, a presença digital de Jair Bolsonaro era infinitamente superior à dos outros candidatos. No Facebook, sua página tinha 6,9 milhões de seguidores, dez vezes mais que Fernando Haddad, com 689 mil. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva contava com 3,8 milhões de inscritos. No Instagram, Bolsonaro reunia 3,8 milhões de seguidores, enquanto Haddad tinha 418 mil e Lula, 524 mil. O WhatsApp era uma peça-chave da abordagem concebida pelo Zero Dois. No decorrer dos anos, com parte dos links distribuída por meio do próprio aplicativo de mensagens ou do Facebook, foram se formando grupos de apoiadores que acabaram por constituir um exército digital. Os grupos funcionam como listas de transmissão, em que os administradores, aqueles que criaram o grupo, mandam mensagens para os 256 integrantes, número máximo permitido pelas regras da ferramenta. Se uma pessoa acessou um link para se inscrever em um grupo, ela tende a ter um viés de confirmação, ou seja, está predisposta a acreditar no conteúdo que vai receber. Integrantes do grupo, por sua vez, distribuem esse conteúdo para familiares e amigos (MELLO, 2020, p. 25).

A visão à frente das equipes de outros candidatos sobre o papel das redes sociais nas disputas eleitorais pelos responsáveis pela campanha de Jair Bolsonaro fez com que as *fake news* fossem mais eficazes em sua campanha.

Segundo levantamento da agência de checagem *Aos Fatos*, o conteúdo falso com maior número de compartilhamentos foi a mensagem que pretendia denunciar que uma urna eletrônica completava automaticamente o voto no candidato do PT. Impulsionada por um tuíte do senador Flávio Bolsonaro, filho mais velho do ex-presidente, a notícia mentirosa foi compartilhada ao menos 732 mil vezes nas redes sociais (MELLO, 2020, p.30). De acordo com uma pesquisa Datafolha de outubro de 2018<sup>116</sup>, 46% das pessoas liam sobre política e eleições pelo WhatsApp; também 46% das pessoas se informavam pelo Facebook. Entre os eleitores que se serviam do WhatsApp, 47% acreditavam, muito ou um pouco, nas notícias que

116

<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/10/1983765-24-dos-eleitores-usam-whatsapp-para-compartilhar-conteudo-eleitoral.shtm>, último acesso em 08 de fevereiro de 2014.

recebiam pelo aplicativo. Entre os eleitores de Bolsonaro, 52% acreditavam, muito ou um pouco, nas notícias que chegavam pelo aplicativo, contra 44% dos que votavam em Haddad.

Por fim, no dia 26 de outubro, o site Congresso em Foco noticiou que as agências de fact checking Lupa e Aos Fatos e o projeto “Fato ou Fake”, do Grupo Globo, tinham desmentido, desde o início da campanha, um total de 123 notícias fraudulentas muito compartilhadas. Dessas, 104 eram contra Haddad e o PT, e apenas 19 eram prejudiciais a Bolsonaro e seus aliados (MACEDO, 2018, APUD BUCCI, 2019)

A partir dos levantamentos feitos nesta pesquisa pudemos constatar que em ambos os casos, brasileiro e boliviano, a direita se utilizou mais e teve mais eficácia no uso de *fake news* para adquirir vantagens na corrida eleitoral: na Bolívia, segundo levantamento que fizemos no site *Bolivia Verifica*<sup>117</sup>, 86,6% das notícias falsas eram contra Evo Morales e 13,4% eram contra Carlos Mesa. Portanto, tanto na Bolívia de 2019 como no Brasil de 2018, notamos que a direita se utilizou mais e de modo mais eficaz das *fake news* durante a campanha eleitoral e também no período pós-eleitoral a fim de firmar suas narrativas e atacar os adversários políticos.

#### **d) Pautas que levantam questões de cunho moral**

Ao comparar o teor das *fake news* utilizadas na campanha eleitoral de 2018, principalmente as que atacavam o candidato Fernando Haddad, e na campanha eleitoral de 2019 na Bolívia, notamos que as pautas morais, com conteúdos que geram comoção como a infância, a paternidade e questões de gênero, foram exploradas nos dois países.

No livro *A máquina do ódio*, Patrícia Campos Mello faz menção ao pesquisador e diplomata australiano Arjun Bisen<sup>118</sup>, que comenta o uso de *fake news*, desinformação e manipulação de vídeos como métodos utilizados por campanhas políticas ao redor do mundo:

Partidos políticos como o Bharatiya Janata Party (BJP) na Índia e o Partai Gerakan Indonesia Raya (Gerindra) na Indonésia sempre operam por meio de intermediários ou representantes para que possam assegurar certa distância de suas atividades. Eles contratam exércitos de pessoas para administrar sites de

<sup>117</sup> <https://boliviaverifica.bo/>, último acesso em 10/01/2024.

<sup>118</sup> <https://foreignpolicy.com/2019/04/24/disinformation-is-drowning-democracy/>, último acesso em 08/02/2024.

notícias, canais do YouTube, contas em redes sociais e grupos de WhatsApp com a finalidade de produzir e espalhar conteúdo hiperpartidário. Com base na análise de dados, as mensagens são microdirecionadas [direcionadas a grupos específicos], sobretudo pelo WhatsApp, a fim de repercutir em determinados grupos. O conteúdo é sempre polarizador e, para demonizar certas etnias ou políticos da oposição, recorre a símbolos religiosos, ao nacionalismo e a narrativas morais. [...] (BISEN, 2019, APUD MELLO, 2019, p. 22).

No Brasil, tivemos a ampla divulgação da fake news sobre o *kit gay*, na Bolívia, a notícia sobre o filho morto de Evo Morales que circulou durante o período de votação do referendo em 2016, durante as eleições, em 2019, as *fake news* analisadas no portal eram ligadas à corrupção, à fraudes nas urnas e também a xingamentos que Morales ou seus familiares teria proferido contra o povo boliviano. Como, por exemplo, a fake news que atribuiu à Evaliz Morales, filha de Evo Morales, a afirmação de que os potosinos são covardes e medíocres por agredir o seu pai<sup>119</sup>. Como já mencionado, tanto no caso brasileiro como no boliviano, explorar os sentimentos e despertar paixões fizeram parte da elaboração das fake news utilizadas para desestabilizar os adversários políticos. O tema das fraudes nas urnas também foi bastante explorado nos dois países.

## 2. 2. Diferenças

Notamos inúmeras semelhanças entre os dois cenários estudados, as eleições presidenciais do Brasil em 2018 e as eleições presidenciais da Bolívia em 2019. No entanto, dentro delas podemos encontrar algumas diferenças. Na Bolívia, o país já estava convulsionado pelo fato de Evo Morales estar no poder há três mandatos e desrespeitar o resultado do referendo, no qual o povo boliviano decidiu em sua maioria que ele não deveria se candidatar pela quarta vez consecutiva à Presidência do país. Esse fato marca uma importante diferença no cenário eleitoral do Brasil de 2018. Aqui, embora o maior líder da esquerda do país, Luiz Inácio Lula da Silva, estivesse preso e impedido de disputar as eleições em decorrência da operação Lava-Jato, e muitos juristas e apoiadores apontassem um caso de *lawfare*<sup>120</sup>, a campanha e as eleições ocorreram com respeito às regras constitucionais do país.

---

<sup>119</sup> La noticia de Evaliz refiriéndose a los potosinos es falsa: <https://encurtador.com.br/pqxyF>, último acesso em 15/01/2024.

<sup>120</sup> A palavra *lawfare* é um neologismo da junção das palavras americanas *law*, que significa lei, e *warfare*, que significa conflito armado, guerra. *Lawfare* então faz referência ao uso da lei como arma

O termo *lawfare*, historicamente presente na história brasileira, passou a ser aplicado para significar a utilização de instrumentos jurídicos para fins de perseguição e destruição da imagem pública de indivíduos, bem como constrangimento e retaliação, sobretudo no caso mais contemporâneo, como ocorreu no contexto da Operação Lava Jato e seus desdobramentos, sendo um dos pilares da *lawfare* neste novo viés e a instauração de procedimentos judiciais sem uma sustentação material verdadeira, isto é, o “processar por processar”, bem como a utilização de boatos e rumores, captados e circulados pela mídia, para então alimentar procedimentos policiais ou judiciais. (FERREIRA e NOVELINI, 2022, p. 160).

Evidentemente, tal fato fez com que o país chegasse às eleições de 2018 com uma sociedade extremamente polarizada, como já citamos anteriormente; porém, as regras democráticas foram respeitadas naquelas eleições. Já na Bolívia, o fato de Evo Morales fazer manobras políticas para conseguir se candidatar pela quarta vez fez com que muitos questionassem o caráter democrático daquela disputa eleitoral de 2019. Quando eleito pela primeira vez, Evo Morales, pelas leis do país, não poderia sequer se candidatar à reeleição. No entanto, através de uma emenda constitucional, Morales alterou a lei, criando a possibilidade de reeleição.

Uma das normas incorporadas ao texto constitucional, artigo 168, foi a possibilidade de reeleição do presidente e do vice-presidente do Estado Plurinacional da Bolívia, após completarem o mandato de cinco anos, “de forma contínua apenas uma vez”. Em razão da transição constitucional, a Primeira Disposição Transitória da nova Carta estabeleceu que “os mandatos anteriores à vigência desta Constituição serão levados em conta para fins de cálculo dos novos mandatos”. Evo Morales concorreu a um segundo mandato nas eleições nacionais de dezembro de 2009, para o período 2010-2014, e obteve um resultado de 64% dos votos a seu favor. O MAS também alcançou dois terços de representação em ambas as câmaras da Assembleia Legislativa Plurinacional. Em fevereiro de 2013, a Assembleia Legislativa Plurinacional (ALP) aprovou o projeto de “Lei de Aplicação Regulamentar” para dar alcance interpretativo, entre outros, aos referidos preceitos do artigo 168 da Constituição e Primeira Disposição Transitória. A pedido da Câmara de Senadores da Assembleia, o referido projeto foi submetido a prévio controle de constitucionalidade. Em 25 de abril de 2013, o Tribunal Constitucional Plurinacional (TCP) aprovou o projeto de lei, argumentando que era “de acordo com a Constituição, calcular o prazo para o exercício das funções tanto do Presidente como do Vice-Presidente [...] a partir do momento em que a função constituinte refundou o Estado e, portanto, criou uma nova ordem

---

de guerra. De acordo com o Dicionário Cambridge (2019), a tradução de *warfare* é “lutar em uma guerra, especialmente usando um tipo particular de arma” (tradução nossa). Portanto, no *lawfare*, a arma utilizada para se lutar na guerra é a lei (ou o direito) (FERREIRA e NOVELINI, 2022, *Lawfare: O Uso da Lei Como Instrumento de Guerra*, p. 154)

jurídico-política.” Isto permitiu a Evo Morales concorrer a um terceiro mandato presidencial. Nas eleições de 12 de outubro de 2014 obteve 61% dos votos (*Grupo Interdisciplinario de Expertos Independientes* [Giei], Bolívia, 2021, p. 18, tradução nossa).

Com o presidente Evo Morales em seu terceiro mandato presidencial, em 21 de fevereiro de 2016, após convocação da Assembleia Legislativa, foi realizado o referendo constitucional. Em 13 de março de 2016, o Órgão Plurinacional Eleitoral (OEP) publicou os resultados oficiais do referendo, no qual foi imposta a opção “Não”. A rejeição da modificação constitucional que permitiria mais de uma reeleição contínua obteve 51,30% dos votos<sup>121</sup>.

Apesar de antes da convocação do referendo Evo Morales ter indicado que se o perdesse aceitaria os resultados<sup>122</sup> - e imediatamente após a divulgação destes, reafirmou que os respeitaria<sup>123</sup> - , em setembro de 2017, senadores e deputados do MAS apresentaram ação de inconstitucionalidade abstrata contra preceitos da lei do regime eleitoral, argumentando que o impedimento que continham de apenas autorizar a reeleição contínua para todas as autoridades eleitas democraticamente limitava indevidamente os direitos políticos<sup>124</sup>.

Em 28 de novembro do mesmo ano, apenas dois meses após o ajuizamento da ação, o Tribunal emitiu a Instrução Constitucional 0084/2017, pela qual foi declarada admissível a ação movida para possibilitar a reeleição indefinida de todas as autoridades eleitas pelo voto popular<sup>125</sup>.

Outra diferença entre os dois cenários, o brasileiro nas eleições de 2018 e o boliviano nas eleições de 2019, foram as manifestações violentas que aconteceram na Bolívia logo após os resultados eleitorais. No Brasil, o resultado das eleições não foi contestado e nem houve violência. O que não aconteceu na Bolívia, como já citado anteriormente, onde houve manifestações violentas que geraram pelo menos 23 mortes e deixaram 715 pessoas feridas no

<sup>121</sup> OEP, [Resultados oficiales. Referendo constitucional 2016](#), La Paz, 13 de marzo de 2016, último acesso em 10/02/2024.

<sup>122</sup> <https://www.dw.com/es/bolivia-morales-promete-aceptar-sin-reclamos-si-gana-el-no-en-febrero/a-18981469>, último acesso em 10/02/2024.

<sup>123</sup> [https://elpais.com/internacional/2016/02/24/america/1456327387\\_586177.html](https://elpais.com/internacional/2016/02/24/america/1456327387_586177.html), último acesso em 10/02/2024.

<sup>124</sup> El País, [El partido de Evo Morales apela al Constitucional para habilitar su reelección](#); ANF, [El MAS busca la reelección de Evo Morales “sin ninguna restricción indebida”](#); Página Siete, [MAS presenta recurso contra artículos de la CPE que impiden una nueva reelección](#), último acesso em 10/02/2024.

<sup>125</sup> TCP, [Sentencia Constitucional Plurinacional 0084/2017](#), Sucre, 28 de noviembre de 2017. Último acesso em 10/02/2024.

país<sup>126</sup>, segundo noticiado pela imprensa brasileira. Porém, segundo o levantamento do *Grupo Interdisciplinario de Expertos Independientes* - GIEI Bolivia, o número de óbitos nos confrontos foi de 37 pessoas, entre 1 de setembro a 31 de dezembro de 2019 (GIEI Bolivia, 2021, p. 474-479).

Após as eleições presidenciais de 20 de outubro de 2019 e quando a Missão de Observação Eleitoral da OEA declarou que houve uma mudança na tendência dos resultados que apontavam para um segundo turno entre o então presidente Evo Morales e o candidato Carlos Mesa, os adversários do governo solicitaram uma recontagem dos votos. O sistema de contagem rápida sofreu um blecaute e, quando voltou a funcionar, os resultados pareciam anunciar a vitória do presidente Morales no primeiro turno. Nos dias seguintes, a violência eclodiu no país.

Em 21 de outubro de 2019, depois que a contagem dos votos foi reiniciada e concluída, o fotojornalista do La Razón, Álvaro Valero, foi atacado pela tropa de choque em frente a um hotel em La Paz. Apoiadores do MAS e do candidato Carlos Mesa manifestaram-se<sup>127</sup>.

Os ataques e perseguições à imprensa por parte da polícia não ocorreram apenas em meio a manifestações violentas. No dia 7 de novembro, a jornalista Daniela Romero Linares, responsável pela cobertura de questões de segurança, foi assediada por um dos assessores do comandante da polícia de La Paz, Yuri Calderón. Após publicar reportagens sobre a insatisfação dos policiais, recebeu a visita do comandante na redação do jornal *Página Siete*.

Quando a entrevista terminou, o diretor saiu e nos deixou com o fotógrafo, e quando a entrevista terminou eu os acompanhei até a porta e enquanto descíamos a escada, um dos assessores agarrou meu braço e me disse que eu era muito jovem para perceber que tudo o que publiquei era muito perigoso, tanto para mim quanto para as pessoas. “Tenha cuidado”, ele me disse, “Como você serve o país”, ele me perguntou, e eu respondi que sirvo o país trabalhando. Isso o deixou furioso e ele agarrou meu braço com mais força enquanto descíamos e me disse “para ter cuidado” (GIEI Bolivia, *Testimonio Daniela Romero Linares*, p. 336-337).

Após o incidente, a jornalista recebeu ligações anônimas insistindo para que ela parasse de publicar matérias sobre questões de segurança nacional (GIEI Bolivia, p. 337).

---

<sup>126</sup> <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/17/confrontos-bolivia-deixam-23-mortos-em-quase-um-mes-de-protestos-diz-comissao.ghtml>, último acesso em 07/02/2024.

<sup>127</sup> <https://anp-bolivia.com/policias-y-simpatizantes-del-partido-de-gobierno-golpean-a-tres-periodistas/>, último acesso em 07/02/2024.

O professor e jornalista Juan Araos, em entrevista a esta pesquisa, narra alguns momentos da tensão que se instaurou durante e após as eleições, e demonstra como as *fake news* e a desinformação iam surgindo e aumentando o caos que já tomava conta do país:

Fui cobrir a transmissão do primeiro resultado e faltou energia, não tinha sistema e ficou tudo muito estranho. Tudo isso começou a gerar uma série de informações e aí vieram os conflitos e foi realmente atroz. Se a desinformação já havia prevalecido na época da eleição, ali triplicou. Foi atroz, você estava morando em um bairro e então acontece que você recebia uma informação em seu grupo de WhatsApp que dizia que hordas de gente do MAS estavam descendo para queimar as casas. E aí você recebia outra mensagem que dizia que as pessoas relacionadas aos pititas estavam subindo para se confrontar e que estavam armados. Então foi uma loucura, uma loucura. Foi semelhante ao que aconteceu com a COVID, começaram a espalhar desinformação por toda parte. Espalhavam vídeos de soldados patrulhando as ruas, jogando gasolina e tudo mais e eram vídeos de outros lugares. E isso sem deixar de mencionar também o papel de alguns meios de comunicação tanto pró-governo como os antigovernamentais que são completamente tendenciosos ((ENTREVISTA CONCEDIDA PARA LYDIA ABUD LOPES, 2024)

### 3. Análise dos questionários

Na busca de uma melhor compreensão sobre como as *fake news* impactaram a opinião dos cidadãos e foram capazes de influenciar os resultados eleitorais, esta pesquisa realizou a aplicação de dois questionários, um voltado a brasileiros e outro, a bolivianos. Obtivemos respostas de 46 indivíduos brasileiros e 38 indivíduos bolivianos, maiores de 18 anos de idade, usuários de redes sociais, de diversos níveis de escolaridade, religião indiferente, condição financeira indiferente. Os questionários foram compartilhados via *Formulários Google* e enviados através de grupos de *WhatsApp*, conforme descrevemos na introdução desta dissertação. Os participantes não tiveram sua identidade revelada.

Optou-se por questões que abordassem a experiência concreta do indivíduo, mais do que seu conhecimento teórico sobre o tema das *fake news*. No questionário destinado aos indivíduos de nacionalidade brasileira, as perguntas foram estruturadas em dois blocos. O primeiro buscou entender de que forma os indivíduos se relacionaram com determinadas *fake news* e como aquela notícia o abalou: ACREDITOU? TENTOU REBATER? NÃO ACREDITOU? ELAS INFLUENCIARAM SEU VOTO? ATRAVÉS DE QUAL MEIO



RECEBEU A NOTÍCIA? A partir das respostas, pudemos avaliar o impacto que essas notícias tiveram em cada um, e *se e como* influenciaram a escolha em determinado candidato. No segundo bloco, as perguntas foram: “PODERIA CITAR UMA OU MAIS INFORMAÇÕES QUE FORAM IMPORTANTES PARA A ESCOLHA DO SEU VOTO PARA PRESIDENTE EM 2018?” e “É IMPORTANTE PARA VOCÊ QUE UM CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DEMONSTRE ESTAR ALINHADO COM VALORES CRISTÃOS?”. Tais questões buscaram entender se a religião foi determinante na escolha dos participantes em um candidato.

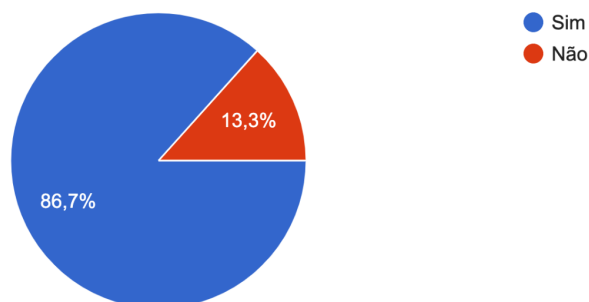
O questionário direcionado aos indivíduos de nacionalidade boliviana foi dividido em três partes. A primeira concentrou as perguntas no referendo de 2016 bem como na notícia do filho morto de Evo Morales. A segunda parte focou nas *fake news* compartilhadas durante o processo eleitoral de 2019. Além de avaliar o impacto que essas notícias tiveram em cada um, e *se e como* influenciaram a escolha em determinado candidato, buscamos enumerar qual deles foi mais atacado pelas *fake news*. Por fim, assim como no questionário destinado aos cidadãos brasileiros, procuramos entender se a religião determinou a escolha dos respondentes por um dos candidatos.

### **3.1. Formulário - Eleição no Brasil 2018**

No questionário direcionado aos brasileiros, optamos por ter como caso concreto de análise a *fake news* sobre o *kit gay*. No gráfico abaixo, pode-se ter uma ideia de como foi ampla a disseminação dessa notícia falsa: grande parte de nossa amostra recebeu a notícia e interagiu com ela. O *kit gay* foi exaustivamente explorado pelo então candidato Jair Bolsonaro, contra o oponente Fernando Haddad. Das pessoas que responderam o questionário, 86,7% tiveram contato com a notícia, enquanto 13,3%, não receberam essa informação falsa. Tal dado mostra a força das redes de *fake news* e sua capilaridade, bem como seu eficiente uso pelo espectro da direita política. É como se a notícia tivesse chegado a quase 9 em cada 10 cidadãos.

Nas eleições presidenciais de 2018, a notícia de que seria introduzido um "kit gay" nas escolas caso Fernando Haddad vencesse as eleições chegou até você?

45 respostas

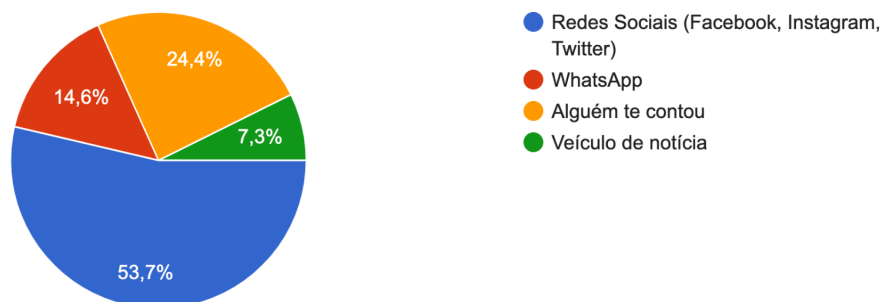


*Figura 1*

Da imensa fatia de nossa amostra que teve contato com a notícia falsa, 53,7% soube dela através de postagens no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* (*X*); 24,4% através de conversa com outra pessoa; 14,6% através do *WhatsApp*; e apenas 7,3% teve contato com a notícia através da imprensa. O que reforça o dado demonstrado exaustivamente pelos estudiosos no assunto abordados neste trabalho: o de que as *fake news* encontram nas redes sociais um ambiente fértil para sua difusão. *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* foram responsáveis por (des)informar mais da metade de nossa amostra. Somadas ao *WhatsApp* - hoje a rede social mais popular do país -, essas plataformas foram responsáveis por fazer a notícia falsa do *kit gay* chegar a quase 70% (68,3%) dos que responderam aos questionários.

Se sim, como foi que essa noticia chegou até você?

41 respostas

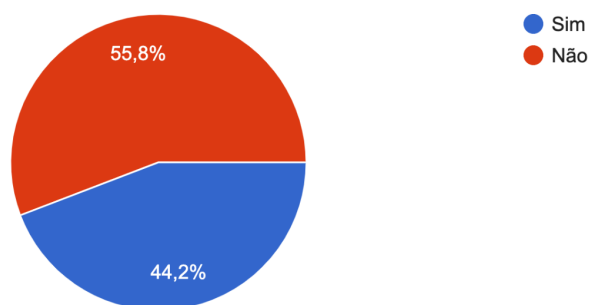


*Figura 2*

Com relação ao convencimento por terceiros, a maioria dos entrevistados (55,8%) afirmou não ter sido abordada por ninguém que tenha tentado convencê-lo de que a notícia era falsa, enquanto 44,2% afirmou que alguém tentou alertá-lo de que se tratava de uma notícia falsa. Já quando perguntados sobre o contrário - ou seja, se foram abordados por pessoas que tenham tentado convencê-los se a notícia era verdadeira -, 61,9% dos participantes afirmou que sim, enquanto 38,1% não foi abordado por ninguém que acreditasse se tratar de notícia verdadeira. Tais dados podem servir para reforçar a ideia das "bolhas" que se formam na internet, e sobretudo nas redes sociais. A maioria dos respondentes (55,8%) recebeu a notícia e em nenhum momento foi confrontado por alguém que tivesse uma informação diferente. Pelo contrário, a maioria destas pessoas (61,9%) interagiu com terceiros que reforçaram sua convicção de que esta era verdadeira.

Alguém tentou te convencer que essa noticia era falsa?

43 respostas

*Figura 3*

Alguém tentou te convencer que essa notícia era verdadeira?

42 respostas

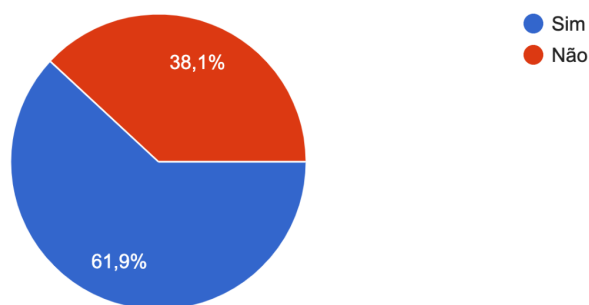


Figura 4

A despeito de todos esses dados reforçando uma notícia falsa e a relação entre pessoas que compartilham de uma mesma "bolha", a maioria dos entrevistados afirmou que a notícia não teve influência em seu voto: apenas 11,9% dos participantes afirmaram ter o voto influenciado pela notícia, enquanto 88,1% não alterou seu voto por causa desta notícia. Não confrontamos, no entanto, a escolha de voto de cada um desses respondentes em relação à sua posição frente à notícia do *kit gay*. Mas pode-se especular que a maior parte daqueles que acreditaram na notícia votaram no candidato que a veiculou, Jair Bolsonaro. Neste caso, alimentados com muitos outros dados, entre notícias reais e falsas, o *kit gay* pode ter sido apenas mais uma *fake news* a reforçar uma posição já tomada, embora não tenha sido percebido como determinante para sua escolha de candidato entre o grupo entrevistado.

Essa notícia influenciou a escolha do seu voto?

42 respostas

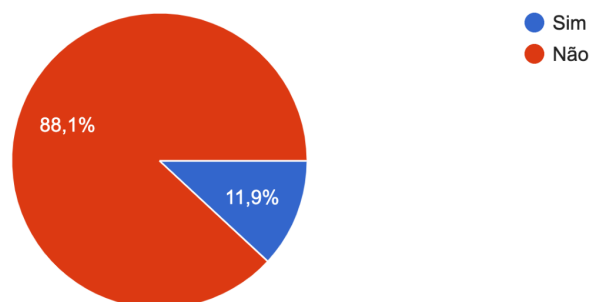


Figura 5

Já no gráfico 6, temos a indicação de que, para a nossa amostra, não é importante que o candidato esteja alinhado a valores cristãos. O Brasil ainda é um país de maioria católica, embora o crescimento dos evangélicos esteja acelerado, e em poucos anos este grupo pode se tornar maioria religiosa no país<sup>128</sup>. No entanto, as respostas de nossa amostra para essa pergunta demonstram o contrário. Isso pode ter acontecido por alguns motivos, como o fato de que a maioria das pessoas que respondeu ao formulário era estudante. Além disso, embora tenhamos enviado o questionário para grupos de evangélicos, foram poucos os que o responderam, não convencidos sobre o uso acadêmico e anônimo da pesquisa.

Para você, é importante que um candidato à Presidência demonstre estar alinhado com valores cristãos?

43 respostas

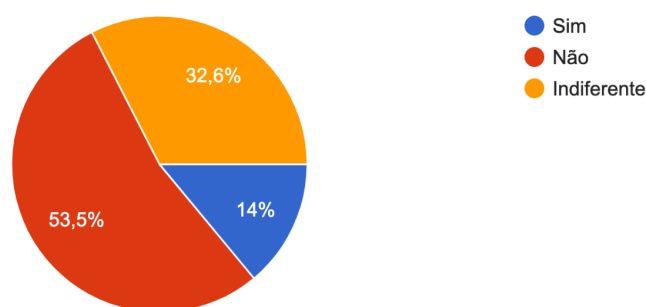


Figura 6

### 3.2. Formulário - Eleição na Bolívia 2019

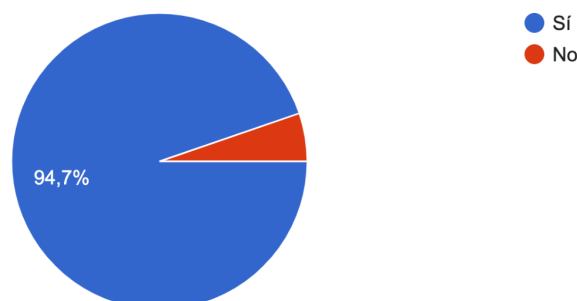
No questionário direcionado aos bolivianos, optamos por abordar a notícia que permeou todo o processo de votação do referendo de 2016, sobre um suposto filho morto de Evo Morales. Sobre essa notícia, quase a totalidade de nossa amostra afirmou ter tido contato. Aqui, também, vemos demonstrada a força das *fake news* e sua capilaridade, bem como seu eficiente

<sup>128</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/evangelicos-podem-desbancar-catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada.shtml>, último acesso em 14/02/2024.

uso pelo espectro da direita política. É como se a notícia tivesse chegado a praticamente todos os cidadãos bolivianos de nossa mostra (94,7%).

En el referéndum de 2016, ¿le llegó la noticia de un presunto hijo muerto de Evo Morales?

38 respuestas



*Figura 1*

Apesar de o Brasil ser o segundo no mundo em maior número de usuários de *WhatsApp*, o contato com a notícia sobre o *kit gay* se deu em maior número pelo *Facebook*. Já na Bolívia, a maioria afirmou ter recebido a notícia sobre o filho morto de Evo Morales pelo *WhatsApp*. De qualquer forma, vemos como também no caso boliviano as *fake news* encontram nas redes sociais um ambiente fértil para sua difusão. Somados, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Whatsapp* foram responsáveis por fazer a notícia do suposto filho morto de Evo Morales chegar a maior parte (54%) daqueles respondentes que tiveram contato com a notícia.

Si es así, ¿cómo te llegó esta noticia?

37 respuestas

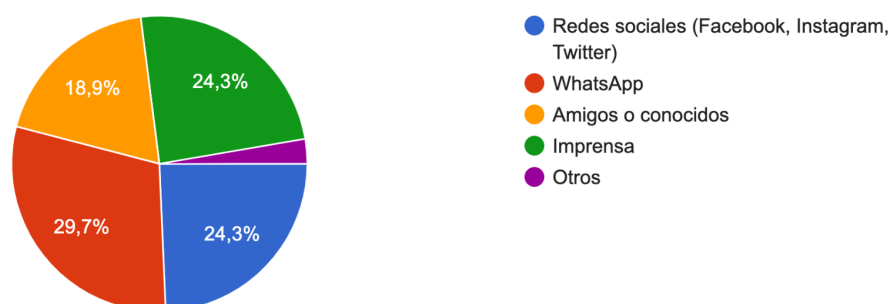


Figura 2

Uma parcela significativa de nossa amostra afirmou que essa notícia influenciou seu voto no referendo de 2016. Dos participantes, 39,5% afirma que a notícia pesou em sua escolha na votação, enquanto 60,5% acredita que a notícia não influenciou seu voto. Embora não se trate da maioria, pelo menos com relação à nossa amostra, podemos constatar que a notícia sobre o filho morto de Evo Morales teve um grande impacto sobre a escolha do voto no referendo de 2016, já que mais de um terço (ou melhor, quase 40%) dos respondentes afirmou que aquela notícia influenciou seu voto.

¿Esta noticia influyó en su voto en el referéndum?

38 respuestas

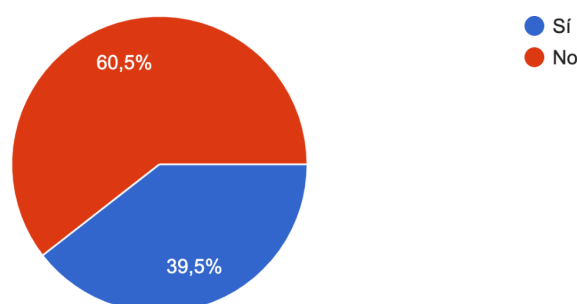
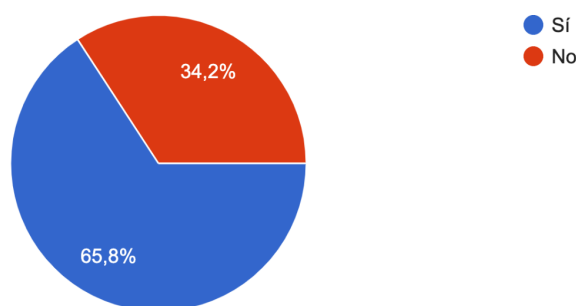


Figura 3

Em relação às *fake news* nas eleições de 2019, percebemos que a grande maioria dos participantes tiveram contato com notícias falsas em algum momento do processo eleitoral. Sendo 65,8% os participantes que afirmaram ter recebido algum tipo de notícia falsa, contra 34,2% que afirmaram não ter recebido. Aqui, mais do que a força da difusão das *fake news*, vale destacar o fato de que os respondentes tiveram consciência de que se tratava de uma notícia falsa, e portanto possuíam instrumentos para discernir - ou foram alertados e convencidos por terceiros - de que a informação veiculada não procedia.

En 2019, durante la campaña electoral, ¿le llegaron noticias que luego se demostró que eran falsas?  
38 respuestas



*Figura 4*

Uma das perguntas se dedicou a investigar que tipo de notícia falsa chegou à nossa amostra. Se estas seriam contra Evo Morales; contra Carlos Mesa; a maioria contra Morales, mas algumas também sobre Mesa; a maioria contra Mesa, mas algumas também contra Morales; ou se chegaram igualmente notícias falsas sobre ambos. O resultado parece corroborar a tese de que as *fake news* são mais utilizadas e disseminadas pela direita: um total de 75,7% de pessoas recebeu exclusivamente notícias contra Morales (33,3%) ou em sua maioria contra ele (42,4%). Não que a esquerda não faça uso delas: 15,2% dos respondentes recebeu apenas notícias falsas contra Carlos Mesa (12,1%) ou em sua maioria sobre ele (3,1%). Apenas 9,1% dos respondentes foi igualmente impactado por notícias falsas de ambos os candidatos. Parece claro, portanto, que a direita se utiliza mais e se beneficia mais das *fake news*.



Las noticias que se han confirmado falsas iban en contra:

33 respuestas

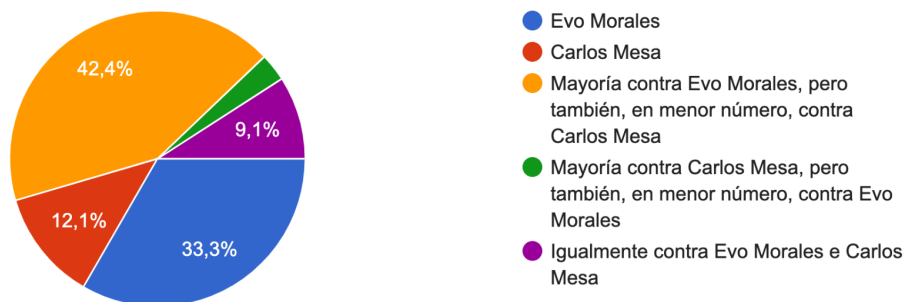


Figura 5

Uma parcela significativa de nossa amostra afirmou que pelo menos uma das *fake news* que recebeu influenciou a escolha de seu voto: 29,7% afirmou ter o voto influenciado por *fake news*. Contudo, 70,3% negou que qualquer notícia falsa tenha tido influência na escolha de seu candidato. Mais uma vez, podemos supor que as "bolhas" façam diferença na quantidade de notícias falsas e no impacto que estas causam em alguém quando se dirigem ao candidato de sua preferência. Também aqui, alimentados com muitos outros dados, entre notícias reais e falsas, uma *fake news* pode vir apenas reforçar uma posição já tomada, não sendo percebida como determinante para a escolha de candidato.

¿Alguna de estas noticias influyó en su voto?

37 respuestas

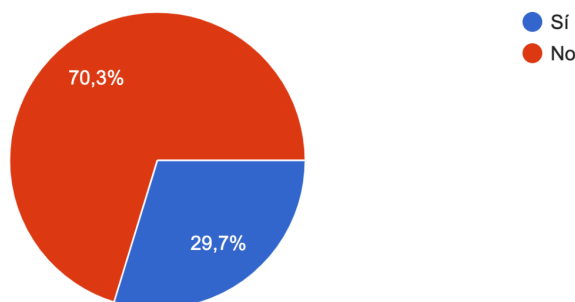


Figura 6

Assim como para os brasileiros que responderam ao questionário, a maioria absoluta (89,5%) dos participantes bolivianos também afirmam não achar importante que seu candidato esteja alinhado a valores cristãos. Aventamos, aqui, hipóteses semelhantes às levantadas para o caso brasileiro, como o fato da maioria das pessoas que respondeu ao formulário ser estudante; ou ainda, que as pessoas praticantes de religião que integram nossa amostra não se convenceram sobre o uso acadêmico e anônimo da pesquisa.

¿Es importante para usted que un candidato presidencial demuestre que está alineado con los valores cristianos?

38 respuestas

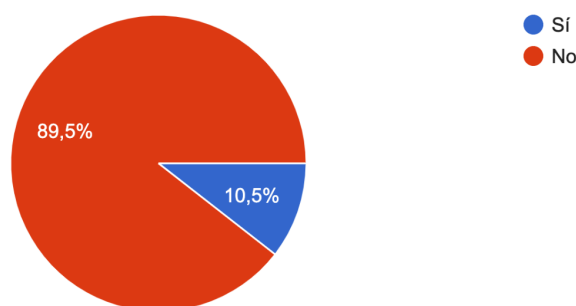


Figura 7

Nas respostas discursivas do questionário destinado aos brasileiros, sobre como os participantes interagiram com a notícia sobre o *kit gay*, a maior parte afirmou ter certeza de que era mentira, e muitos afirmaram que "deram muita risada", inclusive com os memes que surgiram a respeito. No questionário destinado aos bolivianos, as respostas discursivas que conseguimos coletar nos indicam que algumas pessoas acreditam que realmente exista um suposto filho de Evo Morales - uma delas, por exemplo, por ser uma mãe solteira, disse que era contra a possibilidade de reeleição de Evo Morales após saber da existência desse filho.

As respostas nos mostram ainda que as *fake news* impactam, muitas vezes de forma definitiva, a aceitação ou não-aceitação de um candidato pelos eleitores. Isso evidencia que as *fake news* têm um grande potencial (sobretudo quando aliadas à tecnologia) de mudar os rumos

de uma eleição e colocar em cheque valores democráticos. No mundo contemporâneo, em que *fake news* ganham um reforço a mais com as *deepfakes* (o uso de inteligência artificial para alterar fotos, imagens de vídeo e áudios com muita precisão, confundindo a percepção das pessoas sobre a realidade) a capacidade de manipular os processos eleitorais se torna cada vez mais perigosa e alarmante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea, com a chegada das redes sociais, tende a estar cada vez mais moldada pela lógica do lucro das *big techs*, responsáveis por controlar as plataformas de redes sociais. Prender o usuário o máximo de tempo possível naquela plataforma, armazenar seus dados, estudar seus padrões de comportamento e os reforçar ao extremo é o objetivo dessas empresas de tecnologia.

Esse reforço de padrões de comportamento pode ser prejudicial por várias razões. Uma delas é que pode levar à polarização: quando um algoritmo prioriza conteúdos com os quais uma pessoa já concorda, isso reafirma suas crenças e cria uma “bolha de filtro”, na qual ela é exposta a opiniões semelhantes e não toma conhecimento das diferentes perspectivas sobre o assunto. O aumento da polarização dificulta o diálogo construtivo entre diferentes grupos com diferentes opiniões. Além disso, os algoritmos que priorizam conteúdos que geram mais engajamento podem incentivar a disseminação de desinformação, conteúdo sensacionalista ou *fake news*, simplesmente porque eles geram mais interações.

Com base nestas constatações, a pesquisa procurou mostrar como os processos eleitorais e as democracias do mundo podem estar ameaçadas diante destes novos padrões de comportamento potencializados pelas redes sociais.

Levantamos os acontecimentos políticos que precederam as eleições em cada país para entender como se chegou a tal polarização. Destacamos que a polarização nessas sociedades não foi provocada pela rede social, mas, sim, intensificada e ampliada por ela.

Apontamos aspectos do imperialismo estadunidense como elemento desestabilizador nas democracias latino-americanas durante o século XX, assim como as reconfigurações do imperialismo e o conseqüente surgimento das guerras híbridas no século XXI.

Nos debruçamos sobre as eleições brasileiras de 2018 e as eleições bolivianas de 2019. Identificamos em ambos os cenários que as *fake news* e a desinformação foram capazes de influenciar a escolha do candidato nas eleições presidenciais, e também aumentar o caos e as manifestações violentas, como no caso da Bolívia.

Buscamos traçar as semelhanças e diferenças de cada caso. Se as semelhanças foram muitas, detectamos uma diferença fundamental em cada cenário: enquanto no Brasil as *fake news* foram usadas para influenciar as eleições, na Bolívia, além da tentativa de influenciar os resultados eleitorais, as *fake news* também foram responsáveis por aumentar os tumultos e a

violência durante os meses que sucederam as eleições. Concluímos, assim, que cenários com forte polarização social e política, como o do Brasil em 2018, e da Bolívia em 2019, são um terreno fértil para a disseminação de *fake news* e desinformação.

Através da análise dos questionários respondidos por eleitores brasileiros e bolivianos, constatamos que as pessoas foram influenciadas por notícias falsas ao escolher seus candidatos. A interpretação das respostas nos indica que as *fake news* foram elementos preponderantes durante os processos eleitorais do Brasil em 2018, e da Bolívia em 2019, assim como durante a votação do referendo na Bolívia em 2016. Mesmo que a maior parte dos entrevistados não tenha sido influenciada, na escolha do voto, ao ouvir determinada notícia falsa, uma parcela significativa afirmou ter mudado de escolha após ter contato com determinada *fake news*.

Destacamos que notícias que carregam conteúdos morais, sejam verdadeiros ou não, impactam, muitas vezes de forma definitiva, a opinião das pessoas quando vão decidir o seu voto. Conteúdos que despertam paixões são muito mais compartilhados. E isto não é uma questão que surge com as redes sociais, mas, sim, algo inerente à psicologia humana. A questão que se levanta é que, da forma como operam, as plataformas de redes sociais potencializam ao máximo este tipo de comportamento.

Portanto, entendemos que a regulação dos algoritmos das redes sociais é importante para a manutenção das democracias. Os algoritmos são opacos e não há transparência sobre como eles funcionam. Sua regulação pode ajudar a mitigar os efeitos que potencializam a polarização, exigindo que as plataformas considerem a diversidade de pontos de vista e evitem a amplificação de informações falsas ou prejudiciais, assim como a manipulação da opinião pública.

No entanto, o mais recente relatório publicado pelo Centro de Negócios e Direitos Humanos da Universidade de Nova York<sup>129</sup> afirma que apesar das perturbações e da violência que agitaram as eleições presidenciais dos EUA em 2020 e as eleições do Brasil em 2022, as principais empresas de plataforma (*Meta*, *Google* e *X*) recuaram em alguns dos seus compromissos anteriores de promover a integridade eleitoral<sup>130</sup>.

Além disso, o estudo alertou sobre a possível escalada do discurso de fraude nas eleições norte-americanas à medida que a campanha do republicano Donald Trump toma

---

<sup>129</sup> DIGITAL RISKS TO THE 2024 ELECTIONS: SAFEGUARDING DEMOCRACY IN AN ERA OF DISINFORMATION:

[https://static1.squarespace.com/static/5b6df958f8370af3217d4178/t/65cfdd6c0b2733710e9e96b0/1708121452365/NYU+CBHR+Election+2024\\_Feb+16+UPDATED.pdf](https://static1.squarespace.com/static/5b6df958f8370af3217d4178/t/65cfdd6c0b2733710e9e96b0/1708121452365/NYU+CBHR+Election+2024_Feb+16+UPDATED.pdf)

<sup>130</sup> Idem, p.1, tradução nossa.

fôlego. Para os pesquisadores, as plataformas devem rotular as alegações como infundadas ou removê-las completamente e direcionar os usuários para informações oficiais e partidárias sobre o histórico eleitoral do país.

“A *Meta* deveria reverter a sua decisão imprudente de permitir anúncios políticos que questionem a legitimidade das eleições de 2020, e o *YouTube* precisa desfazer a sua política de permitir vídeos que propagam alegações de fraudes eleitorais passadas”<sup>131</sup>, acrescentou o documento.

Embora o relatório reconheça os grandes riscos trazidos pelas *deepfakes* nos contextos eleitorais, o centro de pesquisa afirmou que o problema principal continua na forma como as plataformas auxiliam a distribuição de conteúdo falsos, desinformativos, odiosos e violentos pelas redes sociais.

Os autores do estudo fazem recomendações às plataformas de redes sociais, incluindo adicionar mais humanos à moderação de conteúdo; financiar mais checadores de informações independentes; mitigar deslegitimação eleitoral e desenvolver plano de crise; proporcionar ajustes no design de plataformas e nas políticas para períodos eleitorais; e mitigar riscos vindos das IAs generativas.

Caminhando no sentido oposto, nos últimos anos, ainda segundo o relatório, essas plataformas interromperam políticas de integridade eleitoral e demitiram equipes de segurança. O que causa grande preocupação com o impacto que as redes sociais terão nas próximas eleições ao redor do mundo e como continuarão incentivando a distribuição das *fake news* e, dessa maneira, interferindo nos processos eleitorais.

Para além das regulamentações urgentes e necessárias das plataformas de redes sociais, entendemos também como medida essencial para o combate à disseminação de *fake news* uma educação midiática que comece desde cedo nas escolas. Para que se crie, através da educação, uma consciência crítica que impediria que as pessoas aderissem à desinformação facilmente. Ao conhecer as técnicas e artimanhas utilizadas na construção de *fake news*, as pessoas passam a ter mais ferramentas para detectá-las e desmascará-las.

---

<sup>131</sup> Ibidem, p.21, tradução nossa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros e artigos

AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo: A experiência chilena**. 2021. São Paulo, Appris Editora.

ARAL, Sinan e ECKLES, Dean. **Protecting elections from social media manipulation**. *Revista Science* 365 (6456), p. 858-861.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais - aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, p. 18-43, jan. / jun. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ms/index.php/ML/article/view/1169>, último acesso em 10/02/2024.

AMARAL, Inês e SANTOS, Sofia. **As fake news e a nova Ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade, p. 63-83.

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

BAKARDJIEVA, M. (2015). Do clouds have politics? Collective actors in social media land. **Information, Communication & Society**, 18(8), 983-990.

BALL, J. (2017). **Post-truth: How bullshit conquered the world**. London: Biteback Publishing.

BASOL, Melisa; ROOZENBEEK, Jon; VAN DER LINDEN, Sander. Towards psychological herd immunity: Cross-cultural evidence for two prebunking interventions against COVID-19 misinformation. **Big Data & Society**, maio, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/20539517211013868#>, último acesso em 03/01/2024.

BLOCH, March. Reflexões de um historiador sobre as notícias falsas da guerra. In: **História e historiadores**. ed. Teorema, 1998, pp. 177–197.

BRAZ, Marcelo. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. *Serv. Soc. Soc.*, jan./abr. 2017 n. 128, p. 85-103.

BUCCI, Eugênio. Seriam as fake news mais eficazes para campanhas de direita? – uma hipótese a partir das eleições de 2018 no Brasil. *Novos Olhares*, V. 8, Nº2, 2019, p. 21-29.

CARDOZO, René, Evo Morales en Bolivia: primeros pasos, *Ciencia y Cultura*, núm. 18, 2006, pp. 81-85.

CASTILLO, José Loreto Julián. **Bipolarização na América Latina: conflitos e parcerias em torno da intervenção norte-americana na República Dominicana em 1965**. Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais. Brasília: UnB, 2014. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8220/1/2014\\_JoseLoretoJulianCastillo.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8220/1/2014_JoseLoretoJulianCastillo.pdf)

CATROGA, Fernando. O abscondito da mentira. *Revista de Estudos Literários* 10, pp. 711-728; 2020.

COSTA, Simone Kawakami. Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes. *Conjuntura Austral* | v.10, n.51 | jul./set. 2019. p. 139-143.

CRUZ JUNIOR, G. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 21, n. 1, p. 278–284, 2019.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. São Paulo: Vestígio Editora, 2019

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas**. São Paulo: Edições Sesc, 2019, 137p.

DÓRIA PAULO, Diego Martins, Os mitos do Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira, *Rebela Revista Brasileira de Estudos Latino-americanos*, 2020, p. 101-110.

EUZÉBIOS FILHO, A. e SIQUEIRA, G. O “Gabinete do Ódio” em Foco: Governo Bolsonaro sob uma ótica psicossocial. *Revista de Psicologia Política*. Vol. 23. Nº 58, p. 660-675.

FERREIRA, A. R. e NOVELINI, R. B. Lawfare: O Uso da Lei Como Instrumento de Guerra. **Direito e Sociedade: Pesquisas no Âmbito Jurídico**. Ed. Científica, 2023. p. 154-177.



FIGUEIRA, João e SANTOS, Sílvio. **As fake news e a nova Ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

FINCHELSTEIN, Federico. **Uma breve história das mentiras fascistas**. São Paulo: Vestígio Editora, 2020.

FISCHER, MAX. **A máquina do Caos - como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**, ed. Todavia, 2023.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOULART, A. da C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 1, p. 101-42, jan.-abr. 2005.

JOFFILY, Mariana. A política externa dos EUA, os golpes no Brasil, no Chile e na Argentina e os direitos humanos. **Topoi. Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 58-80, mai./ago. 2018. Disponível em: [www.revistatopoi.org](http://www.revistatopoi.org), último acesso em 02/01/2024.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes**. 2018. São Paulo, Editora Expressão Popular.

LEIRNER, Piero C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica**. São Paulo: Editora Alameda, 2020, 330p.

MARTINS, Sandro Valério Gonçalves e NAIFF, Denis Giovani Monteiro. As representações sociais das fake news: perspectivas atuais das notícias falsas. **Fake news: objetividade e subjetividade na era da pós-verdade**. Editora Científica Digital, 2023, p.27-41.

MCINTYRE, Lee. Post-truth. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do Ódio: Notas de Uma Repórter Sobre Fake News e Violência Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORLINO, L. Problemas y opciones en la comparación. In: SARTORI, G; MORLINO, L. (Org.). **La comparación en las ciencias sociales**. Madrid: Alianza Editorial, 1994. p. 13-28.

MOSCOVICI Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Ed. Vozes, 2005.

NOBRE, Marcos. **Ponto-final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia**. São Paulo: Todavia, 2020, 80p.

PENIDO, A.; STÉDILE, M. E. (2021) **Ninguém regula a América: guerras híbridas e intervenções estadunidenses na América Latina**. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburgo.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadores). **Novos Combates Pela História – Desafios, Ensino**, São Paulo: Editora Contexto, 2021, 256 p.

PRADO, Maria Ligia. Repensando a história comparada da América Latina. **Revista de História nº153** (2005) p.11-33.

PRIORI, Angelo. Golpe Militar na Argentina: apontamentos históricos. **Revista Espaço Acadêmico Nº 59**, abril de 2006, p. 1.

RENÉ Cardozo C. Evo Morales en Bolivia: primeros pasos, **Ciencia y Cultura**, núm. 18, 2006, pp. 81-85.

RIBEIRO, Gabriela; MODESTO, João Gabriel. O efeito da polarização política na crença em notícias falsas. **Interação em Psicologia**, v. 27, n. 02, p. 203, 2023.

SARTORI, G. Comparación y método comparativo. In: SARTORI, G.; MORLINO, L. (Org.). **La comparación en las Ciencias Sociales**. Madrid: Alianza, 1994. p. 29-50.

SILVA, M. B., ANVERSA A. E. e DAVID, T. A instrumentalização das fake news nas guerras híbridas: uma análise a partir do golpe na Bolívia (2019), **Mural Internacional**, V. 12, 2021, p.1-17.

SODRÉ, Muniz. **As fake news e a nova Ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade, 2019, p.87-102.

VALENÇA, 2017, APUD **El Cartel de la Mentira**, 2016.

WOLFF, Michael. **Fogo e Fúria — Por Dentro da Casa Branca de Trump**. São Paulo: Objetiva, 2018, 384p.

## Sites e vídeos

24% dos eleitores usam Whatsapp para compartilhar conteúdo eleitoral: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/10/1983765-24-dos-eleitores-usam-whatsapp-para-compartilhar-conteudo-eleitoral.shtml>, último acesso em 08 de fevereiro de 2014.

A 'vacina' contra fake news testada por pesquisadores de Cambridge: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57842652>, último acesso em 03/01/2024.

A “derrota” de Morales, uma fake news em escala planetária: <https://diplomatique.org.br/bolivia-cronica-de-um-fiasco-midiatico/>, último acesso 12/02/2024.

Agência Lupa: <https://lupa.uol.com.br/>, , último acesso em 15/01/2024.

América do Sul e a Guerra Fria: Os Golpes Militares: <https://escoladecontas.tcm.sp.gov.br/artigos/1319-america-do-sul-e-a-guerra-fria-os-golpes-militares>, último acesso em 10/01/2024

Análise dos dados eleitorais bolivianos mostra que relatório da OEA, que levantou questões de fraude eleitoral – e ajudou a forçar a saída de um presidente – era falho: <https://www.nytimes.com/2020/06/07/world/americas/bolivia-election-evo-morales.html#click=https://t.co/HGrEx2Yd1h>, último acesso 12/02/2024.

Anpuh-SP apoia nota de alerta: <https://anpuh.org.br/index.php/2015-01-20-00-01-55/eventos/item/5585-nota-de-alerta-2019>, último acesso em 13/10/2024.

Bolívia verifica: <https://boliviaverifica.bo>, último acesso em 15/01/2024.

Brasil a caminho de se tornar um país evangélico: <https://www.estadao.com.br/brasil/estadao-podcasts/brasil-a-caminho-de-se-tornar-um-pais-evangelico/>, último acesso em 03/01/2024.

Brasil importou o que houve de pior na eleição dos EUA e no referendo do Brexit: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/09/24/brasil-eua-brexit-noticias-falsas/>, último acesso em 10/02/2024.

Brasil Paralelo:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil\\_Paralelo#CITEREFMotaCoutoRocha2018](https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_Paralelo#CITEREFMotaCoutoRocha2018), último acesso em 13/10/2024.

Candidato de oposição acusa governo de fraude em eleições na Bolívia; protestos tomam as ruas: [https://www.terra.com.br/noticias/candidato-de-oposicao-acusa-governo-de-fraude-em-eleicoes-na-bolivia-protestos-tomam-as-ruas,54250e1a5c3f9f38b620878c0a43fc17r35aswbb.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/noticias/candidato-de-oposicao-acusa-governo-de-fraude-em-eleicoes-na-bolivia-protestos-tomam-as-ruas,54250e1a5c3f9f38b620878c0a43fc17r35aswbb.html?utm_source=clipboard) , último acesso em 13/02/2024.

Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml> , último acesso em 03/01/2024.

Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>, último acesso em 03/01/2024.

Classe média urbana, que aderiu a protestos contra Morales, define eleição de hoje na Bolívia: <https://oglobo.globo.com/mundo/classe-media-urbana-que-aderiu-protestos-contramorales-define-eleicao-de-hoje-na-bolivia-24697103>, último acesso em 29/01/2024.

Como a CIA derrubou meu pai em primeiro golpe na América Latina: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48808055>, último acesso em 10/01/2024

Como análises matemáticas afastam hipótese de fraude nas urnas, ao contrário do que diz Bolsonaro: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2021/07/29/como-analises-matematicas-afastam-hipotese-de-fraude-nas-urnas-ao-contrario-do-que-diz-bolsonaro.htm>, último acesso em 13/10/2024.

Como os algoritmos hackeiam a mente humana: <https://piaui.folha.uol.com.br/como-os-algoritmos-hackeiam-mente-humana/>, último acesso em 03/01/2024.

Confrontos na Bolívia deixam 23 mortos em quase um mês de protestos, diz comissão de Direitos Humanos: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/17/confrontos-bolivia-deixam-23-mortos-em-quase-um-mes-de-protestos-diz-comissao.ghtml>, último acesso em 07/02/2024.

Criamos essa nova classe média e ela tem outras demandas, diz Evo à Folha: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/12/criamos-essa-nova-classe-media-e-ela-tem-outras-demandas-diz-evo-a-folha.shtml>, último acesso em 13/02/2024.

Decisão que inocenta Dilma reforça que impeachment foi golpe de Estado: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jeferson-tenorio/2023/08/22/decisao-que-inocenta-dilma-reforca-que-impeachment-foi-golpe-de-estado.htm>, último acesso em 13/02/2024.

Declaran constitucional la pregunta del referendo para la reelección presidencial en Bolivia: [https://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/10/151030\\_bolivia\\_evo\\_morales\\_reeleccion\\_pregunta\\_az](https://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/10/151030_bolivia_evo_morales_reeleccion_pregunta_az), último acesso em 13/02/2024.

Disinformation Is Drowning Democracy: <https://foreignpolicy.com/2019/04/24/disinformation-is-drowning-democracy/>, último acesso em 08/02/2024.

Do Shifts in Late-Counted Votes Signal Fraud? Evidence From Bolivia: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3621475](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3621475), último acesso 12/02/2024.

Documentário mostra participação americana no golpe militar de 1964: <https://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/04/documentario-mostra-participacao-americana-no-golpe-militar-de-1964.html>, último acesso em 10/01/2024.

É horrível ser difamado pelo Bolsonaro: <https://www.vice.com/pt/article/ymp3gx/e-horrivel-ser-difamado-pelo-bolsonaro>, último acesso em 11/10/2023.

El MAS busca la reelección de Evo Morales “sin ninguna restricción indebida: <https://www.noticiasfides.com/nacional/politica/el-mas-busca-la-reeleccion-de-evo-morales-34sin-ninguna-restriccion-indebida-34-381832>, último acesso em 10/02/2024.

El partido de Evo Morales apela al Constitucional para habilitar su reelección: [https://elpais.com/internacional/2017/09/19/america/1505788990\\_604991.html](https://elpais.com/internacional/2017/09/19/america/1505788990_604991.html), último acesso em 10/02/2024.

Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>, último acesso em 08 de fevereiro de 2024.

Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do *Facebook* e o colocou na mira de autoridades: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>, último acesso em 03/01/2024.

Entenda o golpe que depôs Evo Morales na Bolívia: <https://congressoemfoco.uol.com.br/tipo/especiais/entenda-o-golpe-que-depos-evo-morales-na-bolivia/>, último acesso em 13/02/2024.

Escola sem Homofobia: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola\\_sem\\_Homofobia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_sem_Homofobia), último acesso em 03/01/2024.

Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/evangelicos-podem-desbancar-catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada.shtml>, último acesso em 14/02/2024.

Evo culpa a la "guerra sucia" y a las redes sociales de sua derrota: [https://elpais.com/internacional/2016/02/24/america/1456327387\\_586177.html](https://elpais.com/internacional/2016/02/24/america/1456327387_586177.html), último acesso em 10/02/2024.

Evo Morales é reeleito na Bolívia no primeiro turno, indica apuração oficial: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/24/apuracao-termina-na-bolivia-e-indica-que-evo-morales-foi-reeleito.ghtml>, último acesso em 13/02/2024.

Ex-assessor de Bolsonaro disseminou fake news e provocou Janja em grupos de whatsapp nas eleições: <https://www.estadao.com.br/politica/ex-assessor-de-bolsonaro-disseminou-fake-news-e-provocou-janja-em-grupos-de-whatsapp-nas-eleicoes/>, último acesso em 08/02/2024.

Examinando a amplificação algorítmica de conteúdo político no Twitter. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/topics/company/2021/rml-politicalcontent](https://blog.twitter.com/en_us/topics/company/2021/rml-politicalcontent), último acesso em 15/01/2024.

Fábrica de fake news aposta na indignação para fazer leitor 'consumir lixo': <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/como-mentiras-se-tornam-verdades-no-ambiente-online-dos-estados-unidos.shtml>, último acesso em 13/10/2024.

Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>, último acesso 12/02/2024.

Facebook: como a rede social se tornou peça central na crise política de Mianmar: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55944504>, último acesso 12/02/2024.

Fake news podem influenciar eleição, alerta professor: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/05/24/fake-news-podem-influenciar-eleicao-alerta-professor>, último acesso em 11/10/2024.

Fake news: entenda como funciona a fábrica de desinformação política no Brasil: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/10/27/fake-news-entenda-como-funciona-a-fabrica-desinformacao-politica-no-brasil.ghtml>, último acesso em 11/10/2024.

Filtran audios de líderes opositores llamando a un golpe de estado contra Evo Morales: <https://elperiodicocr.com/bolivia-filtran-audios-de-lideres-opositores-llamando-a-un-golpe-de-estado-contra-evo-morales/>, último acesso em 15/01/2024.

Golpe derruba presidente de Honduras: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2906200901.htm>, último acesso em 10/01/2024.

Golpe na Bolívia conta com milícia virtual de mais de 68 mil robôs: <https://revistaforum.com.br/global/2019/11/18/golpe-na-bolivia-conta-com-milicia-virtual-de-mais-de-68-mil-robots-64574.html>, último acesso 12/02/2024.

Golpes brancos, a nova tendência na região: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/559664-golpes-brancos-a-nova-tendencia-na-regiao>, último acesso em 20/01/2024.

Governo interino da Bolívia admite ter contratado empresa acusada de promover fake news: <https://oglobo.globo.com/mundo/governo-interino-da-bolivia-admite-ter-contratado-empresa-acusada-de-promover-fake-news-24624561>, último acesso 12/02/2024.

Investigação internacional de jornalistas revela ‘fábrica’ de fake news para campanhas políticas: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/02/26/investigacao-internacional-de-jornalistas-revela-fabrica-de-fake-news-para-campanhas-politicas.ghtml>, último acesso em 13/10/2024.

Jota. <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/precisamos-falar-sobre-polarizacao-31082022>, último acesso em 12/02/2014.

Junho de 2013 iniciou crise que ainda não terminou: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/06/junho-de-2013-iniciou-crise-que-ainda-nao-terminou.shtml>, último acesso em 11/01/2024.

KANTAYYA, Shalini. **Coded Bias**. [Documentário] Netflix, 2020.

La amarga victoria de Evo Morales: [https://elpais.com/internacional/2019/10/26/america/1572101323\\_277886.html](https://elpais.com/internacional/2019/10/26/america/1572101323_277886.html), último acesso em 13/02/2024.

La carta de renuncia de Evo Morales ya está en el Congreso de Bolivia: qué dice: [https://www.clarin.com/mundo/carta-renuncia-evo-morales-congreso-bolivia\\_0\\_lv0RbZ7p.html](https://www.clarin.com/mundo/carta-renuncia-evo-morales-congreso-bolivia_0_lv0RbZ7p.html), último acesso em 02/02/2024.

Lula e Bolsonaro ficaram apagados em 2013, mas tiveram destinos selados por Jornadas de Junho: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/06/lula-e-bolsonaro-ficaram-apagados-em-2013-mas-tiveram-destinos-selados-por-jornadas-de-junho.shtml>, último acesso em 03/01/2024.

MAS presenta recurso contra artículos de la CPE que impiden una nueva reelección: <https://www.paginasiete.bo/nacional/mas-presenta-recurso-contra-articulos-de-la-cpe-que-impiden-una-nueva-reeleccion-HHPS152555>, último acesso em 10/02/2024.

Mensagens com conteúdo fake sobre fraude em urnas eletrônicas se espalham nas redes: <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/mensagens-com-conteudo-fake-sobre-fraude-em-urnas-eletronicas-se-espalham-nas-redes-23134205>, último acesso em 13/10/2024.

Morales promete aceptar sin reclamos si gana el no en febrero: <https://www.dw.com/es/bolivia-morales-promete-aceptar-sin-reclamos-si-gana-el-no-en-febrero/a-18981469>, último acesso em 10/02/2024.

Movimento de classe média contra Evo Morales chega rachado às eleições de domingo: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-15/movimento-de-classe-media-contra-evo-morales-chega-rachado-as-eleicoes-de-domingo.html>, último acesso em 28/01/2024.

Nova Constituição é aprovada por mais de 61% dos votos: [memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2009-02-02/nova-constituicao-e-aprovada-por-mais-de-61-dos-votos](https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2009-02-02/nova-constituicao-e-aprovada-por-mais-de-61-dos-votos)

Novos documentos mostram que EUA conheciam plano de golpe na Argentina em 1976: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/13/internacional/1481657626\\_461766.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/13/internacional/1481657626_461766.html), último acesso em 10/01/2024.

ORLOWSKI, Jeff. **O dilema das redes**. [Documentário] Netflix, 2020.

Os parlamentares religiosos tendem a ser mais conservadores do que a população evangélica: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/02/politica/1512221378\\_127760.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/02/politica/1512221378_127760.html), último acesso em 03/01/2024.

Pablo Ortellado: Brasil esteve na ‘vanguarda’ das fake news: <https://veja.abril.com.br/videos/em-pauta/pablo-ortellado-brasil-esteve-na-vanguarda-das-fake-news>, último acesso em 11/10/2024.

Partisan Polarization Is the Primary Psychological Motivation behind Political Fake News Sharing on Twitter: [Partisan Polarization Is the Primary Psychological Motivation behind Political Fake News Sharing on Twitter](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/02/politica/1512221378_127760.html), último acesso em 05/02/2024.

Perfis que viralizaram 'mamadeira de piroca' espalham até hoje fake news contra o PT: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/perfis-que-viralizaram-mamadeira-de-piroca-espalham-ate-hoje-fake-news-contra-o-pt.shtml>, último acesso em 03/01/2024.

Pesquisa mostra que 84% dos eleitores de Bolsonaro acreditam no kit gay: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/>, último acesso em 03/01/2024.

Piedra, Papel y Tinta: Golpe II, un libro de Susana Rivero 10-11-23: <https://www.youtube.com/watch?v=gy00EwdfRiM>, último acesso em 02/02/2024.

Policías y simpatizantes del partido de gobierno golpean a tres periodistas: <https://anp-bolivia.com/policias-y-simpatizantes-del-partido-de-gobierno-golpean-a-tres-periodistas/>, último acesso em 07/02/2024.

Precisamos falar sobre polarização: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/precisamos-falar-sobre-polarizacao-31082022>, último acesso em 05/02/2024.



Referendo constitucional que refundou Bolívia como Estado plurinacional faz 10 anos: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/25/referendo-constitucional-que-refundou-bolivia-como-estado-plurinacional-faz-10->

[anos#:~:text=Entre%20outros%20motivos%2C%20o%20texto,os%20n%C3%ADveis%20do%20poder%20estatal](https://www.brasildefato.com.br/2019/01/25/referendo-constitucional-que-refundou-bolivia-como-estado-plurinacional-faz-10-anos#:~:text=Entre%20outros%20motivos%2C%20o%20texto,os%20n%C3%ADveis%20do%20poder%20estatal), último acesso em 03/02/2024.

Sem concluir investigações, CPI das Fake News deve encerrar os trabalhos: <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/sem-concluir-investigacoes-cpi-das-fake-news-deve-encerrar-os-trabalhos/>, último acesso em 08/02/2024.

TSE desmonetiza Brasil Paralelo e intima Carlos Bolsonaro por fake news: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/18/tse-desmonetiza-brasil-paralelo-e-intima-carlos-bolsonaro-por-fake-news.htm>, último acesso em 13/10/2024.

TSE diz que “kit gay” não existiu e proíbe Bolsonaro de disseminar notícia falsa: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/tse-diz-que-kit-gay-nao-existiu-e-proibe-bolsonaro-de-disseminar-noticia-falsa/>, último acesso em 03/01/2024.

Um Brasil dividido e movido a notícias falsas: uma semana dentro de 272 grupos políticos no WhatsApp: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45666742>, último acesso 12/02/2024.

Veja conversas de Nixon e Kissinger sobre golpe militar no Chile: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/09/veja-conversas-de-nixon-e-kissinger-sobre-golpe-militar-no-chile.html>, último acesso em 10/01/2024.

## Entrevistas

Entrevista com Sérgio Amadeu da Silveira

Entrevista com Isabel Mercado

Entrevista com Juan Araos Chaparro

## Documentos

TCP, [Sentencia Constitucional Plurinacional 0084/2017](#).

TCP, [Declaración Constitucional Plurinacional 0003/2013](#), Sucre, 25 de abril de 2013.

OEA, [Declaración de la Misión de Observación Electoral de la OEA en Bolivia](#), 21 de octubre de 2019. Último acesso 12/02/2024.

OEA, [Misión de Observación Electoral, Comunicado de grupo de auditores de proceso electoral en Bolivia](#), 10 de noviembre de 2019. Último acesso em 12/02/2024.

GRUPO INTERDISCIPLINARIO DE EXPERTOS INDEPENDIENTES - GIEI Bolivia, 2021, p. 24

OEP, [Resultados oficiales. Referendo constitucional 2016](#), La Paz, 13 de marzo de 2016, último acesso em 10/02/2024.

CONSUMO DE MÍDIAS DIGITAIS NO BRASIL: Um mapeamento das dietas informacionais e dos usos de plataformas digitais no contexto nacional, FGV e CMI, 2023, p. 10.

TCP, [Sentencia Constitucional Plurinacional 0084/2017](#), Sucre, 28 de noviembre de 2017. Último acesso em 10/02/2024.

GIEI Bolivia, *Testimonio Daniela Romero Linares*, p. 336-337

DIGITAL RISKS TO THE 2024 ELECTIONS: SAFEGUARDING DEMOCRACY IN AN ERA OF DISINFORMATION:

[https://static1.squarespace.com/static/5b6df958f8370af3217d4178/t/65cfdd6c0b2733710e9e96b0/1708121452365/NYU+CBHR+Election+2024\\_Feb+16+UPDATED.pdf](https://static1.squarespace.com/static/5b6df958f8370af3217d4178/t/65cfdd6c0b2733710e9e96b0/1708121452365/NYU+CBHR+Election+2024_Feb+16+UPDATED.pdf)

EUROPEAN UNION, *High level expert group on fake news and online disinformation*, 2018.

CALENDÁRIO ELEITORAL RESUMIDO - ELEIÇÕES 2018: <https://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2018/calendario-eleitoral-resumido-eleicoes-2018>

Discurso de Bolsonaro proferido na Câmara dos Deputados em 30/11/2010: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=208.4.53.O&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:56&sgFaseSessao=PE&Data=30/11/2010&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP-RJ%3E>, último acesso em 03/01/2024.

## ANEXOS

**Entrevista com o sociólogo e professor Sérgio Amadeu da Silveira, concedida para Lydia Abud Lopes no dia 08 de dezembro de 2023, via *Google Meet***

**Lydia Abud Lopes:** As novas gerações, seus filhos, por exemplo, você já tem um neto. Eles são de uma geração que não conhece a vida sem as redes sociais. Então essas mentes estão cada vez mais moduladas pelos algoritmos das redes. Sabemos que é uma coisa que impulsiona o ódio e tudo mais, então queria que você me falasse um pouco disso. Como é que você vê isso?

**Sérgio Amadeu da Silveira:** As pesquisas que nós do grupo de trabalho que eu tenho na Federal do ABC nos levaram a tentar entender como as plataformas organizavam a sua gestão e como elas atraíam a atenção das pessoas. Foi aí que nós chegamos ao conceito de modulação. O que é esse conceito? Essas plataformas, elas têm uma gestão algorítmica que coleta dados do comportamento online dos seus usuários, e que é complementado com dados que ela obtém desses usuários de outros serviços, que estão disponíveis na web. Então ela busca extrair um certo padrão de comportamento online das pessoas. Com base nesse padrão, ela tenta captar a atenção e essa atenção é captada com vários instrumentos, mas principalmente ofertando conteúdos e serviços com uma certa frequência. Então, as pessoas vão sendo colocadas o tempo todo em amostras que os serviços de marketing, as grandes empresas, os prestadores de serviço contratam essas plataformas para atingir um determinado perfil de um determinado segmento ou micro seguimento. Aí as pessoas são colocadas em amostras o tempo todo e dependendo dos recursos que esses contratantes da plataforma têm, esses conteúdos vão sendo apontados e atraindo atenção, vão sendo testados e o próprio algoritmo da plataforma, ele vai vendo o que funcionou melhor e o que não funcionou melhor e ele vai aumentando, vamos dizer, as informações sobre o comportamento das pessoas.

Isso é o que a gente chama de Gestão Algorítmica da Atenção, que é feita com a modulação do olhar, daquilo que se vê, daquilo que se ouve, daquilo que se lê, o tempo todo. E obviamente existe, provavelmente nesses testes desses algoritmos que são completamente fechados. A gente teve acesso às patentes que nós buscamos que estão registradas pelas *big techs*, por empresas que trabalham para as *big techs* patentes, elas não esclarecem os códigos dos algoritmos. Mas elas dizem o que o sistema faz e o que ele pretende fazer. E essas patentes que estão em atividade, que estão válidas, a gente acredita que estão válidas por algum motivo, porque se não, não seguravam a patente. Então, na verdade, é o único documento efetivamente que a gente tem. E mais recentemente a gente tem confirmações da dinâmica por parte de pessoas que eu acho que romperam com as *big techs*: ex-funcionários que denunciaram a prática das plataformas, que corrobora com que os pesquisadores ora diziam.

Nesse sentido a gente tem então uma ideia que as plataformas tendem a privilegiar nos seus algoritmos determinados conteúdos que têm um grau de, vou chamar de espetacularização muito grande.

E por quê?

Porque aquele grau de espetacularização acabou envolvendo, chamando atenção de algumas pessoas. Eles têm essas informações e hoje as plataformas são empreendimentos que têm mais dados e informações sobre as pessoas do que os estados nacionais.

Por quê? Porque elas são gigantes, elas estão em vários países e elas têm bancos de dados sobre a população desses países. Por exemplo, quem tem mais dados sobre a população brasileira? O *Google* ou o IBGE? Eu arrisco dizer que é o *Google*.

Então eles têm dados diferentes, é claro, por outro lado, uma vez que eles conseguem extrair padrões, saber como se chama atenção de pessoas, o que acaba acontecendo é que eles vão fazendo cada vez mais testes, e testes que reforçam uma determinada predisposição que cada pessoa tem dessa predisposição, ela vai sendo reforçada ao extremo e não necessariamente ela é boa. Não necessariamente ela incentiva a leitura. Não necessariamente ela incentiva a capacidade de concentrar atenção em coisas complexas.

Então o que está acontecendo, é que nós estamos vivenciando um momento no qual, no meu modo de ver, essas plataformas contribuem para um tipo de atividade cognitiva que é ligeira, que é superficial, que é atenta a algo que seja extremamente diverso e extremamente diferente, ou um tanto espetacular. E na verdade isso pode nos levar a ter muitas dificuldades com as novas gerações sim.

Então, é basicamente isso, agora, eu acho que deveríamos ter pesquisadores da neurociência, da psicologia social, de várias outras áreas, vamos dizer assim das ciências cognitivas, que

avaliasse a mente, as implicações dessas gestões algorítmicas das plataformas que visam a monetização de dados para nos controlar, para modular nossa atenção. Mas a minha base analítica é da sociologia e antropologia, entende?

**Lydia Abud Lopes:** Inclusive, o Max Fischer que esteve aqui no Brasil recentemente, ele disse que é intencional das plataformas criar um mecanismo de vício também. Eles sabem exatamente como deixar a pessoa mais tempo lá, para o lucro.

**Sérgio Amadeu da Silveira:** Eu não usei a palavra vício, mas eu usei a expressão que é de extrair padrões e ofertar conteúdos que prendam a nossa atenção. Então o tempo todo você vai aprofundando uma certa tendência da sua atenção, que acaba reforçando, na verdade, tendências que muitas vezes não são positivas.

**Lydia Abud Lopes:** Inclusive estimulando polarização, extremismos?

**Sérgio Amadeu da Silveira:** Apesar que essa parte. O extremismo exacerbado é aquele espetacular. Porque o extremismo racionalizado, o extremismo que sempre me falam, né? Tem um pesquisador que tem texto que está indo aos extremos, eu não me lembro exatamente o nome do texto, mas eu tenho dúvidas, porque o extremismo acontece em alguns momentos históricos, onde tem forças extremas se batendo. E aí é o extremismo.

Agora eu não vejo... Eu vou te dar um exemplo, eu não vejo, na verdade, um conteúdo do PSTU bombar nas redes. É na verdade um pastor picareta, desculpa falar assim, mas vem aquele discurso sobre o demônio, o outro fazendo um discurso sobre as criancinhas. E aí o Bolsonaro que é um *debilóide* que faz um discurso extremo, mas na verdade é o 'debilóidismo' dele que chama atenção. Reforça traços do senso comum extremamente nefastos. Então, é assim. Meu contraponto é esse porque eu tenho evidências empíricas, agora outros falam, não, essa evidência empírica em vários lugares do mundo tem essa contraposição extrema.

Mas, por exemplo, falar que o Boric no Chile, que a imprensa no Brasil chamava de extremista esquerdista. O cara não é esquerdista. Não era na campanha, não é agora.

E aí é um jogo de, por exemplo, a Folha de São Paulo fala “o Lula é extrema esquerda”, desculpa, o Lula nunca foi extrema esquerda. O Bolsonaro é extrema-direita. Ninguém da extrema-esquerda está batendo assim com o Bolsonaro. Esse discurso liberal da imprensa, ele tem um objetivo, que é deslegitimar sempre a esquerda, e tentar recompor a centro-direita. Só que não vai conseguir, porque a centro-direita foi engolida pela extrema-direita. Porque a extrema-direita abusou da espetacularização, organizou melhor esse discurso.

**Lydia Abud Lopes:** Sérgio, queria que você me falasse uma coisa está no seu livro nos códigos, Democracia e os códigos invisíveis, que é o 5º capítulo que você reflete um pouco como os algoritmos podem servir positivamente à democracia. Se puder falar um pouquinho?

**Sérgio Amadeu da Silveira:** Eu desenvolvi pouco ainda isso. Os algoritmos eles podem servir se eles tiverem primeiro um controle social, segundo objetivo democrático, e as finalidades que você coloca, são finalidades da gestão da democracia, do Parlamento. Mas isso é tese.

**Lydia Abud Lopes:** Eu queria saber se você tem um olhar otimista quanto a isso, porque teria que os governos entrar e interferir para regular os algoritmos desenvolvidos pelas *big techs*.

**Sérgio Amadeu da Silveira:** Com a participação popular os mecanismos podem ser melhorados com o digital, sim, podem. Eu já vi coisas positivas, eu acho que hoje, por exemplo, com uma *Deep learning* ou o que é chamado de uma inteligência artificial generativa, e eu tenho muitas críticas a esse nome Inteligência Artificial, mas enfim, o que se chama de Inteligência Artificial generativa, você pode fazer na verdade soluções para envolver as pessoas com controle orçamentário mais amplo da população.

O orçamento é uma coisa feita com muitos detalhes, tem um grau de dificuldades também nas regras da contabilidade, nos livros que definem os registros contábeis, então isso afasta o cidadão comum, na compreensão de elementos do próprio orçamento, que dificulta a participar de processos de orçamento participativo que são fundamentais para democracia.

Mas mais fundamental ainda, é compreender implicações ambientais, socioambientais, complicações da concentração de renda, tudo isso pode ser melhorado com sistemas de algoritmos que traduzam isso sem violar a realidade efetivamente, sem destruir os elementos fundamentais de cada processo de cada fenômeno. Porque muitas vezes certas simplificações destroem. Estão falando de outra coisa e não do fenômeno que você quer relatar. Então eu acho que tem possibilidades de sim, você aumentar de fato a transparência, de você aumentar a participação de você abrir espaço para deliberação.

Porque você pode fazer isso à distância, você pode fazer isso com participação também coletiva não só individual, mas o que acontece é que infelizmente hoje, por exemplo, o que está acontecendo é, quando você pega uma parte do Estado e coloca algum elemento de automatização em geral, seja de inteligência de máquina ou automatizações mais simples, o que acontece é que quem faz isso é uma empresa privada, que detém o código, detém o segredo de negócios.

Na verdade, torna o Estado mais opaco e não mais transparente, quanto mais ele usa isso. Para fazer isso precisa inverter, precisamos novamente de uma coisa que a gente não tem exigido. Todo o sistema automatizado que o Estado usa tem que ter um repositório que esteja disponível para a sociedade civil acessar com alguns elementos mínimos. Que tipo de ação eles se propõem a fazer para aqueles algoritmos? Qual a finalidade dele? Quais cuidados ele organiza para chegar nessa finalidade.

Tudo bem, você vai dizer, não, o código não pode pôr, porque tem a propriedade intelectual, vá lá, os que estão abertos lá os que não são. Então os que são operados por redes neurais, nem o modelo pode estar lá, mas ele pode estar dependendo do jeito que ele foi feito de constantes



alterações, mas o fato é que no mínimo as finalidades, a dinâmica o que ele cruza para chegar a um determinado resultado, está muito lá colocado.

Quando ele trabalha valores, principalmente numa rede neural artificial, que mexe na vida da pessoa de uma maneira muito importante, por exemplo, ele vai tirar a pessoa da ordem da fila de um transplante, vai tirar a possibilidade da pessoa de obter um direito, vai colocar lá no fundo da fila da Minha Casa Minha Vida, ou se vai..., não vai dar benefícios na sua aposentadoria. Porque o cálculo a gente não sabe qual foi feito. Pede que o advogado dessa pessoa recorra do cálculo, porque pode ter uma lógica correta, mas o cálculo pode ser negável.

Eu posso negar um cálculo, os valores que eu coloquei para fazer certa conta e cada vez mais a gente está ficando opaco. Então eu queria dizer o seguinte, dá para ter coisas positivas, se tiver transparência, se tiver a explicabilidade, responsabilidade para o cidadão comum, precisa também ter uma linguagem popular, e não só uma linguagem jurídica, essa linguagem jurídica, ela é feita muitas vezes para excluir o cidadão comum da discussão concreta que se tem. “Porque você não entende de direito então se você não está entendendo o que eu fiz.” Olha eu não entendo de direito, mas entendo de direitos e direitos não devia ser feito com essa jogada filosófica. O Brasil tem um teto que ninguém pode ganhar mais no serviço público que o presidente da República, mas ganham.

“Ah, mas não é salário, é penduricalho.”

Você entendeu? O direito é feito para ser violado, mas eu quero direitos, eu quero equidade. Então os sistemas políticos têm que ser feitos para serem elegíveis para as pessoas quando a gente quer também a explicabilidade deles.

Então dá para usar esses critérios para beneficiar também a democracia?

Dá, mas eu digo a você, eu não conheço um sistema de Inteligência Artificial que seja feito para atender a periferia. A não ser câmeras de vigilância para mapear a população ‘perigosa’. Perigosa para quem?

Perigosa para a elite econômica que destrói o país e deixa as escolas do jeito que estão e e sem salário para o professor. Professor de ensino fundamental é uma desgraça. E aí ele fala “ah, mas tá vendo, a culpa lá é da casa da pessoa.”

Os argumentos de um governador que quer trocar o livro por powerpoint motivacional. Enfim, Ele acha que temos que continuar. Mas é isso.

**Lydia Abud Lopes:** O algoritmo na verdade só reproduz a mesma lógica da nossa sociedade. Ele não está criando uma nova lógica.

**Sérgio Amadeu da Silveira:** Ele pode reproduzir uma outra lógica, mas ele precisa ser construído para isso, se ele fosse só baseado em base de dados anteriores, ele tende a reproduzir racismo reproduzir discriminação, reproduzir vários preconceitos. Se a gente sabe disso, a gente pode fazer alguns anteparos. Não é simples, porque tudo isso vai ter que mudar.

E aí que eu queria colocar o problema, tudo isso vai ter que virar valor. Por exemplo: se eu quero equiparar uma situação de injustiça, aquele que mora na periferia, ao invés de ter lá, como é no banco menos 5 no parâmetro, você vê lá aquele valor menos 5, o que é aquilo? Não sei. Eu sei, é que esse cara vai ser avaliado menos 5 vezes, eu tenho que pular mais cinco. Eu vou privilegiar o cara da periferia naquele tipo de direito, porque ele mora mais longe, ele tem mais dificuldade. Ele está em pior situação.

Tudo em tese, né? Eu tenho que ter o algoritmo. Mas uma hora eu estou numa mesa com você, com outro, eu falo quanto que eu ponho de valor mais três, mais cinco, mais 10? Tudo isso é uma decisão humana.



Universidade de São Paulo – Prolam USP  
Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina




### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE MATERIAL EM DISSERTAÇÃO

Eu, **Sergio Amadeu da Silveira**, nacionalidade **brasileira**, estado civil **casado**, portador da Cédula de identidade RG nº. **6.860.391-5**, inscrito no CPF/MF sob nº **050.990.258-89**, residente à **Rua Caiowaa, nº. 2046 Bloco 1 Apt 24**, município de **São Paulo -SP**, AUTORIZO o uso de entrevista concedida para uso exclusivo na **dissertação de Mestrado** intitulada **"Fake news na América Latina: processos eleitorais no Brasil e Bolívia (2018 e 2019)"**, da linha de pesquisa **Comunicação e Cultura** do **Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP)**, de autoria de **Lydia Abud Lopes**, de número USP **2351465**, e orientação do **Prof. Dr. André Chaves de Melo Silva**.

Declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à entrevista concedida para uso exclusivo desta dissertação, e assino a presente autorização abaixo.

São Paulo, 29 de janeiro de 2024.

Documento assinado digitalmente  
 **SERGIO AMADEU DA SILVEIRA**  
Data: 31/01/2024 10:16:33-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

(Assinatura)

## **Entrevista com a jornalista boliviana Isabel Mercado, concedida para Lydia Abud Lopes no dia 11 de janeiro de 2024, via texto enviado por *WhatsApp***

**Lydia Abud Lopes:** Durante el Referéndum de 2016 circularon muchas noticias contra Evo Morales. Una, en particular, habló del hijo muerto de Morales. Posteriormente los periódicos informaron que se trataba de una noticia falsa. ¿Cree que esta noticia influyó en el resultado del Referéndum?

**Isabel Mercado:** El periodista Carlos Valverde reveló el 3 de febrero de 2016 que el Presidente tuvo una relación con Geraldine Gabriela Zapata Montaña, de la que nació un hijo. Valverde mostró la copia de un certificado de nacimiento, firmado por el propio mandatario. No se trataba de una simple relación sentimental, reservada al ámbito privado de cualquier persona, sino que la exnovia presidencial se desempeñaba en ese momento como alta ejecutiva de una empresa China, CAMC, que había suscrito varios contratos con el Estado boliviano. El periodista denunció un posible tráfico de influencias, lo que daba al noviazgo un evidente carácter público.

Al día siguiente, el entonces ministro de la Presidencia, Juan Ramón Quintana, admitió la relación. “Fue efectivamente pareja del presidente el año 2007”, dijo en una conferencia de prensa, pero se abstuvo de confirmar la existencia del niño. “Los ciudadanos nos merecemos el más absoluto respeto sobre la vida privada de las personas, por eso no voy a responder a esa pregunta”, se justificó.

Dos días después de la revelación, el propio presidente Morales confirmó la información. Dijo textualmente: “Evidentemente, a Gabriela Zapata Montaña la conocí en 2005. La verdad que era mi pareja. En 2007 tuvimos un bebé y, lamentablemente, nuestra mala suerte, ha fallecido. Tuvimos algunos problemas y a partir de ese momento nos distanciamos. Ya pasan como 10 años”.

Obviamente, la admisión del Presidente tuvo una amplia repercusión mediática y política y dio lugar a la cobertura periodística que conocemos. Pero nueve meses después, el mismo Evo Morales cambió completamente su versión.

“El movimiento social planteó este tema del referendo (para la reelección); y la derecha lo enfrentó en base de mentira, de codicia. Inventó una mujer y un niño, y dijo que era hijo de Evo. Es más, dijo que el niño había muerto. Todo era mentira. Y ahora que se investigó resulta que ni siquiera había habido niño. Pero ya quedó la calumnia. La prensa se comportó como un cártel de mentiras. El tema estaba bien organizado. Lo planificaron con anticipación. Cuando no pueden tumbar ideológicamente ni democráticamente usan a la familia y hasta un niño inexistente. A mí realmente me ha sorprendido”, dijo textualmente.

El Gobierno hizo lo indecible para negar lo innegable y reescribir la historia porque quería “demostrar que el ‘caso Zapata’ fue una ‘invención’ de unos pocos medios para inducir a la ciudadanía a votar a favor del “No” en el referéndum del 21 de febrero”. Y acusó a la prensa independiente de haber conformado un “cártel de la mentira” con la intención de desgastar la imagen del mandatario.

En mi opinión todo este tema sí influyó en el resultado del referendo.

*O jornalista Carlos Valverde revelou em 3 de fevereiro de 2016 que o Presidente mantinha um relacionamento com Geraldine Gabriela Zapata Montaño, de quem nasceu um filho. Valverde mostrou cópia de certidão de nascimento, assinada pelo próprio presidente. Não se tratava de uma simples relação amorosa, reservada à esfera privada de qualquer pessoa, mas a ex-namorada presidencial trabalhava nessa altura como executiva sénior de uma empresa chinesa, a CAMC, que tinha assinado vários contratos com o Estado boliviano. O jornalista denunciou possível tráfico de influência, o que conferiu ao namoro um evidente carácter público.*

*No dia seguinte, o então ministro da Presidência, Juan Ramón Quintana, admitiu a relação. “Ela foi efectivamente companheira do presidente em 2007”, disse ele numa conferência de imprensa, mas absteve-se de confirmar a existência da criança. “Nós, cidadãos, merecemos o*

*mais absoluto respeito pela vida privada das pessoas, por isso não vou responder a essa pergunta”, justificou.*

*Dois dias após a revelação, o próprio presidente Morales confirmou a informação. Ele disse literalmente: “Evidentemente, conheci Gabriela Zapata Montaño em 2005. A verdade é que ela era minha companheira. Em 2007 tivemos um bebê e, infelizmente, azar nosso, ele faleceu. Tivemos alguns problemas e a partir daquele momento nos distanciamos. “Já se passaram uns 10 anos.”*

*Obviamente, a confissão do Presidente teve amplo impacto mediático e político e deu origem à cobertura jornalística que conhecemos. Mas nove meses depois, o próprio Evo Morales mudou completamente a sua versão.*

*“O movimento social levantou essa questão do referendo (para a reeleição); e a direita enfrentou-o com base na mentira, na ganância. Inventou uma mulher e uma criança e disse que era filho de Evo. Além do mais, ele disse que a criança havia morrido. Era tudo uma mentira. E agora que foi investigado, descobriu-se que não havia sequer uma criança. Mas a calúnia acabou. A imprensa comportou-se como um cartel de mentiras. O tema estava bem organizado. Eles planejaram isso com antecedência. Quando não conseguem derrubar ideológica ou democraticamente, usam a família e até mesmo um filho inexistente. “Isso realmente me surpreendeu”, disse ele literalmente.*

*E acusou a imprensa independente de ter formado um “cartel de mentiras” com o intuito de desgastar a imagem do presidente.*

*Na minha opinião, toda esta questão influenciou o resultado do referendo.*

**Lydia Abud Lopes:** ¿En Su Opinión Existen Intereses Del imperialismo estadounidense en Bolivia? ¿Y cree que estas fake news utilizadas contra Evo Morales están vinculadas con los intereses del imperialismo en la región?

**Isabel Mercado:** Por supuesto que si existen, como en todos los países de la región y del mundo. Creo que Evo Morales es visto como un enemigo para EEUU y que por supuesto se há

fabricado toda una narrativa desfavorable a la imagen de este líder, pero el caso del niño no fue una de estas pues los hechos se dieron como lo expuse en la anterior pregunta.

*É claro que existem, como em todos os países da região e do mundo. Acredito que Evo Morales é visto como um inimigo dos Estados Unidos e que claro que toda uma narrativa desfavorável à imagem deste líder foi fabricada, mas o caso da criança não foi um desses porque os acontecimentos ocorreram como expliquei na pergunta anterior.*

**Lydia Abud Lopes:** En Las Elecciones de 2019 se utilizó otra tormenta de fake news contra Evo Morales. ¿Cree que fue una estrategia pensada y planificada por la oposición a Morales? ¿O fue un fenómeno espontáneo?

**Isabel Mercado:** La crisis de 2019 fue también una crisis de desinformación por todos los flancos posibles. Una información falsa, desinformación y conspiración pero las fuentes no fueron solamente la oposición a Evo Morales sino el propio MÁS.

Desde el inicio de las manifestaciones en Bolivia en 2019, el país vivió una crisis social y política, pero también una crisis informativa o más bien desinformativa. Fue muy difícil para la prensa cubrir estos eventos debido a las fotos y videos falsos que inundaban las redes sociales y que incluso eran citados y presentados por figuras protagónicas del conflicto.

Varios medios internacionales elaboraron versiones sesgadas de un lado y otro sobre la coyuntura boliviana, incluso figuras como el expresidente Evo Morales, contribuyeron al clima de desinformación. Morales dio una conferencia de prensa en México en la que mostró un video cortado y otro falso para denunciar la violencia en las calles.

Al respecto, fue muy importante la labor de los centros de verificación, como Bolivia Verifica y Chequea Bolivia que daban sus primeros pasos aquellos meses.

*A crise de 2019 foi também uma crise de desinformação de todos os lados possíveis. Há informações falsas, desinformação e conspiração, mas as fontes não foram apenas a oposição a Evo Morales, mas também o próprio MAS.*

*Desde o início das manifestações na Bolívia em 2019, o país vive uma crise social e política, mas também uma crise de informação, ou melhor, de desinformação. Foi muito difícil para a*

*imprensa cobrir estes acontecimentos devido às fotos e vídeos falsos que inundaram as redes sociais e que foram inclusive citados e apresentados por figuras importantes do conflito.*

*Vários meios de comunicação internacionais produziram versões tendenciosas da situação boliviana de um lado para o outro, incluindo figuras como o ex-presidente Evo Morales, contribuindo para o clima de desinformação. Morales deu entrevista coletiva no México na qual mostrou um vídeo cortado e outro falso para denunciar a violência nas ruas.*

*Neste sentido, foi muito importante o trabalho dos centros de verificação, como Bolivia Verifica e Chequea Bolivia, que naqueles meses davam os primeiros passos.*

**Lydia Abud Lopes:** A partir de los hechos que ha observado, ¿considera que las fake news son utilizadas como estrategia de desestabilización política sólo por la derecha o la extrema derecha? ¿O la izquierda también los utiliza contra sus oponentes?

**Isabel Mercado:** Vivimos en el reino de la desinformación como sociedad global; las redes sociales se han convertido al mismo tiempo en un medio de democratización de la información –pues millones de ciudadanos acceden a ellas permanentemente-, pero también de desinformación, pues no imperan criterios de verificación suficientes para los contenidos que en ellas se divulga.

En Bolivia, tanto izquierda como derecha, construyen verdades alternativas a los hechos, atentan contra la credibilidad de la prensa Independiente y difunden información sesgada de forma constante.

*Vivemos no reino da desinformação como sociedade global. As redes sociais tornaram-se ao mesmo tempo um meio de democratização da informação - uma vez que milhões de cidadãos as acessam permanentemente - mas também de desinformação, uma vez que não prevalecem critérios de verificação suficientes para os conteúdos que nelas são difundidos.*

*Na Bolívia, tanto a esquerda como a direita constroem verdades alternativas aos factos, ameaçam a credibilidade da imprensa independente e disseminam constantemente informações tendenciosas.*



**Lydia Abud Lopes:** ¿Considera que la renuncia de Evo Morales se produjo porque hubo un golpe de Estado en el país? De ser así, ¿quién sería los principales interesados en este golpe?

**Isabel Mercado:** A estas alturas puedo decir que es probable que haya habido confabulación para impedir que Evo Morales continúe en el poder luego de las irregularidades que se produjeron en las elecciones de octubre de 2019. Estas irregularidades fueron muchas y evidentes, y refrendadas por la OEA y la Unión Europea, además de estudios locales. Fue el mismo Evo Morales quien pidió una auditoría a estos organismos, pero cuando esta fue adversa a su Gobierno, el intento aún permanecer en el poder, ofreciendo llamar a nuevas elecciones.

En ese momento, considero que si hubo una conspiración para empujarlo a renunciar. Pero no hubo en rigor un golpe de Estado, pues Morales mismo, con su Vicepresidente renunciaron y huyeron del país.

*Neste ponto, posso dizer que é provável que tenha havido conluio para impedir que Evo Morales continuasse no poder após as irregularidades ocorridas nas eleições de outubro de 2019. Essas irregularidades foram muitas e evidentes, e endossadas pela OEA e pela União Europeia, além de estudos locais. Foi o próprio Evo Morales quem solicitou uma auditoria a estas organizações, mas quando esta foi adversa ao seu Governo, ainda assim tentou permanecer no poder, oferecendo-se para convocar novas eleições.*

*Naquela época considerei que houve uma conspiração para forçá-lo a renunciar. Mas não houve, a rigor, um golpe de Estado, já que o próprio Morales, com o seu vice-presidente, renunciou e fugiu do país.*

**Lydia Abud Lopes:** Aún sobre las elecciones de 2019, una serie de audios revelados por el diario El Periódico muestran a un interlocutor que habla de un supuesto “hombre de confianza de Jair Bolsonaro, que asesora a un candidato presidencial”. Si bien audio no revela el nombre de este “hombre de confianza” del gobierno brasileño, llama la atención que a partir de mayo de 2019 Itamaraty sostuvo frecuentes conversaciones con el líder Luis Fernando Camacho. ayá evidencia de métodos utilizados por opositores de Evo que son similares a los métodos utilizados en la campaña de Bolsonaro en Brasil, incluido el uso intenso de noticias falsas contra los opositores. ¿Cree que hubo apoyo del gobierno brasileño a la campaña de Carlos Mesa en 2019?

**Isabel Mercado:** No tengo información sobre un apoyo explícito del gobierno brasileño a la campaña de Carlos Mesa, aunque es muy probable que haya habido acercamiento entre el gobierno de Jair Bolsonaro y el líder cruceño Luis Fernando Camacho por las afinidades ideológicas que estos claramente tienen. Sin embargo, no puedo afirmar nada sobre lo que me pregunta pues no tengo evidencias.

*Não tenho informações sobre o apoio explícito do governo brasileiro à campanha de Carlos Mesa, embora seja muito provável que tenha havido uma aproximação entre o governo de Jair Bolsonaro e o líder de Santa Cruz, Luis Fernando Camacho, devido às afinidades ideológicas que claramente têm. No entanto, não posso dizer nada sobre o que você está me perguntando porque não tenho provas.*



Universidade de São Paulo – Prolam USP  
Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE MATERIAL EM DISSERTAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_ Isabel Mercado, nacionalidade Boliviana, estado civil soltera, portador da Cédula de identidade RG nº.2929604, inscrito no CPF/MF sob nº \_\_\_\_\_, residente à Av./Rua \_\_\_\_\_, nº. \_\_\_\_\_, município de \_\_\_\_\_, AUTORIZO o uso de entrevista concedida para uso exclusivo na **dissertação** de **Mestrado** intitulada "**Fake news na América Latina: processos eleitorais no Brasil e Bolívia (2018 e 2019)**", da linha de pesquisa **Comunicação e Cultura** do **Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP)**, de autoria de **Lydia Abud Lopes**, de número USP **2351465**, e orientação do **Prof. Dr. André Chaves de Melo Silva**.

Declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à entrevista concedida para uso exclusivo desta dissertação, e assino a presente autorização abaixo.

La Paz, Bolívia, dia 7 de fevereiro de 2024.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

## **Entrevista com o professor e jornalista boliviano Juan Araos Chaparro, concedida para Lydia Abud Lopes no dia 18 de janeiro de 2024, via áudio de WhatsApp**

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** soy periodista, soy licenciado en Comunicación Social de la Universidad Católica Boliviana San Pablo y tengo una maestría en periodismo. Tengo estudios de maestría en periodismo.

Trabajo en prensa de mis 20 y 21 años, soy docente universitario en pre y posgrado de materias relacionadas con periodismo y redacción, y también el tema de la deontología y regulación también el tema de multimedia.

*Sou jornalista, formado em Comunicação Social pela Universidade Católica Boliviana San Pablo e tenho mestrado em jornalismo.*

*Trabalho na imprensa desde os 20 e 21 anos, sou professor universitário em cursos de pré e pós-graduação de disciplinas relacionadas com o jornalismo e a escrita, e também a temática da deontologia e da regulação, bem como o tema da multimídia.*

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** ¿Hola Lydia, qué tal cómo estás? Te voy a mandar, pero por audio las respuestas y cada pregunta y cada respuesta va a ir con audio diferente ya entonces te mando en este momento te voy a decir que hablar en español porque yo no hablo portugués, pero ojalá que te sirva.

*Olá Lydia, tudo bem? Vou te enviar, mas por áudio as respostas e cada pergunta e cada resposta terá um áudio diferente e depois vou te enviar nesse momento vou falar para você falar em espanhol porque eu não falo português, mas espero que ajude você.*

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** Bien, doy clases en algunos momentos sobre el manejo de comunicación institucional, gabinete de crisis y manejo de crisis, gabinete de prensa.

Actualmente trabajo con periodistas en el portal brújula digital, soy director de director periodístico.

Hasta hace poco fui jefe de comunicación interna y externa de la dirección de comunicación de la alcaldía de La paz.

¿He trabajado, creo que otros periódicos de todo Bolivia en los periódicos más grandes, no eh? “Los tiempos”, de Cochabamba, “El Deber”, de Santa Cruz, “La Razón”, de La Paz, “La Prensa”, de La Paz, “Página 7”, de La paz, “Correo del Sur”, de Sucre, “El Nuevo Sur”, de Tarija, “Última Hora”. Ahí comencé cuando era muy crío, “Última Hora” en que ya no existe un periódico de La paz, también trabajando yo desde Cochabamba y he dado clases, doy clases en el Católica de San Pablo.

En paz he dado clases en La Universidad Católica Boliviana de Cochabamba, Universidad Católica Boliviana de Tarija he dado también clases en la Universidad Nuestra Señora de La paz, me empleé en posgrado de la Universidad mayor de San Simón de Cochabamba. ¿Y qué más? Creo que eso creo que es eso lo que te pueda servir. No sé si me necesitas alguna cosa más me avisas, pues yo feliz.

*Bom, eu dou aulas às vezes de gestão de comunicação institucional, escritório de crise e gestão de crise, assessoria de imprensa. Atualmente trabalho com jornalistas no portal bússola digital, sou diretor de direção jornalística.*

*Até recentemente fui chefe de comunicação interna e externa do departamento de comunicação da prefeitura de La Paz.*

*Já trabalhei, acho que em jornais de toda a Bolívia, nos maiores jornais, né? “Los tiempos”, de Cochabamba, “El Deber”, de Santa Cruz, “La Razón”, de La Paz, “La Prensa”, de La Paz, “Página 7”, de La paz, “Correo del Sur”, de Sucre, “El Nuevo Sur”, de Tarija, “Última Hora”. “Última Hora” em que não existe mais esse jornal de La Paz, também trabalho em Cochabamba e dei aulas, dou aulas na Católica de San Pablo.*

*Em paz, lecionei na Universidade Católica Boliviana de Cochabamba, na Universidade Católica Boliviana de Tarija, também lecionei na Universidade Nuestra Señora de La Paz,*

*trabalhei como estudante de pós-graduação na Universidade San Simón de Cochabamba. E que mais? Acho que é isso que acho que pode te ajudar. Não sei, se precisar de mais alguma coisa, me avise. Bom, estou feliz.*

**Lydia Abud Lopes:** Durante el Referéndum de 2016 circularon muchas noticias contra Evo Morales. Uno, en particular, habló del hijo muerto de Morales. Posteriormente los periódicos informaron que se trataba de una noticia falsa. ¿Cree que esta noticia influyó en el resultado del Referéndum?

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** A ver.

Así es que el referéndum es la noticia del niño muerto en ese caso ae llama acá en Bolivia se conoce como caso Zapata. Por si acaso ese caso Zapata por la Gabriela Zapata, que era la ex novia del presidente del ex-presidente y que fue la que dijo este asunto del niño, no a ver, es importante tomar en cuenta un par de elementos primero.

Este fue el referéndum que fue la vuelta para permitir la quién perdí (trecho inaudível). ¿Qué pasa que el 13 Febrero, periodista de Santa Cruz Carlos Valverde, que un periodista (trecho inaudível).

Después, evidentemente viene la elección, perdió.

Luego pensaba que mañana y el discurso del MAS ha sido. ¿Este resultado?

Desde lo que ocurrió esta Zapata por ver. Ese es el discurso machista.

Yo, particularmente porque tú me preguntas a casi que yo creo que esta noticia influyó.

Yo, sinceramente creo que la noticia causó, por un lado, una suerte de decepción para algunas personas, no porque al presidente de ese entonces.

Mira no reconocida, pues es un asunto impactante. Ahora bien.

Tú me preguntas si esto, yo creo que influyó, yo creo que hay que tomar en cuenta que puede impactar en algunos grupos, pero sin embargo lo fundamental era que la gente votó por el rechazo a que la persona se eternizara.

Que el presidente de ese entonces eternizara, estamos hablando de 10 años de mandato, es decir, 10 años de mandato, considerando que él ha asumido el 2006 que luego el 2009 se aprobó la Constitución que el 2009. En febrero del 2009 se aprobó la Constitución y luego que el Presidente de ese entonces, luego Morales haya dicho que es la primera parte de su gobierno. ¿Y todo desde 2006 hasta el 2009 no vale? Gente de la República y ahora se llamaba estado.

Justo ahorita como segunda parte, sin embargo no puedo, no puedo no mencionar que yo creo que el hecho de la paternidad del hijo después del comentario que el presidente de ese entonces dijo que sí es cara conocida, eh, no, pues no, no, no eres cara conocida cuando tienes visto en la persona que fue tu pareja Y te acuerdas de ella por muy mujeriego o no mujeriego que haya sido e incluso acá se han hecho muchos memes en muchos chistes con eso no cara conocida.

No entonces, resumiendo, creo que la votación que logró el no en ese momento de febrero del en el referéndum se debe sobre todo al rechazo de la población a que se eternizan en el poder. Primero que al final igual pasó o tú lo sabes. Sin embargo, no puedo negar que el hecho de de la paternidad es un tema muy sensible en Bolivia y pues eso también también afectó influyo, yo creo, pero sobre todo el otro.

En otro punto, ahora toma en cuenta que luego esto fue en febrero y si no me equivoco, ya en marzo se empezó a desbaratar todo, que era un que era una que era una. Como se llama, que era un asunto, un certificado falso y, luego incluso el mismo. El mismo Valverde mayo ya dijo que no, que todo podía decir que todo era falso.

Evidentemente que sí hubo una mano negra aquí que quiso digitar, fue una y quería lograr esto. Fue una una jugada maestra, pero yo sinceramente no creo que haya sido tanto así, sino fue el rechazo a la gente y luego el tema de no puedo. No puedo evitar mencionar, como ya digo por tercera vez, el rechazo a la actitud del presidente si el presidente hubiera, quizás es mostrado más humilde, más empático, quizás otra operación.

**Lydia Abud Lopes:** ¿En su opinión existen intereses del imperialismo estadounidense en Bolivia? ¿Y cree que estas fake news utilizadas contra Evo Morales están vinculadas con los intereses del imperialismo en la región?

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** ¿Respecto a la pregunta dos, existen intereses estadounidenses en Bolivia? Mira, es el primero. También es un discurso que maneja el MAS y el Evo Morales negar que existe, pues evidentemente toda una pugna y pugna por incluir y por conseguir supremacía y todo aquello de de Estados Unidos.

¿No se puede negar que las potencias siempre quieren prometidos, geopolíticos y estratégicos y económicos, no?

Controlar y todo aquello, eso no se puede negar.

Ya eso no puedo.

Ahora yo sinceramente esto de las fake news lo hago mensualmente en la consultoría.

La Guardia, verificó hacer una empresa estadounidense, verificó 8 países, verificó.

La verificación que realizan se realizan en este.

Y con ese conocimiento yo voy a empezar con el tema de de Evo Morales del MAS el caso Zapata y todo lo que desees.

La peli no solamente hay una hay una citación del 30 de abril.

¿Qué dice?

Yo creo que la la cosa va a peor por dos o 3 días.

¿Que?

Dinero.

¿Hay hay una vía?

Estudiando el estudio de lo que le estaba diciendo que yo también.

(Trecho inaudível)

Aunque sean fake news, podemos hablar de desinformación.

La impresión, la impresión en la que esa persona que hace el engaño de una forma totalmente consciente para ocasionar daño o para ocasionar problemas. No, pero también hay otro, hay otro aquí en Bolivia se ve mucho, mucho, muchísimo el otro lado, la persona que ve algo, lo que quiera y lo comparte, no evidentemente o lo hace o comparte o genera una desinformación sin una mala intención.

Tenemos el claro ejemplo de la de nuestras abuelitas, que porque ven que no sé, pues que comer ajo por decir algo ayuda a evitar el COVID también come ajo no, pues la creen no.



¿Y quizás ese rumor? No, no, no surgió con mala intención. ¿Me entiendes? Entonces yo creo que si bien no se puede negar que la los Estados Unidos, las potencias China, Rusia siempre tienen intereses de de acaparamiento y de control.

Pensar que está detrás del la fake news, en este caso contra Evo Morales, en este caso, si así como que están controlando y son los causantes de yo creo que como que como es que es caer un poco en el discurso marxista, lo cual no ojo, no, no, no, no hay que pecar de ingenuos tampoco, pero también hay que ver el otro lado de la moneda, no el otro lado de la moneda es pensar en estas personas que comparten información o perdón de esa información o generan esa información sin ninguna intención maliciosa.

También hay que tomar en cuenta que en Bolivia la sociedad está muy polarizada. ¿El ex presidente Morales eh bueno y el el gobierno del más actual y el anterior, que tú sabes? ¿El actual está dividido en 211 la vista y una la artista artista por el presidente Luis Arce y es vista por el ex presidente Evo Morales, eh?

Hacen encargados y bien de de dar mucha cabida a sectores que estaban antes, es más bien relajadísimo, pero se han encargado también a mi criterio, esto solamente es mi criterio, que quizás compartido por muchos. Pero bueno, yo hablo por mí de dividir, dividir muchísimo en la sociedad, de polarizar la sociedad y eso también genera, pues la la la.

Es un es un espacio de caldo de cultivo para la generación de fake news. Entonces yo te aseguro, por ejemplo, que los muchos, muchos chicos que han proyectado el 2019 muchos jóvenes. Yo creo que has escuchado del del movimiento de los pititas, no que surge porque empezaron a bloquear contra la resultado de las elecciones del 2019, que al final terminó que el presidente de ese entonces viajar y se fuera huyera a México, empezaron que compita, eh Y Morales lo que dijo en una con en una declaración pública, dijo, yo le voy a enseñar a estos piti a blog.

¿A estos pititas cómo se bloquea? Es decir, el mismo bautizó, yo te aseguro que muchos de esos chicos que son mis estudiantes, yo soy profesor de la Universidad católica.

Han hecho han hecho, han compartido o incluso hasta quizás te han generado algún tipo de desinformación y fake news, pero no llevados por el imperio.

Me entiendes si no llevas por el hartazgo llevados por el inconformismo y no digo que siempre se han opuesto Morales, yo conozco mucha gente que ha votado por Morales, pero luego se ha decepcionado de Morales.

Entonces no creo que se puede ocultar el interés que existen algunas potencias, pero tampoco se debe indicar que solamente eso y se no se debe indicar que las personas que comparten de fake news o desinformación contra Morales o contra quien sea son llevados solamente por el imperio. No, no sería desmerecer el criterio crítico, si se le puede decir de un modo o desmerecer el reclamo del hartazgo de de muchos sectores de la o mucha gente de algunos sectores de la población boliviana? No sé con eso, eh, me dejo entender.

*Quanto à questão dois, há interesses do paciente americano na Bolívia? Olha, é o primeiro. É também um discurso que a maioria das pessoas utiliza e Evo Morales nega que exista, pois é evidentemente uma luta para incluir e alcançar.*

*Supremacia e tudo isso sobre os Estados Unidos.*

*Não se pode negar que as potências querem sempre noivos geopolíticos, estratégicos e económicos, certo?*

*Controle e tudo mais, isso não pode ser negado. Eu não posso mais fazer isso.*

*Agora eu honestamente faço isso em relação às fake news das quais faço mensalmente consultoria.*

*La Guardia, verifico fazendo uma empresa americana, verifico 8 países, verifico.*

*A verificação que realizam é realizada neste.*

*E com esse conhecimento vou começar com o tema de Evo Morales, mais o caso Zapata e tudo o que você quiser.*

*Não há apenas um filme, há uma convocação a partir de 30 de abril.*

*Que diz?*

*Acho que as coisas vão piorar por dois ou três dias.*

*Há algum caminho?*

*Estudando o estudo do que eu estava contando para ele que eu também fiz.*

*(Trecho inaudível)*

*Embora técnicos, podemos falar de desinformação.*

*A impressão, a impressão é que aquela pessoa que comete engano de forma totalmente consciente para causar danos ou causar problemas. Não, mas também tem outro, tem outro aqui na Bolívia, a gente vê muito, muito, muito do outro lado, a pessoa que vê alguma coisa, o que quer e compartilha, não obviamente nem faz nem compartilha ou gera desinformação com má intenção.*

*Temos o exemplo claro das nossas avós, que porque veem que eu não sei, bom, comer alho, no mínimo, ajuda a evitar o COVID, ela também come alho, não, bom, eles não acreditam nela .*

*E talvez esse boato? Não, não, não surgiu com más intenções. Me entende? Portanto, acredito que embora não se possa negar que os Estados Unidos, as potências China, a Rússia nem sempre têm interesses.*

*Do açambarcamento e do controle a pensar que está por trás das fake news, neste caso contra Evo Morales, neste caso, sim, eles estão controlando e são as causas de eu acho que, como é? cair um pouco no marxismo discurso, que não, não, não, não, também não devemos ser ingênuos, mas também devemos ver o outro lado da moeda, não o outro lado da moeda é pensar nessas pessoas que compartilham informações ou perdoam essas informações ou gerar essas informações.*

*Sem qualquer intenção maliciosa.*

*Devemos também levar em conta que na Bolívia a sociedade é muito polarizada. Ex-presidente Morales, bem, e o governo do mais atual e do anterior, do presidente Luis Arce e é visto pelo ex-presidente Evo Morales, né?*

*Eles dão muito espaço para setores que estavam lá antes, é bastante tranquilo, mas eles também têm comandado a meu critério, esse é apenas um critério meu, que talvez seja compartilhado por muitos. Mas bom, eu falo por mim mesmo de dividir, dividir muito a sociedade, de polarizar a sociedade e isso também gera, bom.*

*É um terreno fértil para a geração de notícias falsas. Por isso garanto-vos, por exemplo, que as muitas, muitas crianças que planejaram 2019 são muitos jovens. Acho que você já ouviu falar do movimento Pititas, não que ele tenha surgido porque eles começaram a bloquear o resultado das eleições de 2019, que no final acabou com o presidente da época viajando e fugindo para o México, eles começaram a competir, e Morales o que ele disse em declaração pública, ele disse, vou ensiná-los a se manifestar.*

*Ou seja, ele mesmo batizou, garanto-vos que muitos desses meninos que são meus alunos, sou professor na Universidade Católica. Fizeram, compartilharam ou até talvez geraram algum tipo de desinformação e notícias falsas, mas não realizadas pelo império.*

*Você me entende? Estão fartos e são inconformistas e não estou dizendo que sempre se opuseram a Morales, conheço muitas pessoas que votaram em Morales, mas depois ficaram decepcionadas com Morales.*

*Então acho que não.*

*Eh, você pode esconder o interesse de que existem alguns poderes, mas você não deve indicar isso apenas e não deve indicar que as pessoas que compartilham notícias falsas ou desinformação contra Morales ou contra quem quer que seja são transportadas apenas pelo império. Não, isso não prejudicaria seus critérios.*

*Pessoal, vocês podem colocar isso de uma forma ou desvirtuar a afirmação de que muitos setores da população boliviana estão fartos? Eu não sei sobre isso, hein, deixe-me entender.*

**Lydia Abud Lopes:** En las elecciones de 2019 se utilizó otra tormenta de fake news contra Evo Morales. ¿Cree que fue una estrategia pensada y planificada por la oposición a Morales? ¿O fue un fenómeno espontáneo?

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** Bien, en relación con la pregunta 3. En las elecciones 2016 se utilizó de tormenta de fake news contra, primero es que no fueron solamente contra Evo Morales. No, fue contra todos ya.

¿Tanto en las elecciones como lo posterior, yo todavía no veo tus otras preguntas, pero quizás también te refieras a la posterior, si no, yo también te lo puedo comentar en otro en otro audio más ratito, me voy a anotar para no olvidarme posterior a ver, por un lado, sí, claro que sí, que era planificado? Sí, totalmente, totalmente, pero Por otro lado también era espontáneo.

Entonces podríamos decir el de 2 formas: 1 era planificado, por supuesto, por intereses políticos contrarios. ¿Por si quieres verlo así, yo te digo respecto al tema de la influencia imperialista, vaya a saber 1, no, no, yo no estoy en la no, no, no sé qué verdad? ¿No estoy en la cabeza de los que han hecho los los sueños, pero evidentemente que hay intereses políticos, no?

¿Por qué? Porque acá, como en todos lados, eh, hay grupos, no los políticos, los partidos, los gobernantes tienen grupos de lo que va el Evo Morales los bautizó como los guerreros digitales, él mismo lo bautizó, no hay hay guerreros digitales, no de todos los colores, entonces primero eso responde a la planificación y yo estoy, estoy 100% seguro, tengo, tengo, tengo conocimiento, pero no, no dudo absolutamente a decir De que existen estos guerreros porque tengo gente que trabaja ahí, tengo amigos que trabajan ahí, cuando digo tengo gente, tengo gente conocida, O amigos o amigos que fueron de 1 o de otro lado, me entiendes que sí, yo sé que existen, entonces eso responde a una planificación, responde a una planificación de de de un ataque virtual, no de generación de contenidos desinformadores, de generación de contenidos desinformadores a favor y en contra de fulano zutano y en este caso de Evo Morales. Eso no se puede negar, eso existe.

Y existía.

Ya, actualmente contra Evo, Arce contra los alcaldes, contra los gobernadores, en fin. Pero también no se puede negar que existe también un movimiento espontáneo, un fenómeno espontáneo que es como te puse el ejemplo del del de la persona que Va caminando por la calle

y ve, por ejemplo, una protesta y en vez de decir 10 tipos el la persona lo magnifica pensando que vio 100 y generó la fake news y generó la desinformación.

O viene y habla en que de pronto escuchó que se están robando los votos en yagua por decirte cualquier cosa ya es una población de Oruro, una un pueblo minero por excelencia, lo digo por poner cualquier ejemplo, porque no me estoy diciendo puedo haber dicho y allá agua o la paz o Santa Cruz no importa cualquier ciudad.

Mujer, pueblo y escuchó, escuchó mal, escuchó de la noticia que dura 2 minutos, escuchó 5 segundos y de pronto que eh la persona ya publica eso lo desinforma, lo manda, entonces es una generación espontánea, entonces yo creo que es ambos, no ambos.

Y ahí te voy a mandar ahorita un audio comentándote lo que pasó posterior.

*Bem, em relação à pergunta 3. Nas eleições de 2016 foi usado como uma tempestade de notícias falsas contra o primeiro. Acontece que não eram só contra Evo Morales, não eram mais contra todos.*

*Tanto nas eleições quanto depois, ainda não vejo suas outras perguntas, mas talvez você também se refira à última, se não, também posso comentar em outro áudio um pouco, vou escrever abaixo para não esquecer Depois de ver, por um lado, sim, claro, foi planejado? Sim, totalmente, totalmente, mas por outro lado também foi espontâneo.*

*Portanto, poderíamos dizer que de duas maneiras, uma delas foi planejada, é claro, por interesses políticos contrários. Caso você queira ver dessa forma, eu te falo sobre a questão da influência imperialista, quem sabe 1, não, não, eu não estou no não, não, não sei o quê, certo? Não estou na cabeça de quem realizou os sonhos, mas obviamente há interesses políticos, certo?*

*Porque? Porque aqui, como em todo lugar, ei, existem grupos, não os políticos, os partidos, os governantes têm grupos do que Evo Morales os batizou de guerreiros digitais, ele mesmo os batizou, não existem guerreiros digitais, não de todas as cores, então primeiro isso responde ao planejamento e eu tenho, tenho 100% de certeza, tenho, tenho, tenho conhecimento, mas não, não duvido absolutamente nem um pouco.*

*Que esses guerreiros existem porque eu tenho gente que trabalha lá, tenho amigos que trabalham lá, quando eu falo que tenho gente, tenho gente conhecida, tenho amigos que foram de um lado ou de outro, você entende que sim, eu sei que eles existem, então isso responde ao planejamento, responde ao planejamento de um ataque virtual, não à geração de conteúdo desinformante, à geração de conteúdo desinformante a favor e contra fulano de tal e neste caso Evo Morales. Isso não pode ser negado, isso existe.*

*E existiu.*

*Agora, atualmente, Evo contra Arce, contra os prefeitos, contra os governadores, enfim.*

*Mas também não se pode negar que também existe um movimento espontâneo, um fenômeno espontâneo que é, como dei o exemplo da pessoa que.*

*Ele está andando na rua e vê, por exemplo, um protesto e ao invés de dizer 10 tipos, a pessoa amplia pensando que viu 100 e gerou fake news e gerou desinformação. Ou ele vem e fala que de repente ouviu que estão roubando votos em Yagua por te contar alguma coisa, é uma cidade de Oruro, uma cidade mineira por excelência, digo isso para dar qualquer exemplo, porque não estou dizendo para mim mesmo, eu poderia ter dito e tem água ou paz ou Santa Cruz, não importa a cidade.*

*Mulher, gente e você ouviu, ouviu errado, ouviu falar da notícia que dura 2 minutos, ouviu 5 segundos e de repente a pessoa já publica que desinforma, manda, aí é uma geração espontânea, então eu acho é ambos, não ambos.*

*E aí vou te mandar um áudio agora mesmo contando o que aconteceu depois.*

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** Ya luego él te decía el tema del posterior es porque. Porque posteriormente a las elecciones y luego cuando vino esto, no sé si lo quieres tomar en cuenta para tu análisis y tu respuesta después de la elección. Cuando alegó, se le acusó de fraude porque pasaron una serie de hechos, no, yo me acuerdo que ese tiempo yo estaba trabajando como como director de contenidos de un periódico de Cochabamba que se llama el periódico los tiempos, aunque yo trabajaba desde la paz y fui a cubrir me acuerdo la la la emisión de la de las primeras Resultados no y se cortó la luz y no había o el sistema y todo era muy raro,

entonces él todo eso empezó a generar una serie de informaciones y luego vino los conflictos y era era realmente atroz.

Ahí sí, la desinformación, es decir, si antes había imperado la desinformación con la época de la elección, ahí se triplicó. No sé, no tengo estudios para saber cuánto, pero triplicó, quintuplicó o llamarle cuántos porcent pone un porcentaje x.

Pero era atroz, estás viviendo en un barrio y resulta que el barrio tiene una parte alta y una parte baja. No me refiero parte alta y parte baja de bajas o si baja clase social, alta clase social, me refiero ubicación, entonces arriba y abajo lo ve y Ponte que arriba era la gente un poco más ligada con el más y abajo estaba la gente más ligada con los Pittsburgh, tu barrio estaba al medio, entonces resulta que te llegaba una información a tu grupo de whatsapp que te decían, están bajando las hordas de la gente del MAS A quemar las casas.

Y luego te llegaban otro mensaje que decía, la gente de abajo, es decir, la gente relacionada con pitas, está subiendo a enfrentarse, o sea, escóndanse porque llevan armas, entonces era una locura, era una locura. Era similar a lo que pasó con el COVID, no que empezaron a desinformar por todos lados. Y qué sé yo, entonces eso ahí la fe no estuvo, pero uf.

Desinformación fake news dice pasaban video que yo creo que tú sabes militares recorriendo las calles patrullando, lanzando gases y todo y eran videos de otros lugares, eran videos de de otros sitios. Yo yo hice en ese entonces un un estudio me contrataron para hacer un estudio y habían incluso videos que eran de militares chilenos y se decían que eran militares de que estaban tomando el alto.

Y eso sin sin sin sin dejar de de mencionar también el rol de algunos medios de comunicación, algunos medios de comunicación que que pues Pro gobierno o antigobierno que se parcializan absolutamente no fue muy muy bullado del caso que había una protesta en el Prado y el periodista de un canal de televisión extranjero. Eh no, no diré el nombre del canal hizo que los protege, que la gente protestara en ese momento para filmarlos y después y después se fueron y eran 3 pelagatos que estaban HP. Prestando no es complicado, pero eso quizás te sirva como complemento.



*O assunto que dizia é porque. Porque depois das eleições e quando isso aconteceu, não sei se vocês querem levar isso em consideração na sua análise e na sua resposta depois das eleições. Quando ele alegou, foi acusado de fraude porque aconteceu uma série de fatos, não, lembro que naquela época eu trabalhava como diretor de conteúdo de um jornal de Cochabamba chamado jornal Los Tiempos, embora trabalhasse em La Paz. e Fui cobrir lembro da transmissão dos 12 primeiros.*

*Não teve resultado e faltou energia e não tinha sistema e ficou tudo muito estranho, aí tudo isso começou a gerar uma série de informações e aí vieram os conflitos e foi realmente atroz. Aí sim, desinformação, ou seja, se a desinformação já havia prevalecido na época da eleição, ali triplicou. Não sei, não tenho estudos para saber quanto, mas triplicou, quintuplicou ou chame quantos percentuais um percentual x representa.*

*Mas foi atroz, você está morando em um bairro e acontece que o bairro tem uma parte alta e um centro. Não me refiro à parte superior e inferior à parte inferior ou se classe social baixa, classe social alta, quero dizer localização, então para cima e para baixo você vê e entende que acima estavam as pessoas um pouco mais ligadas a mais e abaixo estavam as a maioria ligada ao Pittsburgh, seu bairro ficava no meio, então acontece que você recebeu uma informação no seu grupo de WhatsApp que dizia que as hordas da maioria das pessoas de AA estão descendo para queimar as casas.*

*E aí você recebeu outra mensagem que dizia, as pessoas de baixo, ou seja, as pessoas relacionadas às pitas, estão subindo para se confrontar, ou seja, se escondem porque têm armas, então foi uma loucura, foi uma loucura. Foi semelhante ao que aconteceu com o COVID, não que eles tenham começado a espalhar desinformação por toda parte.*

*Dessa informação, sem notícias, diz que mostraram vídeos que eu acho que vocês conhecem, soldados patrulhando as ruas, jogando gasolina e tudo mais e eram vídeos de outros lugares, eram vídeos de outros lugares. Naquela época eu fiz um estudo, me contrataram para fazer um estudo e tinha até vídeos que eram de soldados chilenos e diziam que eram soldados que estavam depondo.*

*E isso sem deixar de mencionar também o papel de alguns meios de comunicação, alguns meios de comunicação, muito bem, pró-governo ou anti-governo absolutamente tendenciosos não fizeram muito barulho no caso de haver protesto no Prado e do jornalista de uma emissora de televisão estrangeira. Eh não, não vou dizer o nome do canal que os protege, que as pessoas protestaram naquele momento para filmá-los e depois eles foram embora e eram 3 idiotas. Não é complicado, mas talvez isso o ajude complementar.*

**Lydia Abud Lopes:** A partir de los hechos que ha observado, ¿considera que las fake news son utilizadas como estrategia de desestabilización política sólo por la derecha o la extrema derecha? ¿O la izquierda también los utiliza contra sus oponentes?

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** No, de todos lados de todo el lado, derecha, izquierda, extrema-derecha, izquierda radical o extrema-izquierda, como le quieras llamar. No, de todos lados de todos lados y tanto de una forma planificada como como te comentaba recién en la pregunta, creo que la pregunta dos o 3 o también de la forma espontánea y evidentemente, por un lado, es un se responde, pues responde una estrategia.

No solamente o únicamente para el estabilizar y educacional. Eh, no, yo no digo que sea para cocinar el caos, pero sí digo que es para afectar. Sí digo que es para ocasionar algún tipo de impacto en la gente. Impacto en la opinión pública. ¿Me entiendes entonces?

Y para un lado para otro, y esto lo hacen los políticos de derecha, los políticos de izquierda y también buscan estabilizar en un país como Bolivia, que Hemos tenido un presidente que escapó en la guerra del gas y te hemos tenido otro presidente que también se fue, que huyó el Que hago referencia el primero a Gonzalo Sánchez de Lozada y ahora al Evo Morales no, y tenemos a un protesta si tenemos frescas las muertes de de tanta gente ocurría en el 2019.

Eh, es fácil, es fácil lanzar este tipo de de de de estrategias para poder ocasionar El que se encrespa en las aguas y a río revuelto ganancia de pescadores. Entonces siempre siempre, siempre existe ese riesgo, no ese riesgo y yo creo que sí, que es una estrategia de desestabilización, pero estrategia es también para impedir procesos y también estrategias para ocultar muchas cosas.

*Não de todos os lugares, de toda direita, esquerda, extrema direita, esquerda, radical ou extrema esquerda, como você quiser chamar, não de todos os lugares, de todos os lugares e ambos de forma planejada e como acabei de mencionar na pergunta, eu acreditar na questão dois ou três ou também espontaneamente e obviamente, por um lado, é um sim.*

*Por favor responda, responderemos con una estrategia.*

*Não única ou exclusivamente para fins estabilizadores e educacionais. Eh, não, não estou dizendo que é para causar o caos, mas é para afetar. Sim, eu digo que é para.*

*Causar algum tipo de impacto nas pessoas? Impacto na opinião pública, você me entende então?*

*E de um lado para o outro, e isso é feito por políticos de direita, políticos de esquerda, e também procuram estabilizar um país como a Bolívia, que.*

*Tivemos um presidente que escapou da guerra do gás e tivemos outro presidente que também saiu, que fugiu.*

*Refiro-me primeiro a Gonzalo Sánchez de Lozada e agora não a Evo Morales, e temos um protesto se tivermos mortes recentes de tantas pessoas ocorridas em 2019. Eh, é fácil, é fácil lançar este tipo de estratégias isso pode causar.*

*Aquele que transborda as águas e num rio turbulento ganha pescadores. Então há sempre, sempre, sempre esse risco, não esse risco e acredito que sim, é uma estratégia de desestabilização, mas uma estratégia é também para prevenir processos e também estratégias para esconder muitas coisas.*

**Lydia Abud Lopes:** *¿Considera que la renuncia de Evo Morales se produjo porque hubo un golpe de Estado en el país? De ser así, ¿quiénes serían los principales interesados en este golpe?*

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** *Bueno, vámonos a la pregunta, aunque esto acá verán que si considera que la renuncia de Morales ya del a ver yo antes de que hablar de golpe o no de*

golpe yo quisiera referir, quisiera responder así primero No podemos olvidar que el presidente se estaba presentando por 4ª vez. Cuarta vez la Constitución Política del Estado es clarísima, dice que puede ser electo por una sola vez de forma consecutiva, es decir, son dos gestiones.

Este hombre estaba cuatro veces, estaba yendo la cuarta vez, primero, es decir.

¿Hizo todo por el poder, eh? Presentarse nuevamente no que el luego, luego que el Tribunal Constitucional fallara a favor de una de un recurso que declaró que la elección era un derecho humano. Él mismo dijo claramente que si perdía las elecciones o que después del después del proceso el se iba a ir A A crear peces a chiavari, el vicepresidente dijo que se iba a volver a enseñar matemáticas entonces.

¿Antes de empezar a la hora de golpe, es necesario hablar lo que lo que tomar en cuenta lo que digo, no?

Había un presidente que era encargado de cumplir la norma, que no era cumplió, no. Primero, eso ocasionó un descontento en bastantes sectores de la población. Bastantes sectores. ¿No, no tengo el dato, ahorita no me recuerdo mucho a ver, eh?

¿Cuánto hay? Creo que creo que eso sí, la la norma dice claramente en la Constitución, dice que tú para ser electo tienes que tener el 51% de los votos o si no logras el 51% de los votos tiene que lograr tener 10% más De El el que te sigue, no el que te sigue.

El ego sacó 40 y tantos por ciento no les sacó. Creo que Y Mesa que le seguía sacó 30 y tantos. Creo que fue, creo que fue por favor, precisó. Ese dato creo que fue Morales 46 o 47, llevo sacó 30 y perdón Y me sacó 36 de pico, es que tenemos que Si lo quieres ver de una forma simplista de cada 10 bolivianos, cuatro comayagua apoyan a Morales y de cada 10 bolivianos 3 coma y algo apoyan a Mesa si lo debemos una forma sencilla, entonces hay mucha gente, mucha gente que no apoyaba Morales y mucha gente que no estaba de acuerdo con la con con que él se volviera a presentar.

Que participó en las elecciones, claro, porque tenía que sufragar en contra entonces. Tenemos una situación de un presidente que no cumplió la ley, que se saltó los procedimientos, se saltó la norma, se saltó la condición política, no Llegó con eso, no logró la mayoría absoluta,

evidentemente sacó un porcentaje menor, pero que le permitía ser presidente, pero la gente se cansó.

Estamos hablando de civiles, no la gente se cansó, yo te aseguro que la persona que paraba en la esquina, esa señora de la tienda que sacaba su silla para parar forma pacífica, no la estaba pagando en el imperio no le estaba pagando nada, que no se puede negar que evidentemente habían pues sectores interesados en que saliera Morales, evidentemente no se puede negar tampoco, pero mucha gente salió de una forma espontánea en las calles, mis estudiantes salieron de forma espontánea en las calles, no.

La la las personas que protestaron y marcharon en la zona sur de esta ciudad. Muchísimas personas salieron en una forma espontánea en las calles, gente que apoyaba a Morales en un principio y que luego ya no lo apoyó, salió de una forma espontánea. Las calles, entonces fue una movilización masiva.

Evidentemente desacreditada por el MÁS, indicando que eran ricachones indicando que eran de clase alta, no, pues también había gente campesina de algunos sectores que apoyaban también estas movilizaciones. No ahora.

¿Qué ocurre después? Morales se va. Presiona sí, perdón, perdón antes de antes de empezar a presionar. No se quiere ir. No acepta no acepta. Por último, esto se hubiera calmado si decía, bueno, señores, nos vamos a una nueva elección.

¿Por decirte algo no? Pero insistía, insistía, insistía ante un órgano electoral totalmente desacreditado ante una situación de convulsión en las calles ante una situación de represión en las calles. ¿Qué ocurre ahí? Ocurre que. Evidentemente él era apoyado, tenía el apoyo de sus legisladores.

Pero luego Lo quitan el apoyo de la Fuerza Armada, le quitan el apoyo, ahí es que se dice que hay un golpe de Estado porque las Fuerzas Armadas le quiten el apoyo y le y le lo lo hay, que hay que ver bien la la la La Declaración de las Fuerzas Armadas, pero le quiten el apoyo y por eso es que se dice que fue un golpe militar después, sobre todo porque.

Sube a añez Que era una legisladora que que no tenía mayor trascendencia y bueno, luego le dan la banda y el militar le pone la banda Noé, pero no es que los militares hayan salido de

bueno, yo soy chileno, naturalizado boliviano. Es que no, no, no estamos hablando como un golpe de Estado como lo que ocurrió en Chile o como lo que ocurrió en Bolivia con nuestros pasados. ¿No, entonces no se puede negar esa situación, entonces eso relativiza el término decir que fue un golpe de Estado, me entienden?

Tenemos aquí una persona que no cumple la norma. Que empezó AAA reprimir. Y luego vinieron los militares, le dieron la espalda y entonces él vio que ya no tenía el apoyo. Y una prueba de eso de fijate cómo era la situación era que posteriormente.

Ese va Y sus presidentes de las cámaras también dejan el cargo. ¿Entonces, quién gobernaba este país? ¿Dejan el cargo y acaba quedando, pues la escoba no eh?

Porque, claro, estaban los para él el cerco de la plaza Murillo, que es el corazón político. Y estaban allí y la gente estaba protestando. Yo he cubierto la yo, he cubierto los conflictos, yo he estado aquí cubriendo los conflictos, eso no se lo está contando a nadie. Yo he visto cómo los mineros pro Evo estaban detrás de los militares.

Me entiende que detrás de la de detrás de los uniformados se quieren pueblos y para meter policías y militares no.

Y la gente que protestaba estaba frente a los frente a frente a los uniformados. Y qué ocurría que cuando los mineros prohíbo estaban protestando, lanzan dinamita, yo estaba ahí. Y, qué hacían los uniformados, habrían paso, lanzaban y volvían a cerrar el paso.

¿Entonces era una cosa complicadísima, me entiendes? ¿Y eso no era, pues no le puede decir que eso es una acción de un golpe de Estado, me entiendes? O que las Fuerzas Armadas o que la policía estaba en contra del presidente por ese rato estaba totalmente a favor, no, lo que pasó fue que esta situación fue insostenible, insostenible, entonces no podemos descartar, yo creo que se habla muy, muy por un lado Y ideológicamente es casi imposible no hacerlo y Por otro lado, también se hablas muy alegremente muy ligeramente del golpe de Estado y muchas personas quizás no, no, no entienden la magnitud del asunto, me entiendes?

Eh.

Hay algunos que hablan de un golpe de Estado suave soft no que que no no salieron los militares. En realidad lo que lo que fue el presidente se empecinó en estar en control del del no

cederá absolutamente nada, no concertar de merecen y cuando se dio cuenta que tenía que hacer o ya era muy tarde porque la gente ya estaba fuera.

Porque el pedido inicialmente era fraude, no le pedía que se fuera, que es algunos sectores decían que se vaya, pero era fraude, reclamaban contra la adicción al principio antes se reclamó contra la que él se postulara después que se perdió esa batalla Vámonos A presentar a votar, se vota y luego.

Después de los resultados, fraude, pero no decían Evo Chao, no fraude.

Y si hay dudas, pues se convoca una elección nueva. Creo que no, eh.

Pero en este caso no se hizo, no se llevó el asunto y luego se dejó a Bolivia en un estado, pero de es como que si los niños son abandonados por el padre y la madre porque están divorciados y ustedes se las arreglan, no vayan a hablar con el tío abuelo que vive ¿De 10 cuerdas de tu casa? No, eso es lo que pasó en Bolivia.

Entonces es importante mencionar, creo que entender el contexto para tratar bien los términos, no eso es.

*Bem, vamos à questão, embora aqui vocês vejam que se considerarem que a renúncia de Morales já é algo a que gostaria de me referir antes de falar de repente ou não de repente, gostaria de responder assim primeiro.*

*Não podemos esquecer que o presidente concorreu por 4 vezes.*

*Pela quarta vez, a Constituição Política do Estado é muito clara, diz que ele só pode ser eleito uma vez consecutiva, ou seja, são dois mandatos.*

*Esse homem foi quatro vezes, ele ia pela quarta vez.*

*Fez tudo pelo poder, eh?*

*Depois, depois que o Tribunal Constitucional decidiu a favor de um recurso que declarava que a eleição era um direito humano. Ele mesmo disse claramente que se perdesse as eleições ou*

*que depois do processo ia sair, o vice-presidente disse que a matemática voltaria a ser ensinada naquela época.*

*Antes de começar a acertar a hora é preciso falar sobre o que eu falo, certo?*

*Houve presidentes encarregados de cumprir a norma, que não foi cumprida, não de primeira, o que causou descontentamento em muitos setores da população. Alguns setores. Não, não tenho a informação, no momento não me lembro de muita coisa, né?*

*Quantos são? Acho que acredito que sim, a norma diz claramente na Constituição, diz que para ser eleito tem que ter 51% dos votos ou se não conseguir 51% dos votos tem que conseguir mais 10%.*

*Evo obteve 40 e poucos por cento, mas não os conquistou. Acho que Mesa ao lado dele teve 30 e alguma coisa. “Acho que foi, acho que foi, por favor”, disse ele. Acho que esses dados eram Morales 46 ou 47, eu tirei 30 e desculpe e deu 36.*

*Se você quiser ver de uma forma simplista, de cada 10 bolivianos, quatro apoiam Morales e de cada 10 bolivianos, 3 apoiam Mesa se devemos isso de forma simples, então há muitas pessoas, muitas pessoas que não apoiaram Morales e muitas pessoas que não concordaram com sua nova candidatura.*

*Que ele participou das eleições, claro, porque teve que votar contra.*

*A gente tem uma situação de presidente que não cumpriu a lei, que pulou procedimentos, pulou norma, pulou condição política, não.*

*Ele chegou com isso, não conseguiu a maioria absoluta, evidentemente obteve um percentual menor, mas isso lhe permitiu ser presidente, mas o povo cansou.*

*Estamos falando de civis, garanto que a pessoa que parou na esquina, aquela senhora da loja que tirou sua cadeirinha para parar tranquilamente, não estava pensando ela no império, eu não estava pensando ela qualquer coisa, não se pode negar que obviamente havia setores*



*interessados na saída de Morales, evidentemente também não se pode negar, mas muita gente saiu espontaneamente nas ruas, meus alunos saíram espontaneamente nas ruas.*

*As pessoas que protestaram e marcharam na parte sul desta cidade. Muitas pessoas saíram espontaneamente nas ruas, pessoas que inicialmente apoiaram Morales e depois deixaram de apoiá-lo, saíram espontaneamente. As ruas, então foi uma mobilização espontânea enorme.*

*Evidentemente desacreditados pela maioria, indicando que eram ricos, indicando que eram da classe alta, não, pois também havia camponeses de alguns setores que também apoiavam essas mobilizações. Não agora.*

*O que acontece depois? Morales vai embora.*

*Finalmente, tudo teria se acalmado se eu dissesse, bem, senhores, vamos para novas eleições.*

*Mas ele insistiu, insistiu, insistiu diante de um órgão eleitoral que estava totalmente desacreditado diante de uma situação de convulsão nas ruas diante de uma situação de repressão nas ruas. O que acontece lá? Acontece isso.*

*Obviamente ele foi apoiado, teve o apoio dos seus legisladores.*

*Mas logo as Forças Armadas lhes tira o apoio, por isso dizem que tem golpe de estado porque as Forças Armadas lhes tiraram o apoio, e tem que olhar com cuidado a declaração das Forças Armadas, mas tiraram-lhes o apoio e por isso se diz que depois foi golpe militar.*

*Que ela (Jeanine Áñez) era uma legisladora que não tinha grande importância e bem, aí deram a faixa para ela e o soldado deu a faixa de Noé, mas não é que os militares tenham saído bem, sou chileno, boliviano naturalizado. A questão é que não, não, não estamos falando de um golpe de Estado como o que aconteceu no Chile ou o que aconteceu na Bolívia no nosso passado. Não, então não dá para negar aquela situação, então isso relativiza o termo para dizer que foi um golpe de estado, entende o que quero dizer?*

*Temos aqui uma pessoa que não cumpre a norma.*

*E aí vieram os militares, viraram as costas para ele e aí ele viu que não tinha mais apoio. E a prova disso, olha como estava a situação, foi isso depois. Aquilo vai. E seus presidentes de câmara também deixam o cargo. Então, quem governou este país? Eles saem do cargo e acaba ficando, enfim, vazio né?*

*Porque, claro, foram contra o cerco à Plaza Murillo, que é o coração político.*

*E eles estavam lá e as pessoas protestavam. Eu cobri, eu cobri os conflitos, estive aqui cobrindo os conflitos, não estou contando isso a ninguém. Vi como os mineiros pró-Evo que apoiavam os militares.*

*Você me entende por trás dos uniformizados, eles querem cidades e não colocam policiais e militares.*

*E as pessoas que protestavam estavam lá. Cara a cara com quem está uniformizado. E o que aconteceu foi que quando os mineiros ilegais protestaram, atiraram dinamite, eu estava lá.*

*E o que os fardados faziam, eles passavam, lançavam e fechavam a passagem novamente. Então foi uma coisa muito complicada, entendeu? E isso não foi, bom, você não pode dizer a ele que isso é uma ação de golpe de estado, entendeu? O que as Forças Armadas achavam que a polícia estava contra o presidente naquela época era totalmente a favor, não, o que aconteceu foi que essa situação era insustentável, insustentável, então não podemos descartar, acredito que se fala muito, muito de um lado.*

*E ideologicamente é quase impossível não fazê-lo e por outro lado, também falamos muito alegremente e muito levemente sobre o golpe de Estado e muitas pessoas talvez não, não, não entendem a magnitude do assunto, você me entende?*

*Há quem fale de um golpe de Estado suave, não que os militares não tenham saído.*

*Na realidade, o que o presidente estava determinado a controlar e quando percebeu o que tinha que fazer já era tarde porque o povo já estava nas ruas.*

*Porque o pedido inicialmente era uma fraude, não pedia para ele sair, que foi o que alguns setores disseram que ele deveria sair, mas foi uma fraude, reclamaram do vício no início antes de reclamarem dele correndo depois daquela batalha perdida. Vamos aparecer para votar, votar e depois. Depois dos resultados, fraude, mas não falaram Evo tchau, falaram fraude, não?*

*E se houver dúvidas, uma nova eleição é convocada. Mas neste caso não foi feito, o assunto não foi abordado e aí a Bolívia ficou num estado, mas é como se os filhos fossem abandonados pelo pai e pela mãe.*

*Então é importante mencionar que acho importante entender o contexto para tratar bem os termos.*

**Lydia Abud Lopes:** Aún sobre las elecciones de 2019, una serie de audios revelados por el diario El Periódico muestran a un interlocutor que habla de un supuesto “hombre de confianza de Jair Bolsonaro, que asesora a un candidato presidencial”. Si bien el audio no revela el nombre de este “hombre de confianza” del gobierno brasileño, llama la atención que a partir de mayo de 2019 Itamaraty sostuvo frecuentes conversaciones con el líder Luis Fernando Camacho. Hay evidencia de métodos utilizados por los opositores de Evo que son similares a los métodos utilizados en la campaña de Bolsonaro en Brasil, incluido el uso intenso de noticias falsas contra los opositores. ¿Cree que hubo apoyo del entonces gobierno brasileño a la campaña de Carlos Mesa en 2019?

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** A ver respecto a la última pregunta.

Es que pasa es que yo no creo que se deba indicar que los opositores son los demonios y Evo y el MÁS es unos simples corderos, no ve o al revés, tampoco se puede decir que el ego es el malévolo andante o maquiavélico, por muy maquiavélico que sea y pues el los opositores son los dulces corderitos lo eh no no no, para ni un ni para ninguno ni para el otro. Entonces yo con la pregunta que está planteada acá yo yo hago esta salvedad primero segundo.

Evidentemente que ¿Esto es mi criterio personal que Camacho, pues tenía sus asesores no y yo conocía este este asunto de la cercanía que había respecto a Camacho con algunas personas

relacionadas con Jair Bolsonaro y todo lo demás, no, entonces, pero no sé, no sé si recibió o no recibió, eh, he cómo se llama asesoramiento Camacho de de de Del entonces, por un lado no lo sé, no tengo idea, no?

¿El segundo no te podría responder que sí creo que hubo apoyo del entonces gobierno brasileño de la campaña? No, no podría, no podría. ¿Por qué? Porque realmente no es algo que yo lo he analizado y creo que no, no no, no estaría a la altura de una respuesta correcta, tendría que estudiarlo, leerlo bien, enterarme bien del asunto. ¿Estoy hablando de Carlos Mesa? No, no, no, no, no podría decírtelo, pero sí porque no, no, no, no, no sería muy. Muy correcto, muy prudente, no sería muy profesional, esa es la palabra. No sería muy profesional responderte algo que ahorita lo digo, pero por lo poco y nada que he leído sobre mesa y la posibilidad de que haya recibido o no haya recibido apoyo de de de Del gobierno brasileño, no lo sé, pero que evidentemente Hay 1111 quizás un acercamiento, un vínculo entre algunos sectores de la derecha brasileña con respecto a la derecha cruceña, pues no se puede negar, no eso eso.

¿Por qué? Porque incluso salió, hizo público y todo aquello no, pero eso sería.

*Vamos ver sobre a última pergunta.*

*Acontece que não creio que se deva indicar que os adversários são demônios e eu os elevo e a maioria são simples cordeiros, eles não veem ou vice-versa, nem se pode dizer que o ego é o errante malévolo ou maquiavélico, por muito maquiavélico que seja e bem os adversários são os cordeirinhos doces, eh não não não, nem para um nem para nenhum nem para outro. Então, com a questão que é colocada aqui, faço esta ressalva em primeiro e segundo lugar.*

*Evidentemente que.*

*Essa é minha opinião pessoal que o Camacho, porque ele tinha os assessores dele, não, e eu sabia dessa questão da proximidade que havia do Camacho com algumas pessoas ligadas ao Jair Bolsonaro e tudo mais, não, então HP, mas eu não sei lá, não sei se ele recebeu ou não recebeu, né, qual é o nome do conselho do Camacho do Del's então, por um lado eu não sei, não faço ideia, né?*

*O segundo não poderia responder que acredito que houve apoio do então governo brasileiro à campanha? Não, eu não poderia, não poderia. Porque? Porque não é realmente uma coisa que eu analisei e acho que não, não, não, não seria ao nível de uma resposta correta, eu teria que estudar, ler bem, entender bem o assunto. Estou falando de Carlos Mesa? Não, não, não, não, não poderia te contar, mas sim porque não, não, não, não, não seria muito.*

*Muito correto, muito prudente, não seria muito profissional, essa é a palavra. Não seria muito profissional responder algo que estou dizendo agora, mas pelo pouco e nada que li sobre a mesa e pela possibilidade de ter recebido ou não apoio do governo brasileiro, não sei, mas obviamente.*

*Há talvez uma aproximação, uma ligação entre alguns setores da direita brasileira com relação à direita de Santa Cruz, bom, não se pode negar, isso não.*

*Porque? Porque até saiu, foi divulgado e nem tudo isso, mas seria isso.*

**Juan Eduardo Araos Chaparro:** Supongo que bueno, esas serían las preguntas. Creo que es fundamental resumir todas mis respuestas, ¿verdad? ¿Ey? En primer lugar, creo que este tema de la desinformación va en ambos sentidos, ¿no? Bueno, por un lado, por un lado. Ni siquiera algunos son tan malos.

Ni siquiera los demás son tan buenos y viceversa.

En segundo lugar, negar que en algunos casos exista una intencionalidad clara sí lo es. Es como intentar, intentar tapar el sol con el dedo, aunque la frase parezca cliché, no, no, no podemos ser ingenuos. Sin embargo no podemos ser ingenuos para que en su ideal distorsionen la capacidad de movilización del pueblo, no cuando hablo del pueblo, obviamente hay intereses y obviamente hay sectores que se movilizan y tipifican, no, teníamos un caso entre paréntesis, yo No sé si lo sabías. En el caso de Rocha, si no lo sabes, haz una búsqueda en Google e investiga un poco en Google.

El mini del que fue embajador de Estados Unidos. Y Cosa increíble, estamos hablando de las elecciones del año 2000, que hicieron presidente al presidente Sánchez de Lozada en el año 2000.

2012 1003 Rocha fue embajador, estoy entre paréntesis, ¿no? Y luego muestra claramente el poder del imperio, pero mira que complicado es si tienes alguna idea, bueno ya lo sabes, pero tal vez no sabes cómo terminarlo, yo termino la idea con eso.

Fue.

El candidato era Gonzalo Sánchez de Lozada, por la derecha estaba Evo Morales, quien era diputado cocalero. Líderes del MAS.

Y estaba Manfred Reyes Villa, que en ese momento también era un político de derecha de Cochabamba, el actual alcalde que durante la era Evo tuvo que irse del país porque lo acusaban de corrupción y cosas así. ¿Qué sucedió? Todas las encuestas daban que Gonzalo Sánchez de Lozada y Manfred Reyes Villa iban a ganar las elecciones, iba a haber una disputa ¿no? Luego demostraron que Manfred podría ser el gran ganador de las elecciones.

¿Y qué pasó, qué pasó?

Sale el embajador, embajador Rocha, embajador de Estados Unidos, y dice que no recuerdo exactamente, creo que fue en un almuerzo en alguna institución, no fue una conferencia, fue algo, no recuerdo Exacto, hay que buscarlo en Google y dijo que advirtió. Hizo la advertencia diciendo: tengan cuidado de no votar por Morales, porque eso acortaría mucho el proceso. El apoyo americano llegó en un momento en que Estados Unidos estaba muy involucrado, no había base para cubrir el tema de las drogas, el tema del desarrollo alternativo y muchas cosas.

Bueno, esto tuvo un impacto tan grande que todos los analistas coinciden en que estas declaraciones pretendían tener un impacto para que Evo Morales subiera en la votación.

¿Qué pasó para que a Connie Gonzalo Sánchez de Lozada se le dificultara el voto y se quedara? Pero mucha gente que apoyó el voto que le dio el voto a Manfred se lo dio a Evo de esta manera, en las elecciones Gonzalo Sánchez de Lozada quedó primero, segundo fue para Evo y tercero quedó Manfred.

¿Que ha pasado ahora? Se supo que el embajador Rocha era un espía cubano que llevaba muchos años trabajando. No sé cuántos 30, no sé cuántos años para el Gobierno de Cuba.

Y lo identificaron, Estados Unidos lo arrestó recientemente, así que imagínense que esto obviamente fue orquestado. ¿Para beneficiar a quién? Bueno, obviamente Sánchez de Lozada, pero también podemos decir que si Cuba estuviera allí querrían favorecer a Evo Morales. Aquí se hace la pregunta, la pregunta que hay que hacerse es: ¿Sabía esto Evo Morales?

Porque es increíble que un embajador estadounidense que era espía se parezca a James Bond y no a un espía cubano.

Hace una declaración que obviamente favorece al candidato capitalista De derecha, entonces todo el mundo en El Mundo hace 20 años hablaba claro, lo favorecía por la embajada y favorecía a la derecha agonizante, que en realidad habla con acento extranjero porque vivió mucho tiempo en Estados Unidos, pero en La realidad ahora nos damos cuenta de que quizás su objetivo no era favorecer, ya que el objetivo del extranjero era favorecer a Evo Morales. ¿Por qué? Por qué pasó esto, si no hiciera esa afirmación, sería posible que aborales quedara en tercer lugar y no en segundo lugar.

Ningún segundo lugar habría sido Manfred y es posible que Manfred hubiera sido presidente y es posible que lo fuera.

La historia de Bolivia no hubiera sido la que tenemos ahora.

Y entonces tienes un impacto absoluto, pero ya no es el imperio extranjero. Aunque parecían del imperio gringo, eran cubanos, así que eso también hay que tenerlo en cuenta. No lo puse entre paréntesis porque es importante saberlo.

Por un lado existe la planificación, estos, estos todos estos planes y estas estrategias, no, pero por otro lado también me gusta el caso que les di ahora, pero por el otro Por otro lado, también está la generación espontánea y la gente que se queja y la gente que está harta y la gente que está aburrida de la situación.

Por no decir que lo que está pasando ahora en Bolivia es, sí, es algo increíble, no teníamos a Evo Morales y ya no lo tenemos, no apareció, evidentemente estuvo allí Autoexiliado y conquistado. Presidente, fue ministro de Economía de Evo Eterno.

Y ahora están completamente divididos.

Y son ellos los que parecen totalmente separados. Actualmente estamos en un corte de ruta que comienza el lunes, un inicio que impulsa al Evo, el sector Evo lo impulsa.

¿Por qué para qué? ¿Exigentes llamados a elecciones judiciales? Y de todos modos, pero el mundo entero.

A diferencia de Evo, lo que coincide es que lo que realmente quiere es volver a hacer un cambio en los jueces.

¿Que por cierto ya ha vencido su mandato, se no se puede negar, pero para que él en algún momento sea del nuevamente favorecido, por qué? Porque hace poco, en diciembre del año pasado, el Tribunal Constitucional declaró echó por tierra la anterior sentencia y que permitía a Evo presentarse 1000 veces a la reelección. Ahora ya no se puede presentar, en fin, muchas cosas, quizás me fui Por otro lado de la charla, pero es que es un tema que apasiona en cualquier momento y a todos no, entonces ojalá que te ayude, ojalá que te sirva.

El, te voy a mandar mis datos en otro apoyo y ya estamos.

*Acho que bem, essas seriam as perguntas. Acho que é algo fundamental resumir todas as minhas respostas, certo? Ei? Em primeiro lugar, acho que essa questão da desinformação vai nos dois sentidos, né?*

*Pois, por um lado, por uma questão.*

*Nem mesmo alguns são tão ruins.*

*Nem mesmo os outros são tão bons e vice-versa. Em segundo lugar, negar que haja intencionalidade clara em alguns casos é.*



*É como tentar, tentar tapar o sol com o dedo, embora a frase possa parecer clichê, não, não, não podemos ser ingênuos. Contudo, não podemos ser ingênuos para que no seu ideal e desvirtuem a capacidade de mobilização do povo, não quando falo do povo, obviamente há interesses e obviamente há sectores que mobilizam e digitam, não, tivemos um case parênteses, não sei se você sabia do caso Rocha (Manuel Rocha ex-embaixador dos EUA na Bolívia, está sendo acusado de atuar como agente cubano por mais de 40 anos), se não sabe, faça uma pesquisa no Google.*

*Uma coisa incrível, estamos falando das eleições de 2000, que fizeram do presidente Sánchez de Lozada presidente de 2000.*

*Rocha foi embaixador, estou entre parênteses, certo? E aí mostra claramente o poder do império, mas olha como é complicado se você tiver noção, bom você já sabe, mas talvez não saiba como terminar, vou finalizar a ideia com isso.*

*O candidato era Gonzalo Sánchez de Lozada, à direita estava Evo Morales, que era o deputado cocaleiro.*

*Líderes da maioria.*

*E tinha Manfred Reyes Villa, que na época também era um político de direita de Cochabamba, o atual prefeito que durante a era Evo teve que deixar o país porque o acusavam de corrupção e coisas assim. O que aconteceu? Todas as pesquisas mostravam que Gonzalo Sánchez de Lozada e Manfred Reyes Villa iam ganhar as eleições, ia haver uma disputa, certo? Depois mostraram que Manfred poderia ser o grande vencedor das eleições.*

*E o que aconteceu, o que aconteceu?*

*Sai o embaixador, embaixador Rocha, embaixador dos Estados Unidos, e indica que não me lembro bem, acho que foi num almoço em alguma instituição, não foi uma conferência, foi alguma coisa, não lembro bem, você tem que pesquisar no Google e ele disse que alertou. Ele emitiu o alerta dizendo: tome cuidado para não votar em Morales, porque isso encurtaria muito o processo. O apoio americano foi num momento em que os Estados Unidos estavam*

*muito envolvidos, aqui não tinha base para cobrir a questão das drogas, a questão do desenvolvimento alternativo e muitas coisas.*

*Pois bem, isso teve um impacto tão grande, todos os analistas concordam que estas declarações pretendiam causar um impacto para que Evo Morales subisse na votação.*

*O que aconteceu para que Connie Gonzalo Sánchez de Lozada tenha tido seu voto difícil e ele permaneceu? Mas muitas pessoas que apoiaram o voto que deu o voto ao Manfred deram-no ao Evo dessa forma, nas eleições Gonzalo Sánchez de Lozada foi o primeiro, o segundo ficou para o Evo e o terceiro foi o Manfred.*

*O que aconteceu agora? Soube-se que o Embaixador Rocha era um espião cubano que trabalhava há muitos anos. Não sei quantos 30, não sei quantos anos para o Governo de Cuba.*

*E eles identificaram-no, os Estados Unidos prenderam-no recentemente, então imaginem que evidentemente isto foi orquestrado.*

*Para beneficiar quem? Bem, obviamente Sánchez de Lozada, mas também podemos dizer que se Cuba estivesse lá queriam favorecer Evo Morales. Aqui você faz a pergunta, a pergunta que deve ser feita é: Evo Morales ele sabia disso?*

*Porque é incrível que um embaixador dos EUA que era espião se pareça com James Bond e não com um espião cubano.*

*Ele dá uma declaração que obviamente favorece o candidato capitalista.*

*Da direita, então todo mundo 20 anos atrás falou com clareza, ele favoreceu por causa da embaixada e ele favoreceu a direita, que aliás fala com sotaque gringo porque morou muito tempo nos Estados Unidos, mas na realidade agora percebemos que talvez o seu objetivo não fosse favorecer, já que o objetivo do gringo era favorecer Evo Morales. Porque? Por que isso aconteceu, se ele não deu essa declaração, seria possível que Evo Morales estivesse em terceiro lugar, e não em segundo lugar.*

*No segundo lugar teria sido Manfred e é possível que Manfred tivesse sido o presidente, é possível que sim.*

*A história boliviana não teria sido a que temos agora.*

*E aí você tem um impacto absoluto, mas não é mais o império. Embora parecessem ser do império, eram cubanos, então isso também deve ser levado em consideração. Coloquei entre parênteses porque é importante saber isso.*

*Por um lado tem a digitação, tem o planejamento, esses, esses todos esses planos e essas estratégias, não, mas por outro lado também gosto do caso que eu te dei agora, mas por outro lado por outro lado há também a geração espontânea e as pessoas que reclamam e as pessoas que estão fartas e as pessoas que estão entediadas com a situação.*

*Para não dizer que o que está acontecendo agora na Bolívia é, é, é algo incrível, não tínhamos Evo Morales e não o tínhamos mais, ele não apareceu, evidentemente ele estava lá.*

*Auto-exilado.*

*O presidente (atual) foi ministro da Economia de Evo.*

*Eterno.*

*E agora eles estão totalmente divididos.*

*E são eles que parecem totalmente separados. Neste momento estamos num bloqueio rodoviário que começa na segunda-feira, um começo que impulsiona o Evo, o setor Evo o impulsiona.*

*Por quê? Para quê? Exigindo convocação para eleições judiciais? E de qualquer maneira, mas o mundo inteiro ao contrário de Evo, o que coincide é que o que ele quer mesmo é fazer novamente uma mudança nos juízes.*

*Que aliás o mandato dele já expirou não se pode negar, mas para ele ser mais uma vez favorecido, por quê? Porque recentemente, em dezembro do ano passado, o Tribunal Constitucional declarou que anulou a decisão anterior e que permitiu a Evo concorrer à reeleição 1.000 vezes. Talvez eu tenha passado para outro lado da palestra, mas é um tema que me apaixona a qualquer momento, então espero que te ajude, espero que te sirva .*